

Cesar Fronzi Ladeira

Memórias do Rock

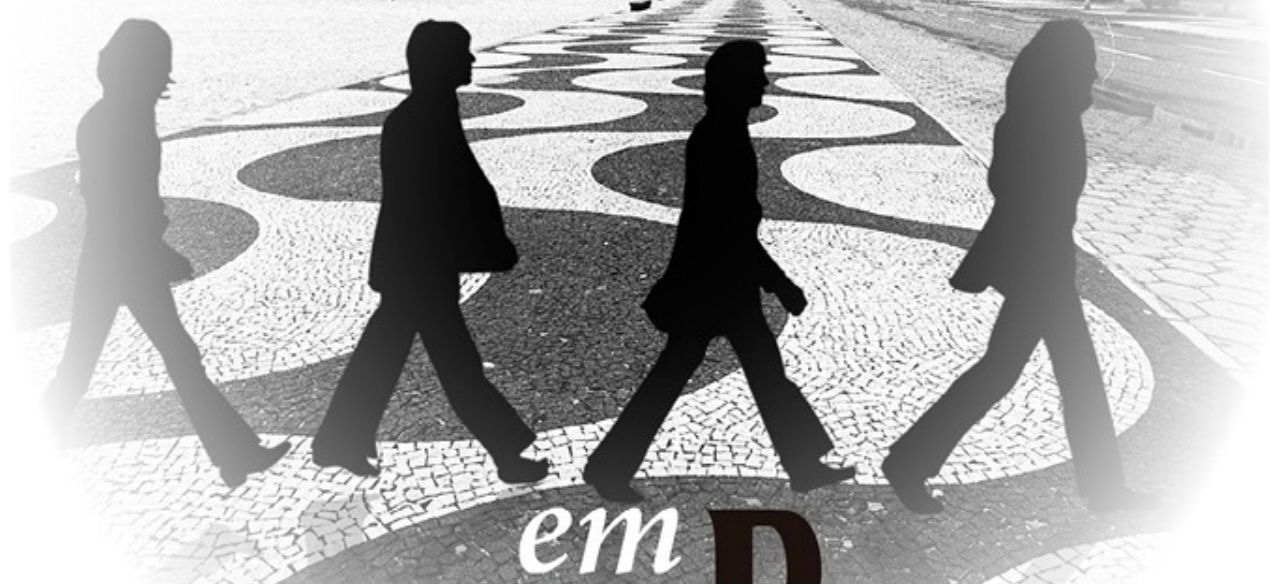
em

COPACABANA





Memórias
do Rock



em
COPACABANA

Copyright © 2021 by Cesar Fronzi Ladeira

Todos os direitos desta edição reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por qualquer processo eletrônico ou mecânico, fotocopiada ou gravada sem autorização expressa do autor.

Planeta Azul Editora



www.planetazuleditora.com.br

e-mail: planetazul2014@yahoo.com.br

Rua Dr. Olinto de Magalhães, 152 F.

Vidigal – Rio de Janeiro – RJ – 22.450-250

Tels.: (21) 2239-1179/ 99996-9067

Revisão e Editoração eletrônica: Planeta Azul Editora

Capa: Cesar Fronzi Ladeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

L154m Ladeira, Cesar Fronzi

Memórias do rock: em Copacabana / Cesar Fronzi Ladeira. -- Rio de Janeiro: Planeta Azul Editora, 2021.

200 p. 14x21 cm

ISBN: 978-65-86180-85-5

1. Ladeira, Cesar Fronzi, 1950 - Biografia. 2. Rock – História e crítica. I. Título: Memórias do Rock em Copacabana

CDD 927

Índice para catálogo sistemático:

1. Ladeira, Cesar Fronzi, 1950 - Biografia 2. Rock – História e crítica

Dedicado ao meu saudoso irmão e grande parceiro Renato, ao meu querido músico e mestre Lincoln e aos Ricardos, Roriz e dos Reis.



Para Carolina, Anna, Fernanda, Luisa e Olivia. Para um dia saberem o que me fez muito feliz...



Sumário

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 – O Passado Importa

Capítulo 2 – A Infância e o Teatro de Revista

Capítulo 3 – O Cadillac e o que Ouvíamos

Capítulo 4 – O Encontro com Chubby Checker

Capítulo 5 – A Feira Mundial de New York, em 64

Capítulo 6 – Os Ensaios e as Diversas Formações

Capítulo 7 – As Apresentações na TV

Capítulo 8 – As Festas, os Shows e os Bailinhos

Capítulo 9 – A Primeira Gravação e um Contrato

Capítulo 11 – A Mudança e a Língua Portuguesa

Capítulo 12 – Sentimentos e Sensações

Bibliografia

O Autor

Prefácio

Por Fernando Rosa, para o Site Senhor F

Nascido no Rio de Janeiro, The Bubbles – formada por Cesar (solo), Renato (ritmo), Ricardão (baixo), logo substituído por Lincoln, e Ricardo (bateria) – é uma das maiores lendas da história do *rock* brasileiro. Desde o início da carreira, em meados dos anos sessenta, a banda passou por todas as fases do *rock* daquela época, da invasão britânica ao *hard rock*, passando pela psicodélica e pelo semiprogressivo. Em 1966, lançaram o raríssimo compacto com as faixas “Não Vou Cortar o Cabelo/Porque Sou Tão Feio”, versões para Los Shakers (Break it All) e Rolling Stones (*Get Out Off My Cloud*), respectivamente.

Após participar de *shows* e programas de TV – abriram para os Herman’s Hermits – e, principalmente, de reinar (ao lado dos Analfabites) no tradicional circuito de bailes na periferia do Rio de Janeiro, acompanharam Gal Costa como banda de apoio. Em 1970, foram assistir ao Festival da Ilha de Wight, e ficaram impressionados com o que viram. De volta ao Brasil, resolveram mudar radicalmente a sonoridade da banda, resultando no clássico compacto simples com as faixas “Sem Nada/18:30 (Parte I)” e “Os Hemadecons. Cantavam em Coro Chôôôôôôô”, lançado em 1971. Nesse meio tempo, a banda participa do histórico álbum “Vida e Obra de Johnny McCartney”, com o cantor da Jovem Guarda, Leno (ex-Leno & Lílían), produzido por Raul Seixas.

Em 1971, ganham o prêmio de melhor banda no Festival Internacional da Canção (FIC), o que garante melhores condições para gravar o primeiro LP, batizado de “Um Passo à Frente” (já reeditado em CD), trazendo um *rock* básico, com algumas faixas numa linha bem progressiva, que saiu em 1973. Nesta época, a banda contava com Pedro Lima (guitarras, harmônicos, vocal), Renato Ladeira (órgão Hammond, Farfisa, Vox, guitarras, vocal), Lincoln Bittencourt (baixo, vocal) e Gustavo Schroeter (bateria, vocal). Em 1975, participaram do lendário festival “Banana Progressiva”, realizado no Teatro da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, entre os dias 29 de maio e 1º de junho.

Em 1977, após alguns altos e baixos e mudanças de formação, gravam seu segundo e último disco – “É Proibido Fumar”, em que adotam uma sonoridade um pouco mais “pesada”, abandonando definitivamente o progressivo. Nesta época, a formação era Renato Ladeira (guitarra, teclados e vocal), Pedro Lima (guitarra), Lincoln Bittencourt (baixo, vocal), Sérgio Herval (bateria). Mas as vendas não foram muito boas, decretando o fim da banda, que ainda tocou como banda de apoio de Erasmo Carlos, em uma turnê pelo Brasil. Renato também integrou o grupo gaúcho Bixo da Seda (ex Liverpool), e depois o Herva Doce, já nos anos 80.

Introdução

Com exceção do autor Nélío Rodrigues, que me desculpem alguns historiadores do *rock* no Brasil e em especial do Rio de Janeiro. Depois dos cantores Cauby Peixoto e Nora Ney, que entraram na onda do *rock and roll* dos anos 50, e de Sérgio Murilo e dos irmãos Celly e Toni Campello, cujas gravações inundaram as rádios brasileiras na virada das décadas de 1950 e 1960, a história do *rock* no Rio de Janeiro, em especial em Copacabana, depois do estouro dos Beatles, ainda carece do testemunho e da visão de seus protagonistas. Aqueles que empunharam as estridentes guitarras elétricas pra embalar com o seu som e sua estética “Made In Carnaby Street ou do Mersey Beat” toda àquela juventude antenada e cheia de sonhos que coloria o Brasil, o Rio e Copacabana.

Na primeira metade dos anos 60 eram apenas alguns conjuntos instrumentais, ou bandas com versões em português e *covers* de grupos internacionais. Tanto na Zona Sul quanto na Zona Norte os garotos e garotas ouviam Beatles e Rolling Stones e mais uma miríade de outros artistas e bandas inglesas ou norte-americanas.

Naqueles dias o que mais se ouvia eram boleros, sambas-canção e música italiana. Ok... A Bossa Nova também engatinhava. Depois do sucesso dos *rocks* e das baladas originais de Elvis Presley, Paul Anka e Neil Sedaka o sucesso dos Beatles e da revolução estético-estilística que eles trouxeram, tornaram-se os principais porta-vozes dos jovens.

“A juventude de então não se manifestava musicalmente...”, dizia um crítico musical. Após os Beatles a juventude encontrou sua linguagem, sua trilha sonora, seu modo de se comportar, enfim sua cultura. Como era tudo diferente do que havia antes, esse comportamento com sua música e sua estética virou contracultura. Tudo seria novo. Com paz, amor e rock and roll.

O seu despertar acabou chegando através do novo *rock* que se espalhou mundo afora a partir de Liverpool, a cidade dos Fab Four, durante a primeira metade dos anos 60. No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, o engajamento desses novos músicos e bandas é *underground*, de “garagem” ou nas salas de ensaio improvisadas. A diferença entre a jovem guarda que cantava versões em português e os *covers* das bandas inglesas e norte-americanas que nós fazíamos era em imagem, estilo e sonoridade... Era para inovar tentando emular o som novo que se ouvia, também nas diferenças ao se vestir e a atitude ao se expor a essa sociedade parada no tempo. Novos ideais...

Naquele tempo, já havia um som diferente, mais para dançar e se emocionar. O *rock* em Copacabana e na Zona Sul soava mais “*groovy*”, mais “*beat*”, mais suave aos ouvidos apesar do som ser alto e pungente. Não desmereço as bandas que acompanhavam linhas diferentes, vide Os *Famks* (mais tarde Roupa Nova) um bom tempo depois, mas na zona sul você se sentia diferente e estiloso. Porque na

Copacabana daqueles tempos era quase “o centro” do Brasil, era o lugar mais antenado que havia. Lá estavam as boates, as casas noturnas, os turistas, as revistas importadas, os cinemas, as boutiques, a moda, os discos importados, a Princesinha do Mar, e por aí vai... Copacabana era “in”. Tudo de novo e moderno girava em torno de Copacabana.

Quando a gente ia tocar por lá, as pessoas ficavam atônitas. Até não entendiam muito bem o que rolava. Muita novidade junta. Mas era essa a diferença entre Copa, o subúrbio e a zona norte. Copa era o epicentro de tudo que acontecia de novo no Rio; e de lá, as coisas se difundiam em direção a outras áreas da cidade. Quando tocávamos na Zona Norte, carregávamos toda aquela aura da Zona Sul.

Pouco a pouco adentrou pelas TVs e rádios do país. Mas esses grupos tateavam a verdadeira essência do *rock* e se vislumbravam com as vibrações positivas que vinham de fora.

As gravadoras brasileiras, no entanto, pouco se importavam com esse tal novo rock, imediatamente acolhido pelos jovens do Rio, de São Paulo e do resto do país. Eles queriam o que ia vender rápido. Era o que o povão queria. E o que rolava era tão brega que nem consigo pensar em fazer de outro jeito. Tudo era difícil e complicado, mas a juventude musical não se deixava levar pela agressão das mídias. Foi à luta e, entre tantos percalços, acabou por revelar talentos durante esse difícil período do *rock underground* no Rio de Janeiro e no Brasil.

Independente do desdém que sofria por parte das gravadoras e da mídia em termos gerais, o nascente rock carioca foi conquistando seu espaço, aos trancos e barrancos, atraindo para suas apresentações a juventude mais antenada da cidade. Depois de vê-los, muitos jovens resolveram montar suas próprias bandas, ampliando o movimento do rock underground da cidade. No início, chamava-se ié ié ié, por causa dos repetidos *yeah yeah yeah* da música “She Loves You”, dos Beatles. Depois, foi apaulistado de iê iê iê. Não falo aqui da “Jovem Guarda” cafona. Falo do verdadeiro *rock* dos anos 60.

Essas bandas lotavam clubes e auditórios pelo Rio afora. A gente só queria tocar. Se divertir sem pensar na depressão e repressão que assolava o país. Mas foi somente nos anos 70 que o grande público e as gravadoras deram mais atenção ao *rock*.

O *rock* em Copacabana nasceu assim... na paz, no amor...

Eu, Cesar, guitarrista do conjunto The Bubbles relato essas histórias e casos ajudados por fraternais amigos, colaboradores e colegas da época.

Capítulo 1– O Passado Importa

Cesare Fronzi, nascido em Roma, meu avô durante a primeira guerra mundial escapa de uma temida bomba de gás mostarda em algum lugar da Europa e perde parte do seu olfato para sempre.

Sem muito que fazer após a guerra, se inscreve em um grupo “Doppo Lavoro” (Depois do trabalho) e começa a fazer teatro. Naquela época, o que mais interessava ao público italiano eram as operetas, estilo de peça musical cantada como ópera, mas com textos falados entre as músicas. Lá conheceu a jovem de Livorno, Yolanda Vernati que também era atriz e cantava em outro grupo. Nessa companhia de teatro, suas famílias se fundem e começam a viajar a Europa com suas operetas. Casaram-se e resolveram imigrar para América do Sul. Navio para onde? Buenos Aires, Argentina. Pelo que a velha Yola me falava, ela descobriu que estava grávida no navio. Portanto, ao desembarcarem, viajaram logo para a cidade de Rosário, na província de Santa Fé, perto da fronteira com o Brasil.



Foto: Cesare Fronzi, meu avô materno e Yolanda Vernati Fronzi, minha avó materna.

Lá, nasceu minha mãe, a atriz Renata Fronzi. Depois vieram ao Brasil, pelo Rio Grande do Sul, talvez em Santa Rosa, com sua companhia de operetas viajando pelo sul do país até se fixarem em São Paulo.

Renata Mirra Ana Maria Fronzi Ladeira, esse é o nome completo. Começou sua vida artística estudando balé no Teatro Municipal de São Paulo. Estudou no famoso colégio italiano Dante Alighieri. Mas logo a família se mudou para Santos e para lá foi a menina. Era uma garota forte, atlética, mais do que bonita. Em Santos, encantou-se com a natação. Em teatro, participava, às vezes, das montagens do pai em clubes “doppo lavoro”. Estava com 15 anos. Cantava operetas com seu pai e mãe, mas como era contralto, voz mais grossa do que a mãe que era soprano, interpretava as vilãs.

Lá pelos anos 1947 ou 8, meus avós se transferiram para o Rio de Janeiro a convite do famoso Walter Pinto. Renata veio junto. Aí ela cantava, fazia esquete, dançava e se saía muito bem. Virou estrela da Companhia de Revista. Depois, excursionou para Buenos Aires, mas voltou, pois meu avô falecera. No Rio de

Janeiro, de volta, conheceu o grande amor de sua vida, Cesar Ladeira, grande nome do cenário artístico nacional.

Ela achou tempo para fazer mais de 30 filmes. Desses, os que se lembra com mais ternura foram: Treze cadeiras, com Oscarito, Carnaval em lá maior, Guerra ao Samba, De pernas pro ar, Hoje o galo sou eu, Vai que é mole, Quero essa mulher assim mesmo, Assim era a Atlântica, Fantasma por Acaso, Segura Esta Mulher, Toda Vida em Quinze Minutos, Garotas e Samba. De Pernas pro Ar, Pé na Tábua, É de Chuá!, O Espírito de Porco, Massagista de Madame, Pistoleiro Bossa Nova, Marido de Mulher Boa, Briga, Marido e Samba, O Homem que Roubou a Copa do Mundo, As Aventuras de Chico Valente, Papai Trapalhão, Salário Mínimo, Como Ganhar na Loteria sem Perder a Esportiva, Um Soutien para Papai, Esse Rio Muito Louco, A Louca de Ipanema, Kiki Vai à Guerra, Como Matar uma Sogra, Mulher de Programa, Il barbiere di Rio, Copacabana, Dead in the Water, Coisa de Mulher, A Infância etc.

Mamãe então entrou definitivamente para a televisão. Fez Teatrinho Trol, de Fábio Sabag, na TV Tupi; Câmera Um de Jacy Campos, Times Square, na TV Excelsior, dentre outras participações. Sua carreira prosseguiu e ela entrou para o seriado “Família Trapo”, na TV Record de São Paulo, sucesso absoluto, na época. Era como se fosse um teatro, com público, televisionado. E era comédia. Era seu ambiente, fazendo o que gostava de fazer.

Mas fez muitas novelas também: O Rei dos Ciganos, Minha Doce Namorada, O Semideus, Corrida do Ouro, Pecado Rasgado, Chega Mais, Dulcinéia Vai à Guerra, Jogo da Vida, Pão-Pão, Beijo-Beijo, Transas e Caretas, Corpo a Corpo, Bronco, A História de Ana Raio e Zé Trovão, Mico Preto, Memorial de Maria Moura, A Idade da Loba e Malhação.

Na TV Globo, fez programas humorísticos, entre eles Faça humor, não faça guerra, Planeta dos Homens, Uau, Chico City, programa de Chico Anysio e Zorra Total. Aí veio O Bronco, outro seriado de humor, em São Paulo, ao lado de Ronald Golias e Nair Belo, já na TV Bandeirantes. Mas nunca parou de fazer teatro.

Pelo lado paterno, a família de meu pai era toda de paulistas “quatrocentões” de famílias portuguesas, e todos se fixaram em Campinas, São Paulo. Mas aos dezoito anos, meu pai, Cesar Ladeira, resolveu ir para a cidade grande estudar Direito na faculdade do Largo de São Francisco. Qual nada. Durante os primeiros anos dos estudos ele arrumou emprego em um jornal e acabou escrevendo horóscopos para o Jornal *O Diário de São Paulo*. Mas chegara a Revolução constitucionalista de 1932. Umas semanas antes do fatídico 9 de julho, ele realiza um teste como locutor na Rádio Record, cuja sede era bem em frente à Praça da República e consegue o emprego. Na praça, os manifestantes paulistas Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo são mortos pelas tropas federais num confronto ocorrido em 23 de maio de 1932, que antecedeu e originou a Revolução Constitucionalista de 1932. **M.M.D.C.** é o acrônimo pelo qual se tornou conhecido o levante revolucionário paulista, em virtude das iniciais dos nomes. A partir dali durante as madrugadas, durante os poucos meses da revolução, alguns funcionários, técnicos, colegas e ele abriram a emissora e ligaram o transmissor, pois nessa hora da noite os sinais de rádio iam

mais longe, para transmitir palavras de ordem inflamando os paulistas e seus exércitos a combaterem os federalistas de Getúlio Vargas.

Depois de Cesar ser preso, a revolução fracassou. Cesar, que ficou conhecido como “a voz da Revolução”, foi enviado ao presídio do bairro do Paraíso, onde ficou encarcerado por 16 dias. Seria enviado a Portugal, não fosse a intervenção do embaixador José Carlos de Macedo Soares, que conseguiu livrá-lo da prisão e do degredo.

Vai para o presídio de Ilha Grande, mas não fica muito tempo. Solto, recomeça sua vida na Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro virando de cabeça para baixo o então mercado radiofônico do Brasil. Traz inovações comerciais e artísticas só vistas na Europa e nos USA. Naquela época, no Brasil, nenhum artista era contratado de alguma emissora. Ele ficava no café ou barzinho da rua, perto da rádio esperando que alguém da produção o chamasse para cantar ou ser entrevistado por um cachê. Taí uma mudança geral no panorama das rádios no Brasil. Artistas foram, pela primeira vez, contratados com exclusividade pela rádio. Inédito no país.

Outra mudança foi dar adjetivos aos artistas, tais como: Carmem Miranda de “A Pequena Notável”; Francisco Alves de “O Rei da Voz”; Januário de Oliveira “A Voz de Veludo”; Moreira da Silva, “o Tal”; Odete Amaral “A voz tropical”; Orlando Silva, “o cantor das Multidões”; Sílvio Caldas, “o Caboclinho querido”; Mario Reis, “O Bacharel do Samba”; Nilo Chagas *Dalva de Oliveira* Herivelto Martins, o “Trio de Ouro”; Araci Teles de Almeida, “O Samba em Pessoa”; “Quatro Azes e um Coringa”, grupo vocal e instrumental; Wilson Baptista e Erasmo Silva a “Dupla Verde-Amarela”; Carlos Galhardo, “o Cantor que Dispensa Adjetivos”; Almirante “Maior Patente do Rádio”; Luis Gonzaga “o Rei do Baião”; Vicente Celestino “a voz orgulho do Brasil”; Ivon Cury “o Chansonnier”; Ruy Rey “o Rei do Mambo”; Nezinho Araújo “o Rei da embolada”; Alvarenga e Ranchinho “os Milionários do riso”; Maestro Chiquinho “o Maestro da Simpatia Popular”; Olivinha Carvalho “A mais brasileira das cantoras portuguesas”; Roberto Silva “o Príncipe do Samba”; Blecaute “o General da Banda”; Déo “o Ditador de Sucessos”; Cyro Monteiro “o Cantor de Mil e Uma Fãs”; Francisco Carlos “O Cantor Namorado do Brasil”; Jorge Veiga “o Caricaturista do Samba”; Albertinho Fortuna “o Menino-Revelação”; Edu da “Gaita”; Isaurinha Garcia, “Edith Piaf Brasileira”; Emilinha Borba, “Garota Grau Dez”, dentre outros.

Outra inovação lançada foi “O teatro pelos ares”. Apresentada por Plácido Oliveira. A atração transmitia uma peça teatral por semana, sendo o primeiro programa do gênero no rádio brasileiro. Com todo esse arrojo, Cesar Ladeira conseguiu tornar a Mayrink Veiga líder de audiência.

Nessa época, Joaquim Rolla, proprietário do Cassino da Urca, fez um convite para ele trabalhar na casa em 1946. O “rei da roleta” queria Ladeira na mesma função que exercia na rádio, o queria como diretor artístico. Ele trabalhou com nomes como Carmen Miranda, de quem se tornou grande amigo e conselheiro; o Bando da Lua, dos amigos Zé Carioca e Aloisio de Oliveira; as Irmãs Batista; Virgínia Lane e a orquestra Brazilian Serenaders, sob a batuta do maestro Carlos Machado. Também havia um jovem pianista e cantor com voz de Frank Sinatra, Dick Farney, que Cesar

imediatamente levou para fazer parte do elenco da Mayrink. E para promover o cassino criou um bordão que se tornaria famoso, “A-E-I-O-Urca”.

Lá pelos meados dos anos 40 ele ainda inova criando a Rádio Relógio em sociedade com seu irmão Paulo, estação com informações de horário e clima a cada minuto, entremeada por publicidade, hoje gerenciada pela Igreja e fica na Estrada dos Bandeirantes, em Jacarepaguá. Ainda funda a primeira estação de Televisão a cabo na cidade de Petrópolis. Mas essa é outra história... Cheia de intrigas e de safadezas políticas.

Ainda integra o elenco de narradores da Rádio Nacional onde estrela a “Crônica da Cidade” onde lança o slogan “Cidade Maravilhosa” e que tempos mais tarde é dedicada a ele a música com o mesmo nome e hino da cidade. Tempos depois ainda faz TV em vários canais e participa de alguns filmes de longa metragem.

Após o falecimento de meu avô materno Cesar Fronzi, Renata então começou a trabalhar no teatro com Eva Todor, na peça “Sol de Primavera”. E posteriormente com a companhia Valter Pinto de teatro de revista como já havia mencionado. Numa temporada canta toda a noite na boate Casablanca, na Praia Vermelha – Urca, onde conhece meu pai e minha avó acaba também conhecendo seu novo marido o produtor e diretor pioneiro do cinema brasileiro Adhemar Gonzaga.

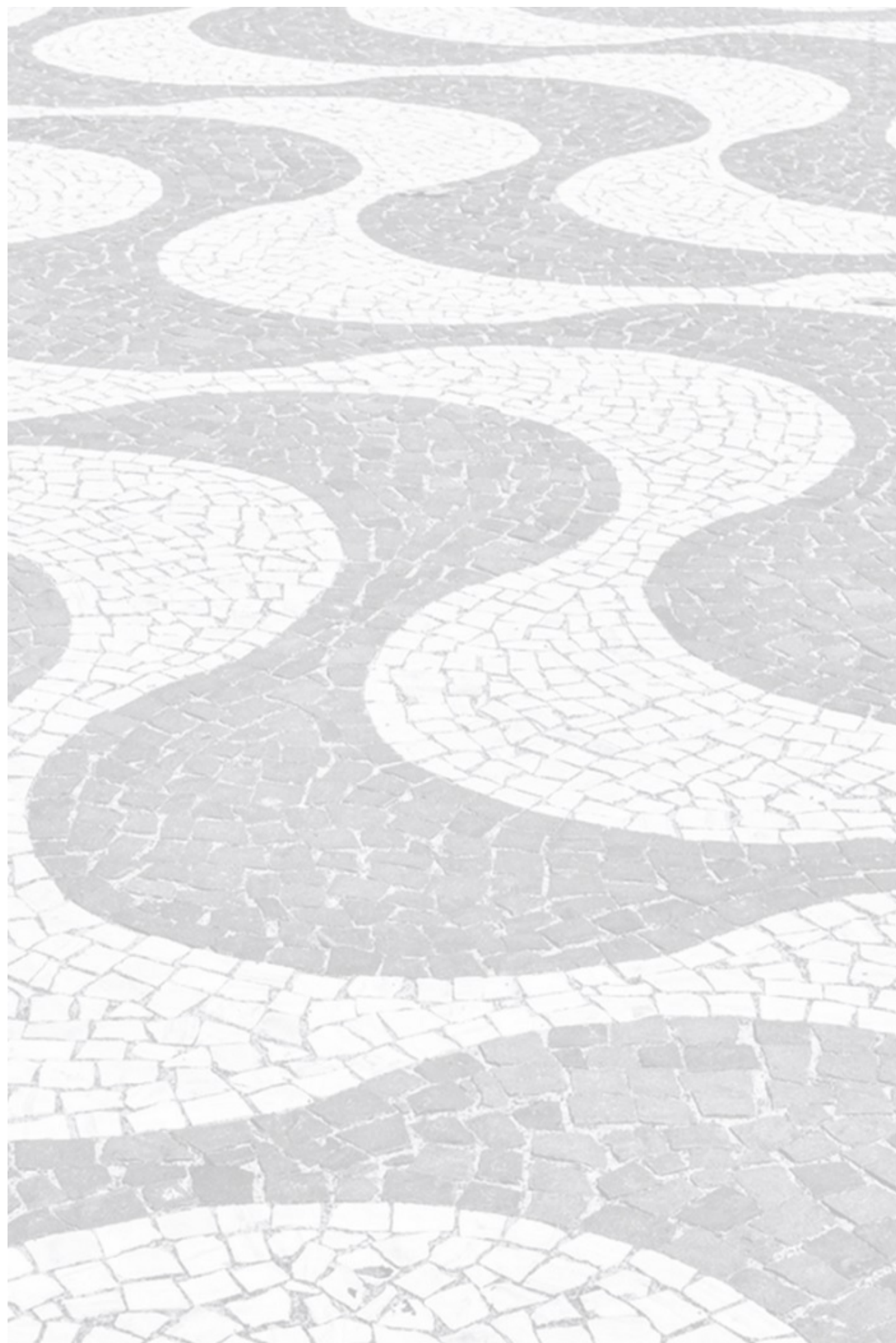


Foto: No canto esquerdo, a Boate Casablanca na Praia Vermelha, Urca – Rio de Janeiro.

Seis meses depois estavam se casando no maior evento de 1949, no Outeiro da Glória, Rio de Janeiro. Mais de 5000 pessoas do lado de fora para ver as maiores celebridades da época se casarem. Dessa união de dois artistas famosos que moravam no Rio de Janeiro nasceram dois pimpolhos: Cesar e Renato. Que criatividade... Nos primeiros anos, era um assédio fotográfico intenso. Todas as revistas queriam as fotos dos pirralhos fazendo pose. E assim perdurou durante anos.



Foto: Cesar, Cesar Ladeira (pai), Renato no colo e Renata Fronzi.



Capítulo 2 – A Infância e o Teatro de Revista

Eu e Renato sempre fomos crianças muito alegres e divertidas, mas o que realmente nos ajudou a criar nosso caráter foi a infância excepcional que tivemos.

Fomos criados nos bastidores dos teatros que frequentávamos e onde nossas identidades foram desenvolvidas. O teatro Follies, o Jardel, o Teatro de Bolso, todos no Rio de Janeiro, o Teatro de Alumínio em São Paulo, na Praça das Bandeiras, e em especial do Teatro da Avenida da Liberdade, em Lisboa, onde passamos quase dois anos com uma temporada de arrasar e assombrar o público português, incluindo o fantástico cômico português Raul Solnado.



Foto: Teatro de Alumínio na antiga Praça das Bandeiras, em São Paulo.

Vários artistas do teatro que estavam aparecendo nessa época interagiam conosco, frequentando nossa casa, tais como: Agildo Ribeiro, Colé, Adolfo Machado, Augusto Cesar Vanucci, Anilza Leoni, Sandra Sandré, Yvone Nelson, Carmem Veronica, Arthur Costa Filho, Gláucio Gil, Pituca, Ankito, dentre outros. Sem comentar os artistas de rádio novelas que apareciam para ensaiar na nossa sala. Relembro que ficava ouvindo de nosso quarto passagens bíblicas do programa “A Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo”, dirigida pelo Floriano Faissal.

O tal teatro Follies ficava no térreo do edifício em que morávamos em Copacabana e, portanto era como nossa segunda casa. Quase todas as noites o elenco subia até o nosso apartamento para uma ceia após os espetáculos e lá ouvíamos de nossa porta do quarto entreaberta as conversas dos adultos.

O teatro Jardel era um pouco longe de casa e ficava na esquina da Bolívar com a Copacabana em um mezanino. O engraçado é que os camarins ficavam do lado oposto ao palco e para poder passar para lá os atores e as vedetes de maiô tinham que andar pela marquise aberta do lado de fora, ou seja, em certos horários o povo se aglomerava na rua para ver as belezas passarem...

Já em São Paulo, no apartamento da Rua Rego Freitas, bem no centro da cidade nós nos divertíamos à beça. Quando íamos ao teatro de Alumínio, ao fundo ficava um parquinho com todos aqueles aparelhos para brincar: gangorra, balanço *etc.* Mas o melhor era correr empurrando meu irmão Renato no carrinho de bebê. Num dia daqueles entrei com a cabeça dele numa árvore... Que castigo levei! E alguns pontos

na cabeça do irmão.

Recordo-me mesmo durante a nossa infância das partidas de futebol de botão, com tampas de relógios, goleiros de caixa de fósforos, bolinha de miolo de pão e outras tampas de perfumes lixados no mármore da cozinha com nomes de jogadores da época: Castilho, Pinheiro, Valdo, Esquerdinha, Telê etc., dos jogos de tabuleiro, da tevê da sala de estar que só iniciava lá pelas 17 horas com o indiozinho da Tupi e depois vendo Rin Tin Tin, Lassie, Lone Ranger, Roy Rogers, Hopalong Cassidy, Circo do Carequinha, Super Mouse, Pica Pau e do Vigilante Rodoviário, tudo em preto e branco e um monte de chuveiros. Nessa tenra idade, papai e mamãe nos ensinaram a jogar buraco e crapô. Partidas divertidas com eles de parceiros.

Lá pelos anos de 1955 ou 56, papai e mamãe foram contratados pelo empresário português Vasco Morgado para uma temporada de uma “revista” lusa brasileira com o maior comediante português, Raul Solnado em um grande teatro em Lisboa. Lá fomos nós de navio, o ANNA C, cruzando o Atlântico para essa viagem desafiadora. Lembro-me até da festa da passagem do Equador com músicas, danças e muita bagunça. Caímos na piscina, todos pintados e fantasiados. Foi uma travessia de sete dias inesquecíveis.

Em Lisboa, a vida não era tão fácil. Tínhamos uma babá portuguesa que mais parecia um sargento. Quase nada podíamos fazer, pois além do frio, só na área de lazer de nosso prédio na Avenida da Liberdade corríamos e brincávamos de bola. Algumas viagens locais nos divertiam, como em Vianna do Castelo, O Porto e outras cidades. Acabamos com um pouco do sotaque português por tanta convivência. “— Não vos esqueceste de colocar as peúgas?...” dizia a babá. Mas, de vez em quando, íamos aos bastidores do teatro, pois naquela época o ditador de Portugal, Antonio Salazar, mantinha uma censura imensa aos menores nos teatros e o que exibiam. Apesar de saber que ele, em pessoa, teria ido assistir ao espetáculo que minha mãe e outros artistas brasileiros apresentavam. Recordo-me dos ensaios onde ela tinha que entrar em uma cena dirigindo uma Vespa... Levou um tempo para que ela dirigisse aquela coisa barulhenta...

Já na juventude, aqui no Brasil, frequentávamos sempre as gravações e transmissões ao vivo da Rádio Nacional, no edifício do jornal “A Noite” na Praça Mauá no Rio de Janeiro, os ensaios e as estreias onde minha mãe e meu pai atuavam. Minha última experiência com o teatro musical de revista foi um empreendimento de meus pais numa peça intitulada “É na base do Galo”, encenada no teatro Rival, no centro do Rio de Janeiro. Hilariante. E como adolescente ver aquelas vedetes de maiô, na sua frente, impressionava.

A veia artística estava florescendo, mas ainda não fazia sinais para que nós, eu e Renato, afluíssemos artisticamente. Era só o início da jornada que havíamos de trilhar.





Capítulo 3 – O Cadillac e o que Ouvíamos

Família criada nos bastidores de teatro e do rádio, sentia e ouvia uma série de sons relevantes e aconchegantes ao mesmo tempo. Músicas que embalavam a nossa infância e que faria nosso gosto musical se apurar e definir.

Meados dos anos 50 e início dos 60 – Nesse período, a gente ouvia discos nas vitrolas, no rádio e na televisão. E nós, a garotada, éramos influenciados por aquelas tendências que nossos pais ouviam. Sendo que uma nova onda, uma nova bossa estava entrando devagarinho, apesar dos sambas canções, baladas e marchinhas de carnaval, sem contar com toda a invasão estrangeira dos Ray Conniff, Bert Kampfert, Sinatra, Domenico Modugno, Maurice Chevalier, Piaf e outros menos votados.

A Bossa Nova estava no auge. João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Carlinhos Lyra, Nara Leão, Billy Blanco, Roberto Menescal, Tamba Trio *etc.* Cada vez mais, nesse início de década, as rádios e as tevês entraram nessa bossa e sempre ouvíamos essa nova música brasileira. Em casa, nunca deixamos de ouvir as melhores árias de óperas e musicais da Broadway, sem contar com os muitos LPs do Sinatra que nunca saíam da Vitrola. Foi muito bom ouvir boa música; mas para nós, adolescentes, ainda não era a nossa praia apesar de ser bem agradável aos nossos ouvidos. Ray Charles e o “What I’d say” e “I Got A Woman” nos empolgava. Por outro lado, nada incomodava. Nem a TV com as inúmeras aparições do Ataulfo Alves e suas pastoras cantando sucessos.

De repente, os programas musicais na TV explodiram. Todas as semanas havia na Tupi, na TV Rio ou na Excelsior vários programas com apresentações musicais ao vivo. Muito tempo depois, os festivais da Record e da TV Globo invadiam as nossas noites.

Ainda bem que nossos ouvidos foram bem ensinados a sentir e escolher o melhor para nos deleitar e aproveitar essas invasões musicais.

Em nossa infância, frequentávamos também muitas matinês de cinema no Metro Copacabana, quase todos os domingos, sempre depois da missa na igreja de São Paulo Apóstolo, na Rua Barão de Ipanema, pertinho da Confeitaria Colombo. Começavam com vários desenhos animados do Tom & Jerry e depois um filme infantojuvenil, ou uma comédia romântica “água com açúcar” ou mesmo um musical. Saíamos dali na hora do almoço, mas sempre dava tempo de tomar uma banana Split da lanchonete Cirandinha quase encostada no cinema e em frente a Sloper e as Lojas Brasileiras, na Avenida Copacabana. Pegávamos o Cadillac Fleetwood 49, duas portas, verde musgo, estacionado nas imediações e voltávamos para casa.



Foto: Cadillac verde, 1949.

Nessas sessões, víamos muito Fred Astaire, Gene Kelly e Elvis Presley cantando e dançando em diferentes ritmos e performances. Mexia com a gente, mas ainda não mexia com nossas ideias. Era só o embalo da infância sensacional que tivemos com essas informações chegando em nossas mentes. Obrigado por fazer parte dessa família sensacional!

Mas, finalmente, será que filho de peixe, peixinho é?



Capítulo 4 – O Encontro com Chubby Checker

Eram meados dos anos 60. Aos treze anos nada estava acontecendo... Numa tarde qualquer, naquele edifício 188 da Rua Sá Ferreira, em Copacabana, nosso amigo Marcus e seu irmão Marcelo nos convidam ao seu aniversário, no segundo andar no bloco da frente. O prédio ficava no final da rua, perto da Rua Bulhões de Carvalho onde horas antes tínhamos descido a ladeira dela em nossos improvisados skates feitos de patins antigos... Uma pranchinha de compensado, cortada no formato de uma pequena prancha de surf, em uma marcenaria de um amigo do porteiro do nosso prédio e aparafusada com as rodas dos patins dividida ao meio (era assim que se ajustava o patim no seu sapato) para que tivéssemos rodas da frente e de trás bem equilibradas. Muito joelho ralado, cotovelo também e calças Lee raspadas e desbotadas, compradas no Mercadinho Azul, em Copacabana. Um charme pra esse tempo. A gente raspava com lixa as calças e enfiava na água sanitária pra desbotar e ficar com cara de usada. Que dias excitantes entre Chevrolets, Fuscas, Dauphines e Cadillacs...

Ao final da tarde, colocávamos nossos calções e íamos à praia do Arpoador vermos os surfistas e também as garotas de biquíni.



Foto: Carrinho da Geneal.

Que pôr do sol fantástico. E o Geneal estava sempre ali. Sim, era uma carrocinha de cachorro-quente e laranjada em garrafinha que todo mundo comia e bebia. Era ponto de encontro. E nem tinha calçadão naquela época. Tinha um monte de Fuscas, DKVs e Gordinis estacionados perto da antiga estação de rádio que ali estava meio abandonada... Tinha até o Interlagos Berlineta cor de prata conversível do Tito Rosemberg que era surfista e vizinho de porta.

Depoimento:

TITO ROSEMBERG: *amigo e vizinho de porta*

1964-1965 – Edgard Gordilho acaba de me mandar este convite para uma das duas festas que produzimos juntos naquela época. Já tinha esquecido, mas ele me lembrou: nas duas festas, a música ficou a cargo dos excelentes The Bubbles, com os amigos Renato Ladeira e Cesar Ladeira!

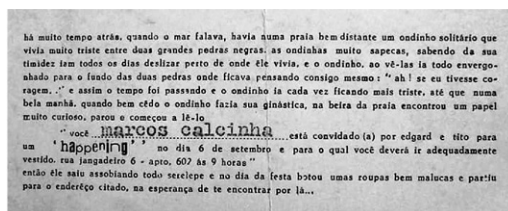


Foto: Ingresso dos Happenings, produzidos pelo Tito e amigo.

Estava na hora de um banho e de me preparar para a festa. Era um negócio meio chique já que o pai dos irmãos Faria era banqueiro. Certos dias, esses banhos eram até de caneca com água aquecida no fogão, pois faltava água no Rio de Janeiro, naqueles tempos, quase sempre.

Eu e Renato vestíamos uma roupa “fina” e descemos até a casa deles. Naquele tempo era calça Saint-Tropez no padrão *pied-de-poule*, preto e branco, gola *rolê* preta, no baita calor do Rio, e mocassim. Tudo feito sob medida. A calça não podia cair nem escorregar da cintura. O cinto era uma coisa fininha com uma fivela que quase não se via. O tal “calceiro/alfaiate” ficava num prédio bem perto da Praça Serzedelo Correia, próximo da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde também ficava o escritório do Aerton Perlingeiro, que fazia o programa “Almoço com as Estrelas”, na TV Tupi do Rio, grande amigo e colega da família, sucesso na hora do almoço dos sábados cariocas.

Como a festa ia ter um monte de gente importante, meu pai e minha mãe também compareceram. Se não me engano, naquele festejo tinha um monte de político importante da época. Até cheguei a ver o JK na residência dos Faria... Todos mineiros boa gente... Talvez em outra festa...

Mas num cantinho da sala tinha uma vitrolinha daquelas que você abria e saía o alto-falante e colocava o disco 45 rpm compacto pra tocar. E foi aí que ouvimos pela primeira vez “The Twist” cantado pelo Chubby Checker, e senão me falha a memória foi a irmã do Marcus que colocou pra tocar... Vira do outro lado e toca “Let’s Twist Again”. Sei lá o que se passou na cabeça do Renato, meu irmão, que ele começou a dançar freneticamente esse tal de rock americano. Mas ainda era o Twist que você jogava os braços e as pernas pra lados opostos balançando sem parar. A festa parou para olhá-lo, e eu acabei entrando na dança. Todo mundo batendo palmas e a gente rodopiando no chão de tacos parket.



Foto: Chubby Checker dançando o twist.

Nesse ano de 1963, as revoluções estavam por eclodir... Na música, tudo estava por mudar e mudar de um jeito que não voltaria mais ao normal... pelo menos para nós, a juventude dos anos 60, abaixo do equador.

Fomos influenciados pela música dos musicais do cinema, da Broadway e das óperas que ouvíamos em casa. E não posso me esquecer das malditas aulas de piano que fomos obrigados a fazer. Toda terça, a tarde, lá vinha uma professora de piano enfiar escalas, solfejos e arpejos pela nossa goela abaixo. Escala maior... escala menor... E nada de aprender uma musiquinha sequer. Meu pai tocava piano, mas era meio para acompanhar minha mãe em um pocket show que eles faziam por aí. É verdade tinha um piano em casa...

Mas a grande surpresa estava por vir.

Bem em frente à porta do Colégio Mello e Souza, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, nossa escola desde a infância, entre as ruas Xavier da Silveira e Bolívar, bem ao lado do cinema Roxy, ficava uma loja de discos, que não recordo o nome, mas que depois desse fato não deixamos mais de frequentar assiduamente para sabermos das novidades.



Foto: Cine Roxy – Avenida Nossa Senhora de Copacabana, esquina com Rua Bolívar.

Ao longe, ouvimos uma música muito diferente das que ouvíamos até então. Tinha um tal de Yeah, yeah, yeah, sendo gritado a todo vapor nos falantes que

invadiam a avenida. Dava pra escutar do portão do colégio do outro lado da rua e as pessoas, tanto o primário, o ginásio quanto o colegial, além do pipoqueiro que estavam lá há décadas, ficavam paralisados com “aquele” negócio que tocava sem parar. Os alunos mais velhos, que tinham gullivetes e lambretas, atravessavam a rua sem olhar os bondes, os ônibus e os carros que íam e vinham de ambos os lados da avenida. E a gente, os menores, esperávamos o sinal fechar para atravessar em bando e ficar na frente da loja ouvindo sem parar as tais músicas.

Aos treze anos, não entendia muito bem o sentimento que tinha ao ouvir essas músicas, mas a vontade era de sair cantando e batucando.

A loja acabara de receber o compacto dos Beatles “She Loves You / I Wanna Hold Your Hand”, 45 rotações. A bolachinha mais querida do planeta, já que a do Chubby Checker já estava gasta de tanto tocar.

Arrumamos a grana com papai e no dia seguinte, depois de tanto implorar, fomos comprar a bolacha... Voltamos correndo pra casa pra ouvir. Creio que foram mais de 100 vezes cada lado. Só no primeiro dia.

O vírus do *rock and roll* estava começando a entrar em nossas vidas. Não posso me esquecer que assistia aos filmes do Elvis, sem muito interesse, mas achava que aquilo era coisa de americano, assim como o “Balanço das Horas”, onde Bill Halley e os Cometas tocavam aquela loucura com um baixão de madeira e que os casais de transviados (expressão dessa época) ou *playboys* dançavam trocando as pernas e voando na pista de dança. Mas a gente achava que aquilo era coisa de filme, de cinema e que não ia chegar a nossa república das bananas. Até em alguns filmes brasileiros a onda do *rock and roll* começavam a despontar.



Foto: Cine Rian – Avenida Atlântica – Copacabana – Rio de Janeiro.

Copacabana começava a ferver com essa nova onda. Lembro-me de que, nessa época, na TV Tupi ou na TV Rio, no programa “Os brotos comandam”, aos finais de tarde tinha um maluco chamado Carlos Imperial, que mandava você arrastar os móveis da sala porque “Hoje é dia de *rock*”. Ah! Se eu soubesse que um dia ia trabalhar com ele no cinema... Sei e via que ele frequentava o mesmo local que nossa família na praia de Copacabana, no posto 6, e sempre tinha um papão entre ele e meus pais, pois o Imperial nesse tempo também fazia pequenos papéis nos filmes em que minha mãe atuava, nos estúdios da Herbert Richers e da Atlântida... Sempre fazendo o papel de transviado, vilão, chefe de gangue ou mesmo policial. Mas era gente boa.

Muito tempo depois de sair do conjunto e ter trabalhado com meu avô Adhemar Gonzaga, dono da Cinédia (primeiro estúdio de cinema do Brasil), acabei entrando na empresa do Imperial e me tornando seu gerente da parte cinematográfica, iniciando assim mais uma etapa de minha vida em empresas. Aprendi muita coisa sobre negócios com esse cara. Um carioca esperto. Ele era um espertalhão, no bom sentido, uma boa pessoa. Sabia tirar partido de quase tudo quando ainda não existia “homem de marketing”. Suas produções de teatro e de cinema sempre faziam grandes bilheterias e fama ao seu mestre pensador... sem falar nas “músicas” que fazia...



Foto: Carlos Imperial.

Recordo-me das festinhas (era assim que chamávamos as baladinhas de hoje) que frequentávamos nas casas das meninas lá da rua ou dos aniversários de colegas de colégio que nos convidavam, já que tínhamos os discos que estavam estourando naqueles dias.

A gente pegava as capas dos discos e tentava descobrir o nome de cada um deles; John, Paul, George e Ringo e o que cada um tocava ou cantava. Naquela época, os compactos não tinham quase nenhuma informação sobre a produção e os arranjos, pelo menos nos de *rock and roll*. Mais tarde algumas informações iam aparecendo.

A partir daí, foi uma verdadeira loucura. A gente colecionava fotos dos Beatles, recortava e colava na parede de nosso quarto. Tudo que a gente via impresso nos jornais, revistas e fotos conseguidas da distribuidora do filme e do disco, era tudo pra parede. Daí sim apareciam alguns trejeitos e figurinos que tentávamos imitar e copiar.

Era uma colagem que ia do chão ao teto e, por isso, começamos a nos interessar pelos instrumentos que víamos nas fotos: a Gretsch, o Hofner, as Rickenbacker 6 e 12 cordas, o violão elétrico Gibson, os amplificadores Vox e a Ludwig. Como seria tocar um “negócio” desses? Uma tarde perguntamos a minha mãe se ainda havia aquele violão em que ela aprendera uns poucos acordes com o Dorival Caymmi

quando ainda morávamos na Avenida Copacabana, 1246 – Edifício Safira. Sim, estava no maleiro de algum armário, mas não sabia seu estado. E toca a procurar... Finalmente achamos, mas o estado dele era deplorável. Quebrado. Decepção.

– “Vocês querem parar as aulas de piano?”;

– “Vamos conversar com seu pai pra saber o que ele acha...”.

Voltamos à estaca zero.



Capítulo 5 – A Feira Mundial de New York, em 64

Papai Cesar Ladeira, nessa época, além da Rádio Nacional onde narrava as “Crônicas da Cidade”, logo após o Reporter Esso, ainda apresentava com a Daysi Lucidi o programa “Seu Criado, Obrigado”. Trabalhava também fazendo uns freelas para a “VOA – Voice of America” rádio internacional transmitida em ondas curtas para todo mundo de língua portuguesa. Tudo dentro da antiga embaixada americana no centro da cidade, num estúdio espetacular. Ele gravava rádio teatro, narrava contos americanos e brasileiros, comentava-os e levava cultura até onde o rádio chegava. Era algo para disseminar a cultura americana aos povos de língua portuguesa do mundo através do rádio. Sem entrar em mais detalhes, eles foram convidados a realizar um documentário falado em português, sobre a nova Feira Mundial que ia acontecer em New York, em agosto de 65, mostrando uma família brasileira visitando os pavilhões e conhecendo as novidades tecnológicas daquela feira. Fomos escolhidos para ser essa família.

Manhattan era insana. Chegamos a voar para Washington para filmar em um estúdio, as chamadas das matérias. Filmar, sim. Tudo foi feito em película 16 mm e em preto e branco. O ancora foi o grande amigo e contemporâneo de papai, Roberto Corte Real, que morava e trabalhava por lá. Videoteipe na época era sonho. Mas valeu também pelas visitas a estátua de Abraham Lincoln, o Capitólio e a Casa Branca. Sem esquecer os “Automats”, lanchonetes onde escolhíamos o que comer por janelinhas, pagando e retirando como num desenho dos Jetsons. O New York Cheesecake era sensacional. Era quase um por dia e era grande...



Foto: Praça Central da Feira Mundial de New York, em 1965.

Se você assistiu ao “MIB – Homens de preto 1” lembrou-se da Unisfera, aquele globo vazado que depois foi realocado para outro lugar em NYC. Pois é, aquele era o centro e o símbolo da Feira Mundial, e lá fomos nós para lá.

Por coincidência ou não, estávamos na mesma época do concerto dos Beatles, no dia 15 no Shea Stadium... Mas quem disse que nossos pais comprariam ingressos para ver aqueles malucos?!? A Times Square estava cheia de lojinhas com camisetas, pôsteres, perucas de *nylon* e máscaras dos FAB4... E os turistas estavam comprando à toa. Tirando fotos com as perucas e se divertindo com aquele som que emanava

das lojas de discos. A gente só passava, olhava e curtia aquela beatlemania bem no começo.

Aquele alvoroço que comovia a cidade estava nos contaminando, pois sempre que estávamos no quarto de um hotel e a TV estivesse ligada apareciam notícias e reportagens dos quatro cabeludos, e a repercussão dos que faziam naquele verão. A gente estava ali na mesma cidade que eles, provavelmente a algumas quadras do hotel onde se hospedavam... Por que não? Foi só um sonho e nada de cabelo comprido. Ainda... E convenhamos, não era tão grande assim. Era um corte bem ousado naqueles tempos. Mas as convenções da época estavam para ser quebradas e revisadas.

Num daqueles dias de mais de 40 graus na sombra, andando com meus pais pela Rua 46 em New York, onde ficava nosso hotel, encontramos um sujeito que fez a maior festa para eles. Charuto na boca. Abraços, beijos e grandes alardes na rua. E o papo era assim:

“– Não volte nunca mais....

– Faça seu pé de meia por aqui...

– Aproveite o que está se oferecendo nesse país...”.

Eu e meu irmão então fomos apresentados...

“– Este aqui é o maestro Tom Jobim... o maior músico/compositor brasileiro da atualidade...”.

Que vergonha. Não saber quem era. Mas conhecíamos a “Garota de Ipanema”. Sorte a nossa. Alguns dias depois, almoçamos todos juntos. Naquela época, não havia ainda o desejo e a vontade de montar um conjunto.

Ao retornarmos ao Brasil, a “febre” aumentava ainda mais.

A resolução de criar o grupo veio quando estávamos conversando sobre eles numa festa, e surgiu a ideia de montar um “conjunto”. Essa era a definição de banda daquela época. Tínhamos um pequeno grande problema... Não sabíamos tocar guitarra, muito menos outros instrumentos. Piano, nem se fala. E com todo nosso jeitinho fomos ao papai e mamãe rogar para que eles nos oferecessem um curso de violão, para podermos montar nosso grupo.

Havia então a loja de música do seu Mário, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, bem na frente do Colégio Mello e Souza, na galeria ao lado da loja de discos que a gente frequentava. Que loucura. Não tinha instrumento importado, mas tinham os violões Di Giorgio, as guitarras Giannini, as Del Vecchio, as Snakes e as Phelpas... os instrumentos de sopro, pianos, baterias e partituras. Era tudo um sonho. Nesse tempo já víamos na Tevê conjuntos aparecendo e entretendo as tardes e noites do Rio. Então cada vez que aparecia uma guitarra nova na telinha a gente ia depois da escola na loja do seu Mario pra gente ver de perto e colocar as mãos naquele “Objeto estranho”. Acho que foi ele que indicou a professora de violão, pois os artistas músicos da época frequentavam a sua loja.

A coisa ia se firmando e bolamos um plano para que nossos pais pudessem pelo menos comprar duas guitarras e um amplificador para começarmos a sentir o peso da eletrificação.

Não se tem ideia do que era pedir para a nossa professora de violão nos ensinar uma música que os Beatles tocavam: “I Don’t Want To Spoil The Party”. Esse realmente foi um sacrifício para ela. É bom lembrar que essa professora havia sido professora do Silvio Cesar e do Wilson Simonal, além de outros big astros da época. Mas era com a música “Casinha pequenina”, em Lá menor, que a gente começou a entender o que era violão.

Como exceção aos padrões da época, nossos pais também nos colocaram para fazer aulas de canto. Canto lírico. Era o que existia... Uma senhora professora num apartamentozinho na Rua Figueiredo Magalhães, em Copacabana... Afinal de contas, se era pra cantar, era pra cantar direito. Filho de peixe... tinha que nadar com a maré... Dá pra perceber que ninguém do nosso grupo de amigos acreditava, mas era a pura verdade. Boas lições tiramos desse período. E uma melhor vocalização com certeza.

Passados alguns meses, continuamos a comprar com nossas mesadas na Modern Sound, loja especializada em discos importados e ouvir tudo que aparecia do “London Beat”, e resolvemos encontrar amigos ou amigos dos nossos amigos que tocassem violão, baixo e bateria, pois já tínhamos ideia de como queríamos a formação da banda.



Foto: Loja de Discos Modern Sound, na Rua Barata Ribeiro, Galeria do Cine Bruni Copacabana – RJ

Não posso me esquecer de quando apareceu nos jornais a estreia do primeiro filme dos Beatles: “A Hard Days Night” dirigido por Richard Lester e realizado em preto e branco. Nessa época, já conhecíamos o Fã Clube dos Beatles que tinha um monte de amigos e amigas usando como sobrenome o dos 4 meninos de Liverpool. Uma das primeiras era a Lizzie Lennon (Lizzie Bravo) que acabou um tempo depois, ela e uma amiga gravando em Londres nos estúdios da EMI, na Abbey Road, um coro na música “Across the Universe”, com eles. Elas faziam reuniões nas casas dos amigos beatlemaníacos e imersões no Cine Bruni Botafogo, para assistirmos ao filme. Começava às 14h., e só saíamos do cinema ao final da sessão das 18 horas. Para voltar pra casa, extasiado e surdo de tantos gritinhos da plateia enlouquecida pelo que via e ouvia. Mas a gente ia lá pra sacar os acordes corretos, o jeitão de trocar as posições e os dedos, enfim... tentar simular da melhor maneira possível aquele som inebriante.

Até hoje não me canso de assistir. Acho que já foram mais de 150 vezes...



Capítulo 6 – Os Ensaios e as Diversas Formações

Conversando com nossos pais, eles nos permitiram ensaiar na biblioteca de casa durante as tardes. Sempre depois do colégio, já que estudávamos pela manhã. Lá fomos nós fazer “barulho” dentro de casa. Apesar de tudo, num apartamento de 440m², os espaços eram grandes e até certo ponto não incomodávamos a vizinhança, já que fechávamos as janelas da varanda para que o nosso som não escapasse tanto. Que calor fazia.



Foto: Fachada do Edifício 188, da Rua Sá Ferreira, onde morávamos e ensaiávamos em Copacabana, Rio de Janeiro.

Finalmente a coisa rolou. Tínhamos guitarras, violão eletrificado e um amplificador. Ainda nada de primeira linha, mas já dava pra ver o que ia acontecer.

O trabalho era intenso. Tempos depois uma pequena vitrola portátil que o Lincoln trouxe de sua casa, nos permitia ouvir e “tirar” as músicas de ouvido. Assim, o repertório ia crescendo. Umas boas, outras nem tanto, mas dava pra criar uma lista com os sucessos da semana.



Foto: Primeira formação da esquerda para a direita: Ricardão (baixo) com um violão eletrificado com somente quatro cordas, Cesar (solo), Ricardo Roriz (bateria) e Renato (ritmo).

Durante o primeiro período de ensaios, a primeira formação era: Cesar (solo), Renato (ritmo), Ricardão (baixo) com um violão eletrificado com somente quatro cordas e Ricardo Roriz (bateria). Porém, logo nas primeiras semanas, o Ricardão não se encaixou com as nossas ideias e foi substituído pelo Lincoln Bittencourt no baixo. Super músico, ligado em Beatles, se encaixou primeiro com um Giannini, depois um Del Vecchio sem trastes e depois com um baixo Hofner Violin em nossa formação. Isso era demais! Igualzinho ao do Paul, só que para destros, apesar do Lincoln ser canhoto. A partir daí, os ensaios na sala de nossa casa começaram a acontecer diariamente, num trabalho exaustivo de tirar as músicas que gostaríamos de tocar e convencer nossos pais (os de todos), que precisávamos de bons instrumentos para nos apresentar nos bailes da vida. Quanto ao nome, lembro-me que depois de tanto conversarmos e pesquisarmos, algumas coisas legais chegaram ao seguinte: “precisamos de um nome em inglês que fosse fácil de lembrar, que tivesse irreverência e que começasse com B, pois na bateria queríamos o logo da banda com a mesma logotipia da dos Beatles”. E assim foi... Lembro-me que minha mãe, Renata Fronzi, foi quem deu a palavra final... nós éramos uns bolhas, mesmo. Uns pentelhos.



Foto: Primeira formação – Renato (ritmo), Ricardão (baixo), Cesar (solo) e Ricardo Roriz (bateria)

A ideia era tocar tudo dos Beatles, mas as novidades iam aparecendo e se transformando em repertório: The Rolling Stones, Trini Lopez, The Troggs, Herman's Hermits, The Animals, Dave Clark Five, Gerry and the Pacemakers, The Kinks, Los Shakers, The Yardbirds, Johnny Rivers, Peter and Gordon, Peter Paul and Mary, The Turtles, The Association, Chuck Berry, Mamas and the Papas, Loving Spoonful, The Byrds, The Monkees, Jan and Dean, Steppenwolf, The Hollies, The Zombies, Procol Harum, The Who, The Bee Gees, The Beach Boys, The Rokes (grupo inglês que se instalou na Itália) dentre outros menos votados.

Fora ouvir Beatles o dia inteiro, indo e voltando nas faixas para descobrir nuances, todas as novidades eram ouvidas. O que com certeza nos influenciou foram as “maravilhas musicais” dos Beatles, a tal da “British Invasion”, do “Merseybeat”, e das maravilhas americanas dos Byrds (com aquele som das 12 cordas da guitarra Rickenbaker do Roger McGuinn) e dos Beach Boys. Eram o *folk rock* e a *surf music*, também entrando no nosso sangue.



Foto: Primeira formação – Ricardo Roriz (bateria), Renato (ritmo), Cesar (solo) e Ricardão (baixo).

A primeira formação era Cesar Ladeira (guitarra solo), Renato Ladeira (guitarra rítmica), Ricardão (baixo) e Ricardo Roriz (bateria); a segunda: Cesar (guitarra solo e gaita), Renato (guitarra rítmica e teclado), Lincoln Bittencourt (baixo) e Ricardo Roriz (bateria); a terceira: Cesar (guitarra solo e gaita), Renato (guitarra rítmica e teclados), Lincoln (baixo) e Ricardo Reis (bateria); a quarta: Pedro Lima (guitarra solo), Renato (gaita, guitarra rítmica e teclados), Lincoln (baixo) e Ricardo Reis (bateria); a quinta e última: Pedro (guitarra solo), Renato (gaita, guitarra rítmica e teclados), Arnaldo Brandão (baixo) e Johnny e ainda Gustavo Schroeter (bateria).

Os ensaios eram quase como um *pocket show*. Claro que havia os ensaios fechados onde “tirávamos” as músicas “de ouvido”, e passávamos até ter uma cara.

Depoimento:

MARCUS VERAS DE FARIA, jornalista, escritor, grande amigo e parceiro de muitas horas:

Se havia uma coisa boa no final dos anos 60 no prédio onde a gente morava em Copacabana era acompanhar os ensaios do The Bubbles, na casa do Cesar e do Renato. Enquanto o pau comia lá fora – passeatas, sequestros, manifestações dissolvidas à pancadaria – lá dentro, naquele lindo apartamento no sétimo andar, vivíamos em Carnaby Street. Ali, aprendi um bocado de música, conhecimento que me foi muito útil mais tarde. Ressalva-se aqui a paciência dos pais, seu Cesar e dona Renata, porque ensaio era aquela coisa – errou, faz de novo, errou, faz de novo...

Como todo adolescente, eu também queria participar daquela festa, mas não tocava nem cantava, então precisei inventar algo que me integrasse àquele bando que, além dos quatro Bubbles (Cesar, Renato, Lincoln e Ricardo), ainda contava com o Baiano, William Salvador, Murilo, Ameba e outros menos votados no backstage. A chance apareceu quando vimos a capa do LP do Iron Butterfly “In-a-Gadda-da-Vida”, de 1968 (que aliás, até hoje não sei o que significa...). A banda

tocava tendo ao fundo uma imensa imagem psicodélica muito legal.

Foi quando me lembrei de que meus pais tinham um poderoso projetor de slides, comprado na Inglaterra, e que poderíamos tirar partido daquilo. Imediatamente tratei de arrumar algumas tintas coloridas, que usei para colorir e descolorir velhos slides, criando imagens abstratas projetadas sobre a banda enquanto eles tocavam. Lembro bem que as pessoas nos bailes ou shows ficavam surpresas, porque até então ninguém havia pensado naquilo, apesar do esquema ser bem tosco, pois às vezes eu ficava no meio do salão para poder enquadrar a galera. Para não falar do fio elétrico, a maior gambiarra, que ia esquentando a medida que o tempo passava... Durante poucos meses o esquema funcionou para minha felicidade e para a deles, como um diferencial para enfeitar a puta sonzeira que eles faziam. Mas como tudo é passageiro...

Um belo dia, fomos ver um show do grupo formado por jovens americanos que se chamava Sound of San Francisco, e quando as luzes se apagaram, quase caí para trás – eles tinham a mesma tecnologia do Iron Butterfly, ou seja, um retroprojetor sobre o qual colocavam uma recipiente transparente com água, gotas de óleo, tintas variadas, tudo em movimento, acompanhando a batida do blues que eles faziam! Perto daquilo, meus pobres slides eram a pré-história... Por outro lado, o esquema dos clubes estava se profissionalizando, e já havia em alguns deles mesa de luz com spots coloridos que tornava inócua a minha projeção.

De qualquer maneira, aquilo me serviu como uma primeira experiência com luz e cor, além de me abrir as portas – eu era bem tímido – para as gatinhas que chegavam perto para saber que objeto estranho era aquele que eu pilotava, suando em bicas, durante os shows, enquanto elas se acabavam de dançar. Bons tempos, saudades de Carnaby Street...

De formação protestante, meus pais meio que implicavam com o casal Cesar e Renata Fronzi, mas eu, meu irmão e minha irmã tinham como parceiros de brincadeira Cesar e Renato, filhos do casal. E quem segura à garotada quando quer brincar?

Eu era fascinado com o apartamento deles, que tinha uma coleção fantástica de máscaras africanas, uma vasta biblioteca que escondia entre outros tesouros livros libertinos parisienses do começo do século XX, a bico de pena – nunca os vi, só ouvi falar... – além dos ensaios da banda The Bubbles, programa garantido para as tardes de férias. Aos 17 anos eu já ensaiava os primeiros passos na escritura, batucando na Lettera 22 do meu pai, mas seu Cesar tinha na sala uma esplêndida máquina de escrever Smith-Corona. Um dia baixou uma inspiração em meio a um ensaio, e eu, tomando um abuso daqueles, sentei-me à mesa e batuquei um poema de pé quebrado que ficou por ali, esquecido.

Dia seguinte, estava lá eu outra vez, quando seu Cesar adentrou o gramado com o papel nas mãos.

– Quem foi que escreveu isso aqui? – perguntou com aquela voz maravilhosa que encantava o Brasil havia décadas.

– Bem, fui eu... – me entreguei, temendo a bronca que viria em seguida.

Sem bronca, sem treta, recebi elogios e conselhos além da recomendação de seguir carreira, porque já demonstrava aptidão para o ofício.

Algum tempo mais tarde, Marcelo, Vera e eu convencemos nossos pais a convidar seu Cesar, dona Renata e os meninos para um almoço em nosso apartamento e foi uma tarde tão deliciosa que me arrepio até hoje só de lembrar.

Seu Cesar... Gostava das boas coisas da vida, fumava bons charutos e até cachimbo, havia a tradicional macarronada de domingo, a torcida pelo Fluminense, era um homem do seu tempo que morreu muito novo para os nossos padrões de hoje, aos 59 anos. Pioneiro em muitas atividades – foi o primeiro a pensar na possibilidade de fundar uma emissora de TV no Brasil – está guardado com carinho as minhas memórias, ao lado de dona Renata, como um casal que prezava a arte e a tolerância em um Brasil que já passou. Por essas e muitas outras, eles são personagens do meu romance “Os últimos dias em preto e branco”.

PS: Um detalhe que só lembrei agora: antes da chegada do controle remoto, seu Cesar e dona Renata gostavam tanto de TV que tinham duas no quarto, uma em cima da outra e cada uma em um canal...



Foto: Segunda formação da esquerda para a direita – Ricardo Roriz (bateria), Lincoln Bittencourt (baixo), Renato (guitarra rítmica e teclado) e Cesar (guitarra solo e gaita).

Os primeiros “terninhos” com gola de veludo foram feitos pela costureira da mamãe tentando copiar os belos ternos do Beatles, vistos em quase tudo que aparecia sobre eles por essas terras tropicais. Ao final de cada apresentação, parecia que a gente tinha tomado uma chuvarada de suor. Encomendamos botinhas de couro pretas com salto “carrapeta”, cópia das usadas pelos Fab4, em um pequeno fabricante de sapatos na Rua Barata Ribeiro, quase esquina da Rua Miguel Lemos, em Copacabana. Ficaram demais. Mas o figurino compensava o esforço.



Foto: Terceira formação – Lincoln (baixo), Renato (guitarra rítmica e teclados), Cesar (guitarra solo e gaita), e Ricardo Reis (bateria).

Naqueles tempos, a maior preocupação de D. Renata era com nossos trajes. Ela sempre assistia aos programas televisivos e lia incessantemente as revistas com as novidades da moda daquela época, e se “metia” nessa área tentando nos colocar mais bonitos e arrumados, tanto na Tevê como nos shows e bailes que fazíamos. Ela saía pela zona sul à procura das lojas mais “in” do planeta. Recordo-me de uma loja na Rua Bolívar, que não consigo lembrar o nome, que era o fino da época psicodélica que frequentávamos quase que semanalmente para ver as novidades e comprar itens descolados para o nosso visual. Os padrões florais e cashmere eram os mais descolados daqueles anos 60. E lá iam os nossos caches... Que, na verdade, eram pequenos naqueles tempos. Mas as toucas de meia de seda eram nossa principal preocupação para quem tinha cabelo grande e encaracolado. À noite invertíamos o sentido normal dos cabelos para o lado inverso e encaixávamos a tal da meia de seda na cabeça para pressionar as madeixas. Aí sim podíamos dormir tranquilos, pois na manhã seguinte era só pentear no sentido inverso ao da touca, e eles estariam lisos como uma seda e fáceis de arrumar. Era uma rotina total. Quase todos os dias era assim.

Mas o principal era convidar amigos e colegas para ouvirem as nossas rendições das músicas que ensaiávamos. Em princípio, eram sempre os verdadeiros amigos: William Salvador, Murilo Lins e Ameba (Antonio Carlos). Às vezes, o Marcus e o Marcelo, mas depois a coisa evoluiu convidando outras pessoas e principalmente meninas. Conhecidas ou não, eram amigas das amigas da irmã do Lincoln, a Julieta, ou de vizinhas de prédio como a Soninha, a Vilany, a Lilido e a Georgiana de Moraes, filha daquele Vinicius, que estavam mais acessíveis de serem convidadas. Mas o princípio básico era sentir como as músicas atingiam o nosso “público”. Mesmo morando no sétimo andar de um prédio com apartamentos grandes, não sentíamos as reclamações costumeiras de muito barulho ou perturbação da ordem, pois ensaiávamos a tarde, e lá pelas 5 ou 6 horas encerrávamos o trabalho. Apesar de um casal de alemães da melhor idade morar no quarto andar, cujo som acabava fluindo pelas janelas do nosso jardim de inverno e caía diretamente em seu jardim de

inverno, ainda tinha um casal de pastores alemães que latiam sempre que a gente chegava a sua porta para pedir desculpas, ou mesmo para saber se o som estava mais baixo, mais confortável de se ouvir. Ou mesmo uma bola caída na sala deles quando jogávamos uma peladinha na Rua Saint Roman, rua de fundo da Sá Ferreira, beirando a favela do Cantagalo. Foram sempre muito simpáticos.



Foto: Registro divertido feito pelo amigo e letrista da banda Murilo Lins, na Rua Saint Romain em Copacabana.

Nesse período, ainda dava tempo de frequentar o Arpoador. Era o tempo das pranchas de Madeirit, *longboards* usadas com pés de pato Swin Finn cortados nas pontas para não atrapalhar subir nas pranchas. O cabelo comprido já chamava a atenção de todos. Parecia uma nova gang de transviados jovens... mas acabavam nos aceitando. Era colégio, praia, ensaios e nada mais. Assim era o dia dos cabeludos...

Os ensaios em casa ficaram gigantescos, pois cada vez mais amigos de amigos frequentavam e a plateia acabava ficando enorme. Assim os espectadores acabavam ficando com os brotinhos e a gente a ver navios... e guitarras.

Até mesmo algumas pessoas, em especial meninas que frequentavam nossos bailes na Zona Norte acabavam se mobilizando de lá para assistir nossos ensaios em Copacabana. Elas ficavam a tarde toda e acabávamos confraternizando ao final do ensaio, bebendo Coca-Cola ou Guaraná Caçulinha, e flertando muito. Isso acabou virando uma febre, pois a cada baile que fazíamos naqueles locais enchiam nossos ensaios na Zona Sul nas semanas seguintes.



Foto: Registro divertido feito pelo amigo e letrista da banda Murilo Lins, na Rua Saint Romain, em Copacabana.

Outra etapa interessante foram as reuniões na casa da Mariza Scholl. Um grupo de garotas fãs dos Bubbles e amigas da irmã do Lincoln, nos convidavam sistematicamente para reuniões na casa delas, quando apresentavam um monte de pequenas fotos reveladas tiradas da telinha do televisor. Só assim a gente sabia o que se passava durante as transmissões. Algumas dessas fotos ainda temos como recordação. Essas reuniões eram ótimas, pois ainda havia a mãe de Mariza, que nos dava conselhos sobre as apresentações e como nossas vozes saiam na TV. Uma vez o Renato perguntou a ela se deveria cantar “Yesterday” e ela foi categórica:

“– Você ainda é muito jovem e não tem o sentimento do Paul em sua voz. Vá treinando que um dia você terá uma voz potente e cheia de emoção.”

Brilhante! Todos cabisbaixos, mas entendedores do conselho. Algumas vezes ainda cantávamos com violão só para ela ouvir e claro as meninas adoravam. Um miniconcerto só pra elas. Mariza ainda recuperou uma gravação feita naquela época de uma entrevista feita pelas meninas aos quatro integrantes sobre música, namoradas e outras bobagens adolescentes em 03 de agosto de 1966. Entremeadas por algumas canções tocadas em violão acústico e cantadas por mim e o Renato.

As revistas de rádio e de Tevê ficavam assediando meu pai e minha mãe que eram astros da época para que fizessem reportagens sobre aqueles meninos. Era quase toda a semana, Revista da TV, Revista do Rádio, Cinelândia, TV Guia, Manchete, O Cruzeiro *etc.*



Foto: Registro da imprensa para divulgação da banda. Da esquerda para a direita, Cesar, Cesar pai, Renata, Renato e Ricardo Reis.

Outro fato foi tirar a carteira da Ordem dos Músicos do Brasil. Que medo! Avisaram-nos que para tocar na tv e nos bailes precisaríamos a tal honraria para não sermos impedidos de tocar. Estudo, estudo e estudo, mesmo sabendo as pautas pelas cifras, não pelas notas escritas. Lá fomos nós para o tal estúdio da Ordem, no centro da cidade, e nos fizeram tocar... Felizmente a tal carteirinha saiu. A verdade é que nunca nos pediram essa tal em local nenhum... Ironia... O Renato teve que apresentar a dele com as três últimas anuidades pagas para tocar no SESC Belenzinho, em 2014.



Foto: Certificado de inscrição da Ordem dos Músicos.

Já em plena agitação sabendo o que estávamos fazendo, meu avô o cineasta Adhemar Gonzaga, ia ser o presidente do júri do 1º Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro que estava para acontecer no Cine Metro Copacabana. Para nossa surpresa um dos filmes a concorrer o tal festival era “Help”, com os Fab4, dirigido novamente por Richard Lester. Quando soubemos da *avant-première* corremos a ele pedindo ingressos para podermos assistir em primeira mão o que acreditávamos seria um sucesso.

Que espetáculo... em cores e com imagens e músicas sensacionais que ainda não havíamos escutado nem visto. Roupas diferentes, mais simples e casuais, situações inusitadas e a magia da direção precisa e ágil. Além disso, conseguimos através do meu avô Adhemar Gonzaga, então presidente do festival, com a distribuidora do filme os cartazes e as fotos de vitrine que seriam usadas nas portas de cinema para o nosso mural do quarto já tão repleto de fotos dos 4. Pra encurtar a história, ele levou o prêmio de melhor filme!

A partir dali, circuito comercial. Novamente entrávamos as 14h., e só íamos embora quando terminavam as sessões. Isso nos fins de semana, pois ainda tínhamos durante a semana a velha rotina: colégio, praia, ensaios e cama.

Os detalhes no filme nos chamavam a atenção. O movimento do braço do baixo de Paul; o dedilhar do George na música Help; O pandeiro do Ringo e o violão do John nos fascinavam. Nos ensaios, queríamos emular essas coisas e as repetições eram muitas para poder chegar a reprodução daqueles sons. Mas como fazê-los? Rever o filme e repetir incessantemente os acordes e trejeitos nos ensaios à exaustão! Era como encarnar nossos ídolos...





Fotos feitas pela imprensa para divulgação da banda.

Depoimento:

*Recordação de **ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE ALMEIDA** (vulgo Ameba naqueles tempos), parceiro, letrista e contemporâneo:*

Dois episódios que me lembro, não com todos os detalhes:

Primeiro – Inauguração de uma concha acústica perto do Rio... fomos de Kombi... e teu pai iria fazer a inauguração e depois vocês tocariam... acho que o William Salvador e o Murilo Lins também estavam nessa.

Depois da inauguração, vocês tocando, alguém chega perto do prefeito que estava ao lado do teu pai e cochicha... o prefeito levanta, pega o microfone e pede pra vocês pararem de tocar porque alguém havia morrido e o enterro estava chegando perto da concha acústica recém-inaugurada... acho que foram tiradas fotos do evento...

Segundo – Fomos todos (nossa galera) no Bruni Flamengo, sessão privada, para ver pela 1ª vez no Brasil, o filme Help dos Beatles, assistimos duas ou três sessões seguidas e depois fomos almoçar na casa do Livinho Bruni e comentar sobre o filme...

São episódios que me marcaram, assim como a primeira vez que ouvimos o disco da orelha do Pink Floyd e do Yes (Roundabout) na tua casa, os ensaios que eram do cacete, as peladas na ladeira da Saint Romain...

Mas a rotina acabou mudada pelos shows que começamos a fazer pelas tardes e noites do Rio.

Nessa época de repressão, a nossa rotina parecia calma e desligada dos acontecimentos sociopolíticos do país. O outro pessoal nos chamava de alienados e conformados com a situação, mas a história era outra. Nessa idade, nós os roqueiros, só pensávamos em música e os outros só pensavam “naquilo”. Era outra tribo.

Nas matinês ou nas vesperais lotávamos clubes e ninguém deixava de se divertir. Éramos só artistas sem pretensões. Talvez reacionários. Mas totalmente ligados na música que fazíamos. Era nosso direito. Um grande prazer.

Depoimento:

SERGIO MAGRÃO, amigo e músico do 14 Bis.

Estudei com Cesar e Renato Ladeira no Colégio Mello e Souza em Copacabana, na mesma sala quase todo o primário, como chamava na época. Tempos depois, virei fã dessa banda e curti muito bailes/shows dessa galera e depois A Bolha.

Tive oportunidade depois de passado uns anos de conversar com Renato a respeito dessa época, éramos muito novos e vocês moravam na Sá Ferreira, um prédio que também tinha uma portaria pra Ladeira Saint-Roman. A história é longa até chegar ao Herva Doce e depois na produção de um CD do 14 Bis produzido pelo querido e saudoso Renato.

Mas, às vezes, a ocasião se apresenta sem escrúpulos. Uma dessas foi quando nossos pais quiseram reformar o apartamento mudando móveis e cores das paredes. Assim foi. Tiramos tudo escondendo os móveis em outros locais pintamos as paredes com frases da época, símbolos de paz e amor e convidamos uns 50 amigos para aquela noite que também seria aniversário de alguém que não me recordo. Acho que foi o meu... Caraca!... Aquilo virou um inferno. Os amigos dos amigos resolveram avisar a outros amigos dos amigos e a coisa saiu do controle. Pela estimativa dos porteiros do edifício, deviam ser mais de 500 pessoas no nosso apartamento. Até a turma da pesada da Rua Miguel Lemos compareceu. Naqueles tempos, essa turma era conhecida como a mais bagunceira e briguenta de Copacabana. Gente dançando, ouvindo a gente tocar, gente bebendo e fumando muito, azaração total e mais gente entrando e querendo participar do “happening” que estava acontecendo no apartamento 704 dos Bubbles... Graças a ele não tivemos desavenças nem brigas naquela noite. O Baiano, nosso “roadie” ficou encarregado da porta do apartamento, mas chegavam umas pessoas que ele não conhecia e então ele saía da porta de casa para procurar o tal convidado que os havia chamado para autorizar a entrada. Portanto, a cada saída da porta, uma turma entrava assim mesmo. Quando ele voltava ao posto já era outra turma que queria entrar na festa.

Depois de muitos anos, quase 50, venho a descobrir fatos engraçados que aconteceram nesses tempos com contemporâneos e no decorrer desse “happening” psicodélico do tão conhecido apartamento/estúdio 704, da Rua Sá Ferreira dos cariocas de Copacabana.

Depoimento:

*História contada por **FERNANDO SAMPAIO**, amigo de infância, juventude e colega de escola:*

Boas lembranças das apresentações na extinta TV Rio, no posto 6, e ainda mais quando elas terminavam. Era uma loucura!

Estreando o meu primeiro terno na sua festa de aniversário de 15 anos, na sua casa em Copa. Até o grande porre se manifestar. Meu primeiro porre de Cuba Libre. Doidão, fui parar dentro da banheira, vazia, e sua avó Yolanda apareceu lá com uma xicara de café sem açúcar. Eu gritava: "O que essa VELHA, estava fazendo aqui? Tira essa velha daqui". Ou seja, uma merda total. Deram-me café, e nada passava o porre. Depois na saída e no hall do elevador, de frente com meu amigo Deco, vomitamos sem parar antes de entrarmos no elevador. Meus amigos Éboli, Helinho e Arnaldo me levaram pra casa. QUE FESTA! Lembra-se dessa festa? Desculpas, agora revelada, pelo tratamento com a sua querida vó. Até hoje não tomo Cuba Libre...

Dia seguinte. Paredes pintadas, chão imundo, copos e guardanapos sujos espalhados por todo lugar. Mas... quem diria... Ao entrar em nosso banheiro mais um sujeito de calção dormindo e roncando na banheira totalmente chapado! E ninguém da nossa turma sabia quem ele era... E agora. Toca a acordar o cara e tentar descobrir quem ele era ou pensava que era. Depois de um banho de chuveiro o cara se identificou e foi embora. Finalmente a festa de arromba tinha terminado. Até hoje não sei de onde ele veio nem de quem era convidado.

Depoimento:

*Grande amigo e músico **FERNANDO DÁVILLA** sobre aquele dia festivo, afinal fatos são fatos...*

D. RENATA X THE BEGGERS

Não me lembro exatamente o ano. Provavelmente 1966 ou 1967. Meu Ye, Ye, Ye Group eram The Beggers.

O baterista era um pivete que havia sido defenestrado de outro conjunto chamado The Bubbles. Coincidência? Bem, um dia, o garoto Ricardo Roriz, adorável menino, nos avisa que no sábado seguinte haveria um happening na Sá Ferreira, na casa do Renato e do Cesar.

Disse com todas as certezas do mundo que havíamos sido convidados, até porque estariam disponíveis os equipamentos para os convidados tocarem!! Uau! Tem coisa melhor que isso? Apenas havia um detalhe, seria um happening em estilo hippie. Todos a caráter. Claro que adoramos, e passamos certamente produzindo umas roupas adequadas... Água sanitária na calça de colégio pra ficar manchada, procura no centrão uma camisa esquisitona, e assim por diante.

Pronto! Chegou o sábado! Todos se produziram... Palhetas no bolso, e 8 da noite fomos nos encontrar num boteco na Raul Pompéia, perto da Francisco Sá, pra tomar “coragem”.

Cadê o Ricardo? Espera, espera, espera... Todos bêbados, 10 da noite e lá vem o Ricardo pela Raul Pompéia como se nada tivesse acontecido. Chegou, sentou-se e todos falaram! “Porra Ricardo, não era às 8?”. Ele respondeu com a candura de um anjinho... “Era... mas eu esqueci que tinha marcado com vocês aqui, e fui direto. Aí aconteceu um problema... D. Renata abriu a porta e disse que eu não punha os pés naquela casa.”

Devo ter feito algo errado no passado... Ele tomou uns 30 tapas na cabeça. Foi o mínimo.



Capítulo 7 – As Apresentações na TV

A **Família Trapo** (TV Record-SP) estava no auge. Othelo Zeloni, Ronald Golias, Jô Soares, Renata Fronzi, Cidinha Campos e o meu amigo Ricardinho Corte Real. Os festivais da TV Record bombando.

Algumas vezes, fazíamos par com o grupo do Ricardinho Corte Real (Os Pulguentos), ensaiando durante o programa e aproveitando a ideia de que toda semana eles apresentavam uma personalidade durante o mesmo.

As tevês estavam no começo do uso do videotape e nada era transmitido nacionalmente, só algumas semanas depois. Os estúdios e as gravações ao vivo eram realizados em São Paulo, no Teatro da TV Record, na Rua da Consolação. Então, no Rio, o sucesso da Família Trapo só aconteceria algum tempo depois quando a TV Rio começou a passar os tapes dos velhos programas. Com os festivais da Record era a mesma coisa, mas havia uma urgência para exibi-los no Rio de Janeiro, pois a maioria das gravadoras tinha sede na cidade. Assim, logo na mesma semana, você já sabia que alguém vinha de avião, provavelmente um comissário de bordo ou comandante ou mesmo alguém de automóvel, trazendo a fita para exibição na cidade. E a febre musical disparou nas telinhas do Rio.

Então, apesar de não termos nenhuma ligação com nenhuma gravadora, nos chamavam para tocarmos ao vivo em alguns programas vespertinos e noturnos. Aos sábados e domingos isso era uma febre. Todas as estações tinham programas de auditório com música ao vivo dos conjuntos e dos artistas menos cotados da Jovem Guarda. Às vezes, quando vinha um figurão as coisas todas mudavam. Era só gritaria na espera da entrada deles. E assim o movimento ia crescendo.

Depoimento:

*Boas palavras do **RICARDO CORTE REAL**, grande amigo, músico, ator e publicitário:*

Em 1967, talvez 1968, eu atuava como Sócrates, o filho adolescente da Família Trapo, programa (para quem não sabe) de muito sucesso na TV Record. Gravávamos todas as sextas o programa ao vivo, sem cortes nem intervalos com auditório sempre lotado.

O Carlos Alberto de Nóbrega e o Jô Soares escreviam o programa, e de vez em quando me deixavam muito feliz quando colocavam uma entrada do meu conjunto (naquela época banda se chamava conjunto) Os Pulguentos, no programa. Quase sempre a cena acontecia no começo do programa no quarto do Sócrates, mas nem sempre a música chegava ao fim, pois o pai do Sócrates, Pepino Trapo (Othelo Zeloni), entrava no quarto dando um esporro e mandando parar o barulho.

E não foi diferente no dia em que o conjunto de uns amigos do Sócrates foi convidado pra tocar no quarto/estúdio do Sócrates. O Carlos Alberto me falou que tinha convidado os filhos da Renata Fronzi (que era minha mãe, Helena Trapo) que tinham um conjunto chamado Bubbles. Fiquei curioso, achei o nome legal, mas não tinha ideia do que poderia vir e foram muito bom, eles tocavam algumas músicas que nós tocávamos também, só que muito melhor! Fiquei vidrado e tentando entender porque o som deles saía tão mais compacto que o nosso e com uma aquela energia.

Não me lembro de que música eles tocaram, acho que foi algo entre “Walking the dog” ou “Route 66”, mas também pode ter sido “Wild thing”, pode ser que o Cesar saiba. Só sei que fiquei fã e graças ao fato de ter uma mãe maravilhosa em comum, fiquei irmão dos irmãos Fronzi Ladeira. Curti bons momentos com os Bubbles no apartamento da Sá Ferreira; os “nossos” pais, Cesar e Renata, eram muito bacanas, deixavam o conjunto ensaiar na sala!

Aprendi bastante e me diverti muito indo a alguns shows e algumas baladas com meus irmãos Cesar e Renato. Viva a Bolha, Bubbles 4 Ever!



Foto: Os Pulgentos, no Corte Real Show – TV Record, São Paulo. Tocaram “Vem quente que eu estou fervendo”, com arranjo diferente e muita distorção. Ricardo estreando a nova guitarra Berger com distorção embutida.

Programa do Chacrinha e Programa Mário de Andrade (TV Globo Rio), sempre com The Fevers como banda principal e que acompanhava todos os artistas da época que lá cantavam sempre ao vivo. Em um dos programas do Mário, me lembro de uma passagem curiosa que aconteceu. Estávamos programados para tocar antes do maior lançamento do Leno & Lílían, mas ninguém nos avisou e sapecamos “Hang on Sloopy” dos McCoys, em inglês. Ao final da nossa apresentação, o Leno quase nos enche de porrada, lá mesmo nos bastidores, pois o próximo número, que seria deles, era o lançamento de “Pobre Menina”, que era a versão em português do mesmo *hit*. Nunca mais nos vimos... Tempos depois, o Renato acabou trabalhando com ele.



Fotos: Estúdio da TV Globo. Som ao vivo.

Depoimento:

LILIAN KNAPP, da dupla Leno & Lilian, amiga e contemporânea

Lembro-me muito dos ensaios que tínhamos que fazer na TV Rio, quando éramos contratados do Programa do Roberto “Alta Tensão”...

A turma toda se encontrava... adolescentes (de 13 a 19 anos dos 70’) Imagina a “zona” que a gente fazia... Todo mundo falando alto contando piadas... Era uma alegria só... Quem tinha preocupação nessa altura da vida...

Numa dessas, chegou o Carlos Manga (diretor do programa) juntou todo mundo numa roda, no estúdio e deu uma broooncaaa com aquela voz forte que ele tinha... gritou mesmo! Ficou um silêncio... todo mundo com cara de tonto... falou do profissionalismo que tínhamos que ter na hora do ensaio etc.

Claro que no programa seguinte... a zona continuou... hahaha, que delícia foi a nossa juventude!

Renato foi o primeiro que, como produtor, me incentivou a cantar num tom confortável pra mim, ao invés de cantar em falsete... Como vinha fazendo... nos 80’. Sinto saudade dele... Ficamos muito próximos na época em que morávamos no Recreio...

Sabe que ele gravou uma participação, em dueto (segunda voz) na música que fizemos pros nossos pais?



Foto: Com Vitor Manga Filho na batera, Marcio dos Vips, no baixo, e Sergio Reis, na guitarra e nós.

Programa Jair de Taumaturgo: na TV Rio, ali no Posto 6, final da Avenida Atlântica, onde no passado havia o grande cassino Atlântico, quase todos os sábados, à tarde. E, ainda, programa **Vespéral da Juventude e Terça Espetacular:** na TV Excelsior, Rio de Janeiro também aos sábados à tarde nas dependências do antigo Cine Astoria, em Ipanema.



Foto: Estúdio da TV Rio, na Av. Atlântica. A entrada dos artistas ficava na Rua Francisco de Sá, bem no canto esquerdo da foto.

Embalo do maestro Erlon Chaves (TV Rio): programa de música onde se apresentavam todos os tipos de atrações; tocamos todas as semanas por cerca de um ano. O que a gente não esperava era a horda de fãs que se aglomeravam na porta dos fundos da TV Rio. Sempre gritando e “arrancando” pedaços da gente. Sentia-me um *Rock star*!

Certa vez, acabei usando uma calça florida e um par de óculos retangular que minha mãe havia comprado, igualzinho àquele que o Roger McGuinn dos Byrds

usava nas fotos de divulgação e nas capas de disco, e então o maestro Erlon, apresentador do programa, me perguntou se aquilo e as roupas que vestíamos era alguma novidade... Respondi que era a tendência “MOD” que estava em toda Inglaterra, e lá se vai ele e a plateia caindo na gargalhada e risadas achando que eu havia falado “Modess”, o absorvente... Pediu para repetir... Novas gargalhadas. E ficou por isso mesmo! Acho que nem ele nem ninguém sabiam do que a gente estava se referindo. Não tivemos tempo para explicar. Vocês devem saber: tempo em televisão é dinheiro...

Tocávamos a abertura musical do programa juntos com a orquestra... um acontecimento para os novos músicos.



Foto: Registro de Cesar feito da telinha da TV, por Marisa Scholl.



Foto: Estúdio da TV Rio, com Erlon Chaves em primeiro plano.



Foto: Estúdio da TV Rio no programa Erlon Chaves, com Ricardo Reis na bateria.

Lá, conhecemos o grupo dançante do Cidinho e Ademir Lemos... Esses caras dançavam demais. Calças Saint Tropez, botinhas com salto carrapeta e golas rolê pretas. O grupo era formado por dois casais que dançavam, e muito bem, todos os novos ritmos e passos que estavam na onda. Inclusive, acabaram fazendo uns shows conosco pelos clubes do Rio. Ademir depois se tornou um dos primeiros grandes produtores e DJ daquele tempo.

Fahrenheit 2000 (TV Tupi Rio): Taiguara e Eliana Pittman apresentavam. Dividíamos o palco todas as semanas com outros grupos, como The Brazilian Bitles, Os Mugstones (será que alguém se lembra do bichinho? Os Mugs – febre marqueteira dos anos 60...), Os Sunshines *etc.* O palco era o mesmo da época do Cassino da Urca, o mesmo que anos antes, lá pelos anos 40, meu pai era o diretor artístico. Artistas nacionais, tais como Carmem Miranda, Grande Othelo, e outros internacionais como Josefine Baker, Maurice Chevalier, Lucienne Boyer pisaram naquele mesmo local. Até Walt Disney e Orson Wells frequentaram.



Foto: Fachada da TV Tupi, Rio onde era antigamente o Cassino da Urca – Rio de Janeiro.



Jovem Guarda em São Paulo (TV Record): Era estranho. Não tínhamos estourado em vendas de nosso compacto e a sensação de ser chamado era “... Vamos chamar aquele grupo dos filhos da Renata Fronzi e ver o que vai dar...”. Era fora da nossa praia, da nossa *vibe*, mas era uma grande oportunidade de sermos vistos e consolidado no nosso espaço. Chegamos a São Paulo e direto ao Teatro Record, na Rua da Consolação. Num camarim dividido com outras atrações menores, já que os “astros” tinham o seu próprio, trocamos nossas roupas e esperamos pelo chamado para o ensaio. Que nada! Era pra ver onde a gente ligaria nossos instrumentos na aparelhagem que todos os outros grupos também usariam e verificar se estava saindo som... Foi assim, na improvisação como era de costume naquela época na televisão brasileira. A única vantagem era que os operadores de áudio já nos conheciam das poucas aparições na Família Trapo, e deram uma mãozinha para o nosso som sair numa boa. Valeu. Alias, é bom lembrar que não havia retorno do nosso som... só escutávamos o que saía dos amplificadores que ficavam atrás, num patamar abaixo do palco e a voz vinda da plateia.

Tínhamos que impressionar. Ensaíamos por semanas “Wild Thing”, dos Troggs; foi uma tremenda apresentação... Camisas de seda preta e calças listradas verticais de branco e preto... Renato cantava com umas maracas mexicanas nas mãos (trazidas por minha mãe de uma viagem ao México muito tempo antes), e os paulistas todos se assustaram; pediram bis, e tocamos de novo; e os brotos gritavam. Foi a única vez.

Ainda no **programa da Hebe** (TV Record, SP), onde tocamos “Piange Com Me”; a canção italiana original do grupo anglo/italiano The Rokes fez tanto sucesso que a banda acabou vindo ao Brasil. Plateia lotada. Foi bis no programa. Assim como no **Moacir Franco Show** (TV Tupi - Rio) com minha mãe nos apresentando. Tudo ao vivo.

Depoimento:

*Verdades contadas por **RICARDO RORIZ**, nosso primeiro baterista e grande amigo.*

Em um dos programas Moacir Franco Show onde sua mãe foi homenageada, ensaiamos com o Guto, filho do Moacir, a música Pescaria para acompanhá-lo no programa. Acabando o ensaio, eu, o Guto e o Renato fomos brincar de esconde-esconde nos bastidores e camarins da TV Tupi, Rio. O Guto chamou o irmão pra brincar também, e sei que ficamos brincando e esquecemo-nos do compromisso. Foi quando um contra-regra nos achou e tomamos a maior bronca, pois o programa já havia começado e nós entraríamos em 5 minutos. Imagine a correria que foi pra colocarmos o terno com gola de veludo, gravata, botinha etc... Só sei que o Renato e eu tomamos a maior bronca do seu pai ao voltarmos pra casa.

Já na TV Excelsior Rio, os cenógrafos colocaram a bateria em um tablado pequeno e mais alto do que o nível do palco. Mas meu bumbo da bateria era muito grande, 26 polegadas. Lembro que tocávamos “I Feel Fine” quando o tripé do prato despencou lá embaixo. Recordo-me também que o Renato Aragão estava esperando pra entrar depois da música com um quadro dos Trapalhões.

Não me lembro se foi em Petrópolis ou Teresópolis àquela festa que fomos tocar em uma casa, e que o Murilo Lins, nosso grande amigo e fotógrafo teve que pedir aos meus pais dizendo que era um show em Volta Redonda, e dormiríamos lá. Quando chegamos, não tinha energia elétrica e o gerador não aguentava a carga do nosso instrumental. Não sei como você vai colocar isso ou se vai, mas era um bacanal, onde as mulheres na época, um pouco mais idosas que nós, nadavam nuas na piscina. Eu e o Renato ficávamos escondidos só olhando a mulherada.

Nas bagunças, eu me dava muito bem com o Renato. Depois do ensaio na sua casa, eu e Renato íamos pro quarto raspar casca de laranja ou tangerina para fazermos aviãozinho de papel e colocar fogo para jogarmos nas pessoas que passavam na rua. Às vezes, deixávamos a raspa secar, pois o fogo era mais forte e o aviãozinho ia mais longe. Seca, a raspa das cascas fica inflamável.

Inclusive, eu iria tocar com ele a música NÃO VOU CORTAR numa apresentação. Uma semana antes, Deus o chamou. Foi um tempo de 2 anos ou mais um pouco que estive nos Bubbles, mas que pra mim marcou muito.

Naquela época, a Mariza Scholl e suas amigas, com suas câmeras Kapsas ou Instamatics, faziam fotos da telinha das suas tevês para nos mostrar como as coisas estavam saindo e também para guardar como lembranças que temos até hoje.

Depoimento:

*Boas lembranças da **MARIZA SCHOLL**, amiga e fã dos Beatles e dos Bubbles.*

Lembro-me da minha mãe juntando fotos de alguns artistas e indo na casa do Lincoln ajudar na colagem da parede dele, mas isso não é Bubbles total, só do Lincoln mesmo, que até foi médico dela algum tempo – pena que teve Alzheimer, aliás foi nesse dia que ela se foi, mas para mim, se libertou desse mal.

Lembro-me de que minha mãe fazia uns churrasquinhos no palito, embrulhado no bacon e vocês adoravam, nem conseguíamos sair da cozinha com eles, vocês devoravam tudo. Falando, vai aparecendo na memória, minha mãe fazia umas saladas de batata personalizadas, vocês todos tinham fichas com informações sobre o gosto de cada um, com cebola, com salsa etc., mas vou ver se me lembro de algo mais de vocês, fui a vários clubes que vocês tocaram.

Aqueles álbuns fotográficos da minha mãe que dei para o Renato e o Nélcio têm tudo sobre vocês e tudo com data e local, (fotos tiradas diretas da TV) – mas minha primeira lembrança instantânea era o doce que vocês faziam lá em casa

com queijo de minas fresco e goiabada derretida e misturada na manteiga com canela e açúcar – nunca vou me esquecer daquelas reuniões. Renato até me mandou um Cd de áudio com uma delas, a Jo entrevistando vocês – e outra quando minha mãe amarrou toda aparelhagem de vocês que ficou lá em casa.

Lembro-me que vocês não vieram no meu aniversário porque foram tocar no Hotel Quitandinha.

Ainda alguns comentários de Mariza:

8/6/67 – “Os Bolhas” vão embarcar às 3 h. no navio para São Paulo (Santos), pois vão tocar a bordo, voltam domingo, por isso FuFu (William) desmarcou aula de Inglês para ir com eles. Lincoln ficou doente, parece que não foi. Pouco antes disso, o William Salvador trocou as aulas de francês que tinha com minha mãe por inglês, pois ia para Londres com o Cesar... (Ida do conjunto a Los Angeles – USA).

2/7/67 – Bolhas no Hotel Quitandinha.

7/7/67 – Bolhas vão gravar TV Tupi.

10/7/67 – Os Bolhas aparecem em videotape – TV Tupi, Canal 6, no programa Fahrenheit 2000.

Cesar cortou a barba do queixo e deixou como George Harrison, o bigode junta com as costeletas, palavras da mãe...





Fotos tiradas a partir da telinha da TV, por Marisa Scholl.

Bem mais pra frente, depois que larguei o grupo, entrei no Festival Universitário (TV Tupi Rio), em 1971, no Teatro João Caetano, no centro do Rio, aquele dos Ivan Lins, Gonzaguinha, Belchior *etc.* com “Eu Quero”, música minha, escrita durante meus anos de Escola de Teatro, com arranjo e orquestra do maestro Guerra Peixe e com Renato e meu amigo Marcus Veras de Faria, no coro. Não deu em nada. A letra era algo incompreensível para a época. Muito “Lucy in the Sky with Diamonds”. Muito psicodélico para a época. Repressão ao máximo. Só protesto valia nesse tempo. Muita brasilidade na veia. Ufanista mesmo.

Acho que me deixaram entrar por causa dos meus pais, que eram artistas. Nunca saberemos. Mas a música valia a pena. Era um devaneio daquele tempo.



Fotos: Divulgação do Festival Universitário da TV Tupi, Rio: Cesar, Renato e Marcus.



Capítulo 8 – As Festas, os Shows e os Bailinhos

A gente estava topando tudo: festinhas, televisão, bailinhos em clubes e inferninhos por toda a Guanabara.

Recordo-me da primeira festa que tocamos na casa da Ângela, na Avenida Atlântica, de frente para o mar, amiga da Julieta, irmã do Lincoln, acho que em 64 ou 65. Chegamos com a nossa “aparelhagem” – um amplificador, 2 guitarras e um violão elétrico e a bateria Ludwig do Roriz (uma velha de bumbo grande, ainda de couro animal usada nas big bands do passado que ele conseguiu não sei onde). Naquela tarde/noite, a gente só sabia umas 3 ou 4 músicas, e me recordo de repetir “Satisfaction” umas 10 vezes... E a garotada toda dançava freneticamente... Acho que não dormi àquela noite.

O sol da tarde já estava caindo na praia e a gente pertinho da janela que descortinava toda a beleza de Copacabana já se esvaindo. Mas a tal festinha rolava e desencadeava uma ligação entre nós quatro que seria sentida por alguns anos.

Nessa época, começaram a aparecer os “empresários” marcadores de shows. O Luiz Andrade apareceu e agendou uns bailinhos pra gente tocar, mas naquele momento ainda não tínhamos repertório suficiente pra tocar umas 2 horas, e precisávamos de pelo menos 4 horas.

Fomos chamados para uma foto de uma publicidade do magazine Mesbla que necessitava de um grupo jovem de yeah, yeah, yeah, para vender sei lá o quê.



Foto para anúncio da Mesbla.

O maior problema agora era que os cabelos iam crescendo e no final do ano a diretoria do Colégio Mello & Souza não permitiria cabelos grandes no ano seguinte. Ainda bem que sabíamos que a Escola Estadual André Maurois, no final do Leblon, pertinho do Jockey Club, dirigida pela Prof^a. Henriette Amado, permitia e incentivava a garotada a serem elas mesmas. Sempre cumprindo nossas obrigações pedagógicas e aprendendo o que nos era lecionado. Enfim, um jardim de esperança no Rio de Janeiro. Um oásis de liberdade e despojamento naquela época de tamanha repressão e inconformismo. Bem o tema da primeira música que gravamos.

A partir daí, a gente topava tudo o que aparecia: no **auditório do André Maurois**, depois das sessões de cinema do Bruninho Barreto, com a banda do americano Bruce Henry (The Outcasts) e o Sound of San Francisco (com um guitarrista careca americano que não me recordo o nome, talvez Johnny Dandurand), e que fazia projeções psicodélicas com óleos e tintas no fundo do palco com um retroprojeter num imenso lençol branco - uma loucura na época, o “Zé povinho” ficava de boca aberta. Ainda me lembro do colega de colégio Sidnei Magal assistir a esses encontros musicais.



Foto: Outcasts, no Clube Paysandu – Rio de Janeiro.

O **Colégio Aplicação**, na Tijuca. Uma das vezes acabávamos tocando ao ar livre, na escadaria da escola. Que som de merda! Ainda não usávamos PA (Public Address – amplificação para vozes). Mas a mulherada adorava. Dançava sem parar. Mais de 1500 pessoas assistiam. Nesse tempo, a maioria que estudava no Aplicação era feminina. Só poucos rapazes compunham as classes. Então a azaração dos tijucanos era comparecer a qualquer show que acontecesse lá. Afinal, a abundância abunda...

Clube Federal – Casa do Telhado Azul (lá no final do Leblon, subindo uma ladeira) que local maravilhoso. Garotada empolgada e comportada. Era clube da elite, mas a juventude estava pronta para assumir o seu papel desbravador. Gente bem arrumada e cheia de entusiasmo pelas músicas que tocávamos. Primeiro local onde usamos uma decoração de palco feita de cartolina preta e o pequeno órgão/pianola Hering para tocar “We can work it out”. Bateria Premier e amplificadores Phelpa. Sempre lotado, sempre bem frequentado. Só gente fina.



Foto: Decoração e ensaio com Osni Vidreiro no Clube Federal (Casa do Telhado Azul) – Leblon – Rio de Janeiro.

Escola Americana, no salão do **Paissandu Atlético Clube** na Lagoa (esse sim com PA vindo lá de fora com microfones Shure, amplificação adequada e boa de ouvir). Lotado de filhos e filhas de diplomatas de língua inglesa, além dos cariocas que frequentavam a escola. Clima completamente diferente dos clubes habituais do Rio e da Zona Sul. Parecíamos que estávamos tocando em algum lugar dos USA.

Colégio Our Lady of Mercy, no Humaitá, lugar escurinho, mas com uma frequência magnífica de meninas e garotos ávidos por ouvir e curtir *rock* bem feito. Outro local frequentado por estrangeiros e cariocas. Bem escuro para os padrões da época. Era o pessoal que já tinha ouvido a maior parte das músicas que tocávamos. Sensacional e super intimista.

Esporte Clube Radar, em Copacabana, às vezes com o Guilherme Lamounier (All Star Band), Renato Terra (Os Nômades) e seu grupo, Mamães e Papais que o Fernando Adour e uma menina americana, já meio carioca (não me recordo o nome) faziam conosco uns vocais maravilhosos nas músicas dos Mamas and the Papas. Em especial, “Monday, Monday” e “California Dreamin’”, dentre outras. A tal menina tinha a voz muito parecida com a da Mama Cass. Esse era o lugar! O nosso “Cavern Club”. Uma casinha na Júlio de Castilho perto da Pompeu Loureiro; aos sábados, a gente podia tocar o que quisesse e ainda convidar nossos amigos mais próximos para comentar sobre novas músicas e novos arranjos. Era a noite do prazer musical e muita Cuba Libre, pra quem gostava...

Depoimento:

FERNANDO ADOUR, *saudoso amigo, músico e cantor maravilhoso.*

Meu querido! Tempos inenarráveis em que tocávamos por prazer e não por grana, pois grana não tinha! Às vezes, penso que é melhor se lembrar do que qualquer outra coisa! Nunca me saiu da memória o dia em que fomos cantar no Radar em Copacabana, e estava lotado por nossa causa. Lembro-me que nos sentíamos Beatles, e eu cantei GOT TO GET INTO MY LIFE e fui paquerado pelas meninas (aliás... todos nós!). Lembro-me que o Ricardo era o mais atirado e o Lincoln o mais tímido! O Renato (saudades!) também dava suas paqueradas! Lembro-me que sábado à noite íamos pra sua casa assistir à Família Trapo! Nunca me esqueci, jamais me esquecerei!

Boliche 300, no Leblon, com a garotada do The Botles, The Goofies (Dadi, da Cor do Som, Pedro Lima, depois da Bolha e Rick Ferreira, dos Goofies e ex-Raul Seixas, o super guitarrista mais requisitado de hoje em dia), mas era o local dos Outcasts do Bruce Henry... todos amavam a banda dele.

Recordo-me do dia em que o Rick foi a nossa casa com o presente que seu avô tinha lhe trazido dos USA – uma guitarra Gretsch Viking, modelo G6122T-62 Vintage Select Edition '62 Chet Atkins Country Gentleman Hollow Body with Bigsby (alavanca), igualzinha a do George Harrison. Todo mundo boquiaberto, já que naquela época era muito difícil você ter um instrumento como esse. Durante certo período, encontrávamo-nos para passar dicas, acordes e maneiras de extrair o melhor som dessas novidades.



Foto: Os Goofies: Rick Ferreira já com a Gretsch, à esquerda, Pedrinho Lima, Neco (irmão do Rick, na bateria) e Dadi Carvalho no baixo, num ensaio na casa do Rick.

DEPOIMENTO:

RICK FERREIRA, *amigão e grande guitarrista:*

Conheci The Bubbles numa festa de uma amiga da nossa turma, que foi namorada do meu irmão Neco, chamada Daniela, na Rua Fonte da Saudade, Lagoa, Rio de Janeiro. Isso deve ter sido em 64 ou 65. Eu e minha banda The Goofies, com Dadi Carvalho, Pedro Lima e Paulo Affonso estávamos tocando lá. De

repente, quem aparece na festa... Os irmãos Cesar e Renato Ladeira e o Ricardo baterista. Lembro-me como se fosse ontem, o Lincoln baixista não foi. E lá estava o The Bubbles, a já famosa banda que conhecíamos somente pela televisão. Eles nos pediram pra dar uma canja, e claro, nós deixamos. Mandaram um Suzie Q, que mesmo sem a presença do Lincoln, o baixista, foi o suficiente para que nós, os Goofies, não querer mais tocar. Eles foram até o final da festa tocando, e nós, sem entender como podiam tocar tão bem assim, na nossa frente, coisa que até então só ouvíamos nos discos dos Beatles. The Bubbles foi pra mim, uma grande influência na minha vida, todos eram excelentes; naquela época, 63, 64, já tocavam muito. Cesar Ladeira, o guitarrista, foi uma pessoa de grande inspiração pra mim como segmento musical. Ainda naquela época, acabamos nos aproximando e nos tornamos amigos.

Frequentávamos as casas uns dos outros, pedíamos equipamentos emprestados uns dos outros, quando tínhamos alguma festa pra tocar. Foi uma época marcante e privilegiada. The Bubbles depois virou A Bolha; e com a saída do Cesar, o Pedro Lima, nosso guitarrista, junto comigo no Goofies, foi convidado para substituí-lo. Queria registrar, aqui, que Cesar foi um grande guitarrista na nossa infância e adolescência. Talvez ele nem saiba disso, mas grande parte do que eu sou, hoje, como guitarrista e músico, foi me inspirando e me espelhando nele. Cesar, obrigado por você fazer parte da minha trajetória na música.

Grajaú Tênis Clube e Tijuca Tênis Clube. Primeiros bailes de 4 horas de duração na Zona Norte. Cansava, mas era recompensador. A plateia ficava extasiada com as novas músicas que a gente trazia e que ainda só tocavam nas rádios. Sempre lotado.

Tocamos também em outros locais muito bem frequentados como: **Escola Americana, Cultura Inglesa, Paissandu Atlético Clube, 2º Salão de Moda da Feira do Atlântico, Santuário São Judas Tadeu** no Cosme Velho e o próprio auditório do colégio **André Maurois**, onde estudávamos...

Relembrado por minha namoradinha, na época, Rosangela, fomos eu, Renato e ela mais duas primas dela para um baile em São Cristóvão... no **Sport Club Benfica**, mas lá pelas tantas nos reconheceram e fizeram a gente subir ao palco e tocar algumas músicas... Aplaudidos...

Também fizemos uma excursão pelo Espírito Santo, tocando em **Cachoeiro do Itapemirim, Mimoso do Sul, Alegre e Castelo**, junto com o cantor da Jovem Guarda Osny (Osni Vidreiro) Ricardi, que cantava uma balada chamada “Quero Apodrecer Contigo Num Túmulo Qualquer” – algo dark, meio gótico já na época, para agradar gregos e troianos. Mas ele cantava os sucessos da Jovem Guarda para nos redimirmos...



Foto: Compacto de Ricky Ricardi

Depoimento:

OSNI VIDREIRO, cantor, companheiro e parceiro de apresentações:

Quando alguém me cobra sucesso na vida, eu nada respondo e apenas penso: Eles não sabem que eu conheci Cesar Ladeira e Renata Fronzi. Convivi com o casal e com os filhos – Cesar e Renato, e mais, cantei com os Bubbles. Eu nunca precisei de mais para ter sentido o gosto doce do sucesso. Mais, só o fato do seu Cesar ter me levado ao Jair de Taumaturgo, que me colocou para cantar em seu programa na TV Rio, e ali ter surgido o compositor de mais quarenta músicas da Jovem Guarda. Obrigado, amigos por esses momentos eternos que, fantasiados de lembranças, replicam sonhos no meu coração. Eu agradeço até hoje.

Certa vez, tempo depois da nossa primeira juventude, um excelente vocalista e músico chamado Aladim me contou que encontrou Renato Ladeira. na TV Globo, produtor de temas de novelas, e falou “Renato, nós temos um amigo em comum”; e Renato perguntou: “Quem?” ao que Aladim respondeu: “Osni”. Renato olhou sério e falou: “Aquilo é um filho da puta!”. Aladim ficou sem saber o que fazer diante de possível gafe. Sentiu o chão se abrir, morrendo de vergonha. Foi aí que Renato completou: “Eu tinha catorze anos e esse canalha pagou uma garota na porta da TV Rio para me agarrar, gritando que ia transar comigo. Eu corri e ela correu atrás de mim pela Avenida Atlântica...”. E completou, diante da perplexidade do Aladim, “Esse safado é meu irmão”.

Então, levado por seu Cesar, eu ia cantar na televisão. Dona Renata me chamou e me disse: “Vamos arranjar um nome artístico pra você. Osni não é nome de cantor de rock”. Quando o Jair perguntar seu nome, você diz: “Meu nome é Rick Ricardo!” E assim foi feito. Dona Renata gostava de aliterações. O outro afilhado dela era um humorista e se chamava Nick Nicola.

O baile rolava. De onze às quatro da manhã. Eu e seu Cesar acompanhávamos sentados a uma mesa e bebendo refrigerante. Salão lotado num do Engenho Novo. Foi aí que seu Cesar murmurou: “Já imaginou o Roberto Carlos ali no palco

agora com os Bubbles?” e na pausa seguinte chamou o Cesinha e falou alguma coisa no ouvido dele. Aí olhou pra mim e disse “Oooooosni (assim que ele me chamava), suba ao palco e cante como você faz nos intervalos dos ensaios lá em casa”.

Imagina! Quem chamou Orlando Silva de “O cantor das multidões” e Carmem Miranda de “A pequena notável” me mandando pegar o microfone e cantar! ... Aí eu cantei com os Bubbles.



Foto: Osni cantando ao vivo no Programa Jair de Taumaturgo, na TV Rio.

Isso sim era aventura: Aparelhagem, instrumentos, todos os músicos, roadie, meu pai (meio que empresário e manager) e o motorista em uma Kombi... A gente dormia debaixo dos bancos, literalmente. E certa vez, numa dessas cidades, o palco era em cima de uma caçamba de caminhão com uma tenda cobrindo o céu... Sem amplificação de voz. Tudo no grito. E, às vezes, tinha aquelas cornetas de áudio que se usava para vender pamonha e outras coisas. Político usava esse recurso para fazer propaganda. Mas éramos apresentados com um grupo do Rio que tocava na televisão... E a praça enchia. Lembre-se de que a Tevê era somente local. Se você não fosse ao Rio ver Tevê, não saberia o que estavam comentando. Mas quando era em um salão de clube, o pessoal ainda não entendia o que era *rock and roll*. Todo mundo queria, nessas cidades, dançar agarradinho, tipo mela cueca, tipo esfrega-esfrega. E lá depois da primeira meia hora, o salão ia esvaziando, e depois de 2 horas já não tinha mais ninguém. Só uns chatos querendo que a gente tocasse as músicas do Roberto ou do Wanderlei Cardoso... Deus nos livre... Tocamos até em restaurante de posto, nessa estrada.



Foto: Descanso em baile, no Espírito Santo, com duas garotas relaxando na mesa, conosco.

Depoimento:

JORGE CARVALHO, músico, luthier e contemporâneo:

Lembro-me bem do Santuário São Judas Tadeu, lá no Cosme Velho, aonde toquei pela primeira vez com o The Beach Combers, na aparelhagem dos Thunder's. Vocês também tocaram lá, se não me engano isso foi em 66.

Fizemos uma apresentação já como The Moonlights, minha segunda Banda, na Feira da Providência, na Lagoa, em que a Banda que iria abrir foi Raulzito e seus Panteras... Eles tinham vindo direto de Salvador, com roupas extravagantes cheias de flores... Tiraram seus equipamentos de uma Kombi e montaram o set... Cara... Neguinho detestou... As poucas pessoas na frente do palco começaram a sair... Aí o Esdras Reis, nosso empresário, nos chamou às pressas pelo serviço de alto falantes... limou os caras e atacamos com Hey Jude foi a glória...

Muitos anos depois, fui ao primeiro Rock in Rio, em 85, e em um camarim ou camarote encontrei o Raul que acabou me reconhecendo daquele episódio...

Passaram duas figuras, um negão e o De Paula, com aquele cabelo Beatles, meio Brian Jones assim, aquele cabelinho Chanel. Aí ficaram me olhando... Aí o cara perguntou assim, ah, você toca?... ridículo? E eu desenrolei, né? Meio tosco, logicamente o cara disse assim, ah... nós estamos precisando de um guitarrista, nós temos uma banda chamada e tal, guitarrista saiu, o solista saiu, não quer ir lá não? Então, lá nós temos uma Super Sonic, um amplificador Phelpa..., caralho, sonho de consumo, cara. Aí, pô, claro, né? Falei, ah, tudo bem e tal. Eu tinha uma guitarrinha Giannini, ritmo um, aquelas primeiras, né? Hit já turbinadinho e tal, mas era sonho de consumo de todo mundo. Aí eu fui pra lá no dia seguinte, cara, esse sábado, numa casa de cômodos, num quarto, na Correia Dutra, aliás, na Buarque de Macedo. Ah, naquele tempo era tudo muito maluco, cara. Esse dia podia ser uma quarta-feira, uma terça-feira, um troço assim.

Eu sei que sábado eu já estava fazendo baile com eles. Na AAB, Associação Atlética Bento Lisboa, ali na Bento Lisboa, no Catete, cara. A AAB era um prédio antigo também, o salão era no segundo andar e a turma ficava dançando e o piso ficava cedendo, ficava era flexível, dava uma sensação que eu ia cair, rapaz, de uma hora pra outra. E lá estava eu, velho, disse solista e vocalista. O de Paula cantava português, cantava as músicas em português e eu cantava em inglês, foi início da fase áurea do Moonlights. Aí, aos pouquinhos eu fui incrementando o repertório, fui fechando os lugares pra gente tocar. No queridinho do Catete, quiçá, zona sul, cara, a gente tocou geral, só gostava muito. No Clube do Botafogo, a gente fazia aqueles bailes, aqueles sorvete dançante à tarde, ali na General Severiano, né? Pô, aquilo era muito legal, velho. E assim foi, né, velho?

Ah, tem uma história dos Condors. Vocês tão falando dessa banda, o The Condors, eles colocaram esse nome daquele cine ali, no Largo do Machado, com Matos na guitarra, um trabalho legal, velho, eles vão fazer as covers direitinho lá, ele tocava bem guitarra, legal.

E o Sérgio Magrão tinha uma guitarra brucutu Alex, né? A memória tá boa, tem hora que ela fica boa. Uma guitarra laranja da Alex, cara. E tocava bem, né? Magrão já tocava legal, já tinha uma musicalidade boa, já fazia uns acordes legais e às vezes faziam solos também, junto com o cara, que eu, daqui a pouco eu me lembro dele. A banda chamava Os Tártaros.



Foto: Os Moonlights tocando no Aimorés, em Porto Alegre. Jorge é o de chapéu.

Clube Monte Líbano, na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, com os Analfabíles. Confronto de gigantes. Cerca de 5 mil jovens, quase sempre. As pessoas vinham à domingueira só pra ver o duelo das duas melhores bandas do Rio.

Era inimaginável... Um salão imenso e um palco também sempre preenchido por duas bandas boas e que encontrávamos condições ideais para sermos ouvidos e apreciados. PA para voz, alguma iluminação cênica, camarins e espaço para todo mundo aproveitar esses eventos.

Que tardes. Que batalhas sonoras. Que confraternizações ao final da vespéral. A gente chegava a ver meninos mais novos, acredito pretendentes a integrantes de novos conjuntos, babando na boca de cena para nos ouvir e apreciar, sempre aprendendo os melhores lances.

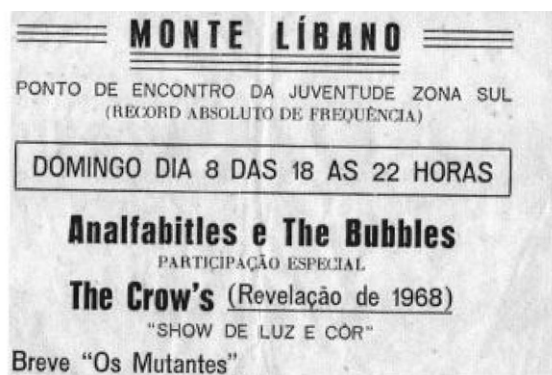


Foto: Parte de ingresso das domingueiras do Clube Atlético Monte Líbano – Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro.

As bandas menos conhecidas abriam o show e, em seguida, entravam as nossas duas bandas. Nunca vi tanta gente dançando e se esbaldando com as nossas músicas. A gente podia sentir o Rio de Janeiro inteiro dentro do salão. Tinha todo tipo de tribo da época: Surfista, burguesinhos, suburbanos e turmas querendo competir com a outra pra quem estava mais bem vestido ou que sabia dançar um novo passo melhor. Era o retrato da juventude dos anos 60. Paz e amor. Às vezes, nem muita paz. As brigas no salão não eram tão frequentes, mas do lado de fora, nas varandas, a coisa acontecia, mas os “leões de chácara” estavam lá para apartar as confusões; e assim as vesperais aconteciam sem problemas. Era sem álcool (?) e sem muita confusão. Afinal, éramos todos adolescentes querendo uma oportunidade de crescer e aparecer.

A rivalidade entre nós era um fato, mas muito bem disfarçada, pois a competição era por novidades e novos sons. Alguns membros dos Analfas eram amigos do Renato e compartilhavam as fofocas e notícias musicais do período. Mas nunca frequentamos os ensaios um do outro. Mas tudo era cordial e amistoso, tanto que quando crescemos quase todos se tornaram amigos próximos e frequentadores dos mesmos barzinhos ou restaurantes.

Depoimento:

*Relembrado por **MARAN SCHAGEN**, músico, grande amigo e tecladista dos Analfabíles:*

A primeira coisa que me vem À mente foi um show que nos demos Analfabíles e A Bolha no clube Marabu, totalmente lotado num dia 24 de dezembro. O Big Boy anunciou na Rádio Mundial e esvaziou um baile dos Fevers que só cantava versões em português... Nesse dia, teve pancadaria, tiro e morte. Nessa época, o Big Boy emprestava pra gente os discos mais novos que chegavam por aqui e a gente tirava as músicas pra apresentar nos shows. Ninguém acreditava que nós já estávamos tocando uma música tão nova.

Tenho o maior carinho por vocês: Arnaldo querido, Pedrinho muito louco, parecia um dos 3 Patetas, e não posso deixar de adorar você e o Renato, amigos queridos.

Passamos bons momentos juntos. Era uma rivalidade sadia de amigos. Tínhamos estilos diferentes. Públicos diferentes. Tocávamos mais Stones, Creedence, Steppenwolf; e vocês tocavam muito Beatles e afins. Fazíamos domingueiras juntos, domingo sim domingo não. Naquele outro domingo tocávamos no Clube Caiçara e no sábado no Clube Piraquê.

Essas festas eram agendadas pelo Luís Andrade, nosso empresário e me recordo tocar com A Bolha no show dos Mutantes e com o Sergio Mendes Brasil 66... Vocês moram no meu coração e mente.

Eu e o Renato nos falávamos muito. Ele era muito querido. Tenho que parar de falar, pois me emociono muito. Sou policial, mas sou muito emotivo. Vocês dois eram demais. Até ia largar os Analfa para tocar com A Bolha. Essas eram lembranças boas. Chegamos a tocar juntos também no Clube Federal – Telhado Azul, no Leblon. O legal era ver vocês de terninho Beatles com gola de veludo. Foi a primeira vez que vi e ouvi alguém tocar Beatles. E era bom á beça. Não esquecerei jamais.

Uma vez encontrei você em Miami quando morava lá. Eu e Léo estávamos comprando equipamento e você dividiu, no aeroporto, seus quilos de bagagem para que nós não tivéssemos excesso. Super cavalheiro. Afinal, você era de Virgem e eu também. Seu irmão era de Touro, casamento perfeito. Hoje tenho uma vida saudável, vaidoso e com uma saudade imensa daqueles tempos. Saudade imensa.



Foto: Os Analfabites.

Os Analfabites contabilizavam três anos de existência, em 1968. No início, era um quarteto e atendiam pelo nome de The New Kings; e era formado por, Léo, Luis Carlos, Daniel e Luiz César. Uma fase curta, movida por uma aparelhagem incipiente e muita disposição.

Depois de muitos ensaios, começaram tocando em festas de aniversário. Luiz César deixou a banda e entrou no seu lugar, Danilo. Mudaram o nome para

“Analfabitles”, que era uma brincadeira com eles mesmos que diziam que eram analfabetos musicais. “Passaram a tocar em alguns clubes e a coisa começou a ficar mais séria, era o início da profissionalização”.

Com a necessidade de um organista, Maran Schagen de Oliveira entrou para o conjunto no início de 1967. Em 1968, já era um sexteto formado por Fernando Pinto (vocal), Maran Schagen (teclado), Léo Cesar (bateria), Luiz Carlos (guitarra), Danilo (guitarra) e Daniel (baixo) Kay Galifi (guitarra, 1971-72), Ronaldo Miguez (baixo).

Mimetizando os grupos ingleses e norte-americanos, dos quais sugavam o repertório, os Analfabitles seguiam rota divergente do estilo predominantemente brega da jovem guarda. De fato, compartilhavam com outras bandas beat e de garagem, como The Outcasts, The Bubbles, The Trolls, The Divers e The Crows, entre outras, um nicho distinto e exclusivo, porém sem muita atenção das TVs e dos jornais e revistas, como recebiam os artistas daquela vertente.

No entanto, em 1968, já como um sexteto, a banda atravessava um momento efervescente. Seus bailes sempre concorridos mantinham o grupo em permanente circulação pelos clubes da Zona Sul, com esticadas a Tijuca, ao Grajaú e a Niterói, do outro lado da baía. Mas foi no Caiçaras, um clube de elite às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas – na verdade, situado numa ilha – que a coisa começou a esquentar.

Ali, suas domingueiras foram se tornando tão disputadas durante o segundo semestre do ano que os bailes tiveram que ser transferidos do salão para o ginásio do clube. Com a fama se espalhando rapidamente entre os jovens antenados da cidade, não foi preciso muito tempo para Danilo, Léo, Maran, Luiz Carlos, Fernando e Daniel desfrutarem da reputação de pertencerem da melhor banda da região, ao lado de **The Bubbles**.

Pois foi em meio a esse panorama que os Analfabitles tiveram a chance de gravar um compacto simples para a RCA Victor. Chance essa proporcionada pelo gaitista e violonista Rildo Hora que, naquele momento, iniciava-se como produtor musical da gravadora. Reunidos no estúdio da CBS, no Rio, o grupo registrou os dois temas para o compacto numa curta sessão de gravação. Ao final de uma tarde de trabalho, depois de gravadas as bases, seguidas dos vocais em overdub, Rildo Hora dava por encerrada a sessão.

A escolha dos Analfabitles recaiu sobre dois números absolutamente obscuros, conhecidos apenas pelos frequentadores mais assíduos dos bailes da banda. Foram eles “Sunnyside Up” e “She’s My Girl”. O primeiro, de uma banda de garagem de Boston (EUA) de pouca expressão fora de sua região de origem, chamada Teddy and The Pandas. A segunda, dos Coastliners, outro grupo norte-americano cujo legado discográfico limitou-se a alguns compactos.

De certa forma, uma escolha surpreendente, pois contrariava a tendência da maioria dos artistas (e de bandas de sua época) de copiar os sucessos mais óbvios ou refazer temas de artistas já consagrados internacionalmente, quando da gravação de *covers*. Com inteligência, os Analfabitles evitaram comparações com as gravações originais que, no caso, ninguém conhecia, e tornaram “seus” os temas gravados.

Portanto, se sucesso fizessem, seriam conhecidos como uma assinatura exclusiva da banda e de ninguém mais.

“**Sunnyside Up**” é um número em mid-tempo, com destaque para o caprichado vocal do grupo, em arranjo diferente, melhor e de efeito superior ao registrado por Teddy and The Pandas. Outro carimbo da banda presente na gravação é o atrevido solo de Maran ao órgão Hammond.

Já “**She’s My Girl**”, escolhida para ocupar o lado 2 do compacto, é uma balada delicada, cantada em falsete por Fernando, tal qual a gravação original dos Coastliners, lançada nos Estados Unidos, em 1966, através do selo Back Beat.

O disco, cujo lançamento foi celebrado com uma festa no Teatro Casa Grande, em 13 de outubro de 1968, chegou às rádios através do legendário DJ Big Boy, que incluiu os dois números na programação da Rádio Mundial. Mas foi “**She’s My Girl**” que caiu no agrado dos ouvintes. O sucesso foi tanto que a música acabou invadindo o *dial* de outras estações cariocas, garantindo a RCA uma vendagem de dez mil cópias do compacto. Um enorme alento para um grupo sem presença alguma na televisão e cuja fama ainda atingiria o ápice no ano seguinte.

Foram bandas como Bubbles e Analfabites que criaram a noção de um som da pesada mesmo, com a aparelhagem na frente do palco, impondo respeito. As bandas da Jovem Guarda usavam equipamentos pífios. Eram guitarras e amplificadores ruins. Os grupos novos até emprestavam equipamento para elas. Conjuntos como The Bubbles já tinham uma preocupação com iluminação e cenário que essas bandas mais populares não tinham.

Entre os fatores que contavam para que tais bandas estivessem na frente, era o interesse por informações novas – que eram conseguidas economizando mesadas para comprar revistas e discos importados.

Em 1967, uma banda americana veio tocar aqui e trouxe um equipamento para *light show*, que fazia aquela iluminação psicodélica que chamavam de “luz bolha”. Grupos como o Soma e The Bubbles compraram essa máquina. Eram essas bandas que tinham acesso a esse tipo de informação.

Texto sobre os Analfas de Nélío Rodrigues, publicado originalmente na revista virtual Senhor F.

AABB, Associação Atlética Banco do Brasil, na beira da Lagoa lotada sempre. Filhos e filhas de funcionários do banco e suas turmas se divertindo com os shows e bailinhos que fazíamos. Salão gigante e muito bem frequentado. O pessoal queria dançar e se divertir. Primeira vez que usei um pedal de distorção Gibson-FuzzTone. Outro local bem preparado e equipado para receber grupos de nosso tipo.

Esses sim... locais onde a zona sul do Rio de Janeiro se encontrava. Aos sábados e aos domingos, à noite, chegavam a se reunir mais de 5 mil garotos e garotas para ouvirem e dançarem com os “conjuntos” mais conhecidos da época. No Monte Líbano, chegamos a inovar nessas domingueiras. Num certo momento, ao final da

nossa última entrada, já que cada grupo tocava cerca de 1 hora e revezava com o outro, pedimos à plateia que se sentasse e prestasse atenção ao último *set* de músicas, pois iríamos tocar algo exclusivo e novo. Sem explicar de quem eram as músicas. Segredo total... Bem, nada tão novo assim, pois era uma seleção de músicas dos Beatles a começar sempre com “She loves you” que, aliás, era perfeita musical e vocalmente. Ao final o pessoal se levantava do chão e aplaudia sem parar. Valeu, bro!

Hotel Quitandinha: *Shows* exclusivos em Petrópolis, na boate do hotel onde meu pai havia realizado um monte de shows com artistas estrangeiros e nacionais na época dos cassinos. Que boate, que palco! Que som que a gente conseguia tirar. Sempre cheio e agradável. Nesses shows, acredito que mais de 1.000 pessoas frequentavam a domingueira. Às vezes, meninas do nosso fã-clubê estavam presentes e curtiam as nossas performances. Sem contar com a subida da serra e dos saborosos sanduiches de linguiça de uma parada no meio da estrada.

Lembro-me também da banda de baile que abria algumas dessas apresentações, mas não me recordo o nome. O que me lembro é que o organista que tocava num órgão Hammond de dois andares, com caixa Leslie e em algumas músicas trava o teclado em uma nota com uma chave de parafuso pra fazer graça e deleitar a plateia.

Certos domingos, a gente se apresentava com o grupo de dança do Cidinho, Ademir e duas gatas de calça saint tropez e botinhas com salto que deixavam o público aceso. Eles chegavam a descer do palco e convidavam os espectadores a aprenderem os novos passos daquela música.



Foto: Na frente do Hotel Quitandinha (Petrópolis-RJ), registro para a Revista Manchete, juntamente com o grupo de danças do Cidinho (de roupa branca).

Canecão, casa de shows em Botafogo

Tocávamos alternadamente com a banda do Canecão (músicas de carnaval), com o grupo Azimuth de MPB (do baterista Mamão e do maestro Zé Roberto Bertrami), os Hangmen do Maurício Kaiserman (depois, Morris Albert, cantor de “Feelings”...),

os Sunshines dos filhos dos comediantes Brandão Filho e Walter D'Ávila (conjunto dos irmãos Guty e Geraldo Brandão que em 64 se juntou Walter D'Ávila Filho, na guitarra solo) e os Youngsters. Cada grupo, que começava às 19h40 revezava com o outro após 40 minutos de música e assim ia até às 2 da manhã, todas as noites de quinta a domingo. Acho que tocamos mais de um ano por lá. Era a chance de testarmos todo nosso repertório que iríamos apresentar nos shows e bailes e clubes.

Essa jornada acabou nos dando várias oportunidades de estarmos bem próximos de algumas bandas ícones da época que estiveram no Brasil: Os Herman's Hermits, The New Vaudeville Band que tocavam "Winchester Cathedral", Trini Lopez, Bobby Goldsboro que cantava "Honey, Honey" e "Sunny", tocando no Canecão. Chegamos até a abrir para os Hermits e a Vaudeville Band na Sociedade Hípica Brasileira, na Lagoa Rodrigo de Freitas. O som não era lá essas coisas, mas a oportunidade valeu.



Cervejaria Schnitt, em Botafogo, um mini Canecão na Rua Voluntária da Pátria, que abriu para fazer concorrência. Mesmo esquema, grupo de MPB, conjunto de rock e banda que tocava músicas tradicionais alemãs e também carnaval... Todas as noites.



De repente, fiquei pasmo! Um grande amigo de papai, e creio eu administrador das domingueiras do Quitandinha, havia retornado dos EUA com uma encomenda. Uma caixa de papelão grande e comprida. Era a minha nova guitarra Fender American Standard Stratocaster Sunburst. My God. Isso era 68 e tinha custado 182 dólares... Quem diria. Que som... que braço. Fino e fácil de tocar. Som agressivo e ao mesmo tempo macio e aconchegante. Quem é músico vai me entender. Agora só faltava um bom amplificador. E acabei juntando uma graninha para comprar um Fender Twin Superverb marrom, valvulado com falantes de 12 polegadas plugada com uma caixa extra de 4 falantes de 10 polegadas do guitarrista Luis Carlos Siqueira da banda The Youngsters. E como tocava esse cara! Nessa mesma época, o Lincoln havia comprado um amplificador Fender para baixo, que era uma loucura. Timbres fantásticos e volume até onde se queria ouvir. Par perfeito!

Circle S-5249

TERMINAL MUSICAL SUPPLY Inc.
 113 WEST 48th STREET NEW YORK 36, N. Y.
Holmes Instruments • C. F. Martin Guitars • Selmer (Paris) • Buffet Clarinets
 Vincent Bach Trumpets & Trombones • Fender Electric Instruments • Luddy, Precision, Gretsch Drums

Customer's Order No. <i>Mus. Lopez</i>		Date <i>5/6/68</i>	
Name <i>Mrs. Lopez</i>			
Address <i>235 W 46 St NYC</i>			

QUANTITY	DESCRIPTION	PRICE	AMOUNT
1	<i>Acoustic guitar</i>		180.00
	<i>Sales Tax</i>		9.00
			189.00
			20.00
	<i>Balance</i>		169.00
	<i>7.00</i>		13.00
			182.00
TOTAL			

All claims and returned goods **MUST** be accompanied by this bill.

A 11132 REC'D BY *[Signature]*
NATIONAL MUSIC BUSINESS PUBLISHING, INC.



Foto: The Youngsters, no palco da TV Tupi, Rio de Janeiro.

Gostaria de me lembrar dos vários amigos músicos que transitaram em nosso tempo ainda não mencionados por aqui: Guilherme Lamounier; Luiz Mendes Jr. (filho do narrador esportivo Luiz Mendes); os irmãos Edison e Emilson Brandi e o Renato Terra com aquelas guitarrinhas retangulares forradas de formica (Os Nômades), hoje parecidas com a Steinberger Headless; o guitarrista que não me recordo o nome (acho que era Homero) que só cantava músicas do Trini Lopez e do Johnny Rivers com uma guitarra Gibson semiacústica parecida com a do Trini; Levindo Carneiro; Rick Ferreira, Fernando Dávila, Dadi, o pessoal dos Botles, dos Crows e dos Gooffies, dos Beggers, dos Blackstones... muita gente boa.



Foto: Da esquerda para a direita, formação com Guilherme Lamounier, Ricardo Reis, Cesar, Renato e Eduardo dos Botles durante gripe do baixista Lincoln.

Num desses bailes/shows, tivemos que recorrer aos amigos. Um deles era o talentoso Guilherme Lamounier da AllStar Band que cantava como ninguém e também recorreremos ao Ricardo Coimbra (Ovelha), baixista dos The Botles para substituir o Lincoln gripado. Todos ali da Zona Sul. Mudança no *set list*, mas de qualquer maneira o show foi feito. Todos nós curtimos bastante. Até o terno serviu...

Depoimento:

EDISON BRANDI, músico e integrante dos Nômades.

Os Nômades foram criados em 1965 pelo Emilson Brandi (guitarra baixo), que convidou seu irmão mais velho Edison Brandi (guitarra ritmo), Renato Terra (guitarra solo) e Luiz Mendes Júnior (baterista). Mais tarde Guilherme Lamounier (crooner junto com Edison e Renato).

Participaram de vários programas de tevê, tais como; Festa do Bolinha, Jair de Taumaturgo, Jovem Guarda, dentre outros. Tocaram em vários clubes da cidade: Radar, América, Ginástico Português, Esporte Clube Mauá em São Gonçalo. Neste clube o conjunto teve uma briga muito grande. Seria uma noite de eleição da rainha do clube... A rapaziada local ficou com ciúmes dos cabeludos... A galera queria colocar fogo no Emilson e no Renato. O Edison recebeu uma garrafada na cabeça, e na hora H da pancada, a mãe dele intercedeu e a garrafa quebrada cortou o pulso do Edison, que mesmo sangrando estava metido na luta. Em seguida, teve que ir para o hospital levar ponto. Até hoje traz a marca no pulso da garrafada. Mas o baterista no dia não era o Júnior, e sim o Milton Torres. No outro dia, saiu uma manchete no jornal o Dia, (Irmãos Brandi, componentes do conjunto os Nômades e uma mulher de minissaia, derrubavam fileiras e fileiras de homens a golpes de karatê).

O conjunto tinha como característica as guitarras quadradas (retangulares). Na época, eram patrocinados pela Mustang, nova fábrica de amplificadores

transistorizados.



Foto: Anúncio dos amplificadores Mustang, com os Nômades e suas guitarras retangulares.

Esses foram momentos inesquecíveis. Quando marcávamos um ensaio não permitíamos que pessoas de fora de nosso grupo os frequentassem. Éramos só nós e a vitrolinha de um falante mono cor de laranja. Decidíamos qual seria a música que iríamos “tirar”, e ouvíamos a faixa do LP ou compacto dezenas de vezes. Quem era bom em “tirar” os acordes, era o Lincoln... Ele havia estudado violão clássico e seu ouvido era espetacular.

Quando finalmente tínhamos os acordes da música, passávamos cada parte, várias e várias vezes até acharmos a dinâmica real... Naquela época, nem compreendíamos o que era dinâmica musical. Se por acaso a coisa não ia bem, íamos a exaustão para conseguirmos uma verdadeira relação com aquele som. Após essa passagem, íamos focar nos vocais. Eu, Renato e às vezes o Lincoln ensaiávamos os vocais sem instrumentos ou com as guitarras desligadas para nos ouvir e acertar as notas. Passadas várias vezes, então era hora de juntar tudo. Isso era desgastante, mas era a perfeição que nós queríamos. Então havia chegado a hora de incluir as nossas “virtudes”. Mudar alguma coisa que ficasse com a nossa cara... Talvez uma virada de bateria nova, um solo diferente ou mesmo uma harmonia vocal.

Depoimento:

LINCOLN SALLES MOTTA BITTENCOURT, o mestre, amigo e baixista dos Bubbles

O convite para entrar no Bubbles era se eu tivesse um baixo. Na época, eu tocava bateria num grupo do colégio (minha primeira apresentação em público foi substituindo meu professor de bateria acompanhando uma organista numa churrascaria em Copacabana) e tinha aulas de violão.

Comprei um baixo Gianinni e entrei para a banda.

Ouvia Paul o dia inteiro e sabia cada linha de baixo que ele fazia. Foi meu professor.

Os ensaios na Sá Ferreira eram frequentes e com o “coronel” sempre brigando.

Ensaíamos muito, acho que entre ensaios e apresentações tocamos mais de 10 mil horas (livro Outliers fala disso), e por isso ficamos muito bons, os melhores na época.

Pai do Ricardo Roriz nos chamando de ursos porque trocamos de baterista. Foi um upgrade a entrada do “Ringo” Reis...

O show de Guaçuí, ES, numa praça pública, e nós com camisa de cetim Preta e calça vermelha. Uma multidão.

Apresentação Jovem Guarda em SP, Wild Thing, você com a guitarra branca argentina que pifou e o Renato de maraca. Foi sem guitarra.

Grandes apresentações Canecão e TV Rio Programa Erlon Chaves toda sexta.

Hebe Camargo com seus pais no dia do meu aniversário, que foi mencionado ao vivo.

Quantos Ticket to Ride aos sábados (TV Globo, Luiz de Carvalho e festa do Bolinha).

Domingueiras no Quitandinha, de Kombi, motorista o “roda presa William”, com o cantor Ronaldo, Osni, outra figuraça, Sonia Maria.

As viagens eram hilárias. Além de nós, meu primo Victor, William e Murilo.

Sua saída foi “traumática” e para mim súbita. Possível pressão de mulher, vide John, mas ali pra mim o Bubbles acabou. A “química musical” mudou e começou outro Bubbles. Talvez tenha me ajudado porque saí logo depois, e achei que minha trajetória não seria como músico profissional.

No meio disso, você não sabe, mas recebi um contato, da produção da Elis Regina, para tocar com ela, quando ela mudou de estilo.

Agradei, mas dispensei no ato.

Nós, reprovando o Morris Albert (Mauricio Kaiserman, dos Hangmen) no teste para entrar na banda.

Em seguida, nos próximos dias, o ensaio era livre para convidados e agregados. Era então o momento de mostrar nossas novas aquisições ao pessoal. Tinha gente que gostava, e gente que discordava. Acabava não importando, pois o nosso *set list* para bailes tinha que ser gigante e variado para entreter “as massas”.

Quando pudemos usar um gravador de rolo para gravar essas experiências, o nosso grupo se sentiu mais entrosado e assertivo quanto às melodias e harmonias. Foi uma fase espetacular. Um delírio musical, um êxtase mental e recompensas em nossas atuações.

Depoimento:

RICARDO FIGUEIRA DOS REIS, nosso segundo baterista, amigo e grande aquisição

Acredito que o tempo em nossas vidas tenham deixado passagens boas, saudades do nosso querido Baiano, Dorinha e a cadelinha Lóló.

Os ensaios, você bem sabe, praticamente eram quase que diários na sua casa, pois a proximidade facilitava o convívio entre nós. Seus pais, pessoas inesquecíveis, sempre dando aquela força nos orientando no que era certo ou errado, pois já tinham uma longa estrada artística inigualável.

Até hoje, não sei como vocês fizeram para consertar o bumbo da minha bateria Premier que, sem querer voou da área de serviço quando baiano estava guardando os instrumentos. Passagem hilária.

Mas tudo ficou bem quanto ao resto, que eram os shows no clube Radar na Rua Júlio de Castilho, Posto Seis, se não me engano, e teve participação do Guilherme Lamounier e o baixista Ovelha. Conseguimos fazer as domingueiras do Clube Monte Líbano por intermédio do empresário Luís Andrade, grande pessoa; e chegamos a viajar para Muqui, Guaçuí e finalmente Cachoeiro do Itapemirim, onde tocamos no Clube Caçadores.

Fora isso, no Colégio Americano, tocamos muito junto com um grupo americano Trolls. Também fizemos vários programas de televisão na TV Rio Canal 13, no posto seis, onde as fãs quase nos depenaram... lembra? Foi fantástico. TV Tupi canal 6, tocamos um bom tempo no programa Fahrenheit 2000, com Eliana Pittman e Taiguara, fora a Excelsior canal 9, na Rua Visconde de Pirajá. Não me lembro do programa, talvez "Ritmo dos Brotos", mas tocamos também; gravações do LP do Marcio Greyck, e aquelas idas para o Hotel Quitandinha, com o Lincoln sempre aspirando aquela bombinha de asma crônica... A Kombi mais parecia uma geladeira... um frio do cacete... Chegava a suar a lataria da mesma...

Acompanhamos vários artistas e cantores... A mente é cruel com o tempo.

O Canecão realmente foi uma grande escola... As bicadas no chopp às vezes me deixavam meio zureta... Tocávamos também na choperia Schnitt, na Rua Voluntários da Pátria.

Antes de entrar para os Bubbles, aprendi a tocar acordeom na Escola do Professor Mascarenhas, na Cinelândia. Muita partitura... logo após o violão, me encantei com a percussão que ali eles desenvolviam... Estudava que nem um louco... gostava muito... não saía do instrumento... a desenvoltura passou a ser um amor único que ainda guardo. Os professores eram cascudos e tocavam em orquestras. Tinha mais é que aprender mesmo, inclusive com o Papão grande batera.

Lembrei-me da historia: "Papai mande-me dinheiro pra eu comprar a minha LUDWIG", quando estávamos nos EUA... Essa grana, eu juntei com os caches dos

shows e ele me mandou dólares e libras, fora os travellers checks de \$ 1 mil dólares. Ele me ajudou muito com as passagens, lembra?

Ainda me lembro da guitarra SEKOVA japonesa branca com quatro captadores que o Renato tocava e uma guitarra semiacústica de 12 cordas Giannini, muito boa, que eu emprestei para você. Fomos a primeira banda a introduzir aquele som maravilhoso. Fora a bateria eletrônica que eu comprei na Rua da Carioca naquela época.

Depoimento:

HENRIQUE MENDES FILGUEIRAS, amigo, músico e baixista do conjunto Botles:

Uma das tardes daquela época, estava indo para um ensaio na casa dos Bubbles, na rua Sá Ferreira naquele apartamento enorme subindo com meu amplificador Thunder Sound, gigante, entrei pela porta dos fundos através da cozinha quando de repente esbarrei numa prateleira de temperos e acabei derrubando tudo... mas o ensaio foi muito bom.”

Depoimento:

EVANDRO MESQUITA, músico, cantor e contemporâneo

Caramba!! Me lembro muito!! Vocês me influenciaram demais!! The Bubbles, Analfabites, Outcats do Bruce. Lembro-me de vocês tocando Magical Mystery Tour etc. etc.

Eu tive a sorte de ter estudado no colégio André Maurois, no final dos anos 60, onde minha mãe, Samira Mesquita, era professora de português e amiga da diretora Henriette Amado. O lema da escola era “liberdade com responsabilidade” e ali começávamos a descobrir do mundo e a receber também informações musicais daqui e de fora. Beatles, Rolling Stones, Hendrix, Mamas And The Papas entre outros heróis. Lembro-me de que no auditório do colégio ia ter a apresentação do The Bubbles, os irmãos Renato e Cesar Ladeira, o baixista Lincoln e um batera que eu esqueci o nome.

E me impressionou demais com a sonoridade que eles faziam... as canções dos Beatles, os vocais do Renato e solos e performance do Cesar e dos meninos. Era possível! Meu pai tocava violão clássico e eu depois de insistir um pouco no clássico fui pela via rápida e tentava canções dos Beatles e Roberto Carlos, com o primo Max e amigos. Fui atrás das possíveis namoradas e das apresentações dos The Bubbles, na Escola Americana (Renato no teclado e vocais...). Acho que vi também uma apresentação no Monte Líbano, antes de virar A Bolha e mudar a formação com a entrada de Arnaldo Brandão e Pedrinho na guitarra.

Outros conjuntos e lugares surgiam pra animar as festas e domingueiras. Clube Caiçaras com Os Analfabites, nos boliches com Outcasts, do Bruce Henry, que

anos depois, junto comigo, formamos o The Fabulous Tab, (até hoje rola o som de músicas que fizeram nossa cabeça e influenciaram nossa vida e música), no clube Campestre, Curtisom, O estômago Azul, vi Levindo quebrar uma guitarra no estilo The Who. Dividíamos informações e as paixões pela música, cinema e pelas garotas. Depois, comecei a compor em português, e formei a Blitz que é um pouco disso tudo. Renato Ladeira formou o Herva Doce, com o também amigo Marcelo Sussekind.

Apesar da ditadura e das guerras no Vietnã, nossa curiosidade em descobrir o lado bom da humanidade viajava nos sonhos em Woodstock, Saquarema, Petrópolis, Friburgo e adjacências. Arte começava falar mais alto e a coragem e curiosidade em descobrir o mundo através da música e das peças como: hoje é dia de Rock, o assalto de Zé Vicente, Hair etc., trouxe-me até esse encontro. Eu conversava com Renato e seria o próximo a dar uma canja no bar onde ele tocava em Ipanema... Na semana que ele se foi... Trocávamos mensagens sobre o repertório, quando recebi a notícia da sua partida para continuar a festa no céu.



Capítulo 9 – A Primeira Gravação e um Contrato

Durante uma apresentação do grupo em 1966, no programa Mário de Andrade na TV Globo do Rio, num sábado à tarde, um representante da gravadora Musidisc (um produtor do senhor Rosenblit – dono da gravadora ou do Nilo Sérgio, músico e também dono da empresa), nos convidou para gravarmos um compacto, ali na coxia do palco antes de atacarmos. E assim foi. Dois meses depois, entramos no estúdio e, em um dia, gravamos as duas versões. “Porque sou tão feio” (“Get out off my cloud” – Rolling Stones) e “Você pode pedir – Não vou cortar o cabelo» («Shake it all» – The Shakers). Letras essas que foram feitas por amigos nossos que frequentavam os nossos ensaios, e que depois dessa tentativa, nunca mais escreveram nada (William Salvador e o Antonio Carlos – vulgo Ameba). Hoje ouço e confirmo o que nos preocupava naqueles tempos... Faltava swing. Dinâmica, sei lá mais o quê. Talvez mais “estrada”...



Foto: Capa e do disco compacto de 45 RPM, dos Bubbles.

O que queríamos era estar nos programas de TV e sermos considerados ótimos músicos, talvez virtuosos... O que hoje sei é que naquela época não chegamos a atingir nem o sucesso nem a qualidade das nossas interpretações. Porém, mais tarde nossa meta mudaria, criamos nos bailes de 4 horas, um momento especial quando interpretávamos somente Beatles. Todo mundo sentava no chão para apreciar. Ninguém dançava. Só ouvia, olhava e depois aplaudia. Que inveja hoje das *Covers bands*! Elas hoje enchem clubes, bares, boates e inferninhos. Apesar de que também lotávamos esses lugares.

Na época do lançamento, nada arranhou a nossa perspectiva de fazer sucesso. A gravadora não dava “jabá” (propina aos programadores das rádios AM para tocar nossas músicas ou mesmo nossa música de “trabalho”, sempre escolhida pelo diretor artístico da gravadora) – acho que todos sabem o que significa essa palavra no meio artístico, e nós também estávamos mais ocupados em preparar bons repertórios para as nossas vesperais, do que estar andando de rádio em rádio, bem cedinho divulgando nosso compacto, o que na época achávamos que era obrigação da gravadora.

Bem, para ser sincero, e muito sincero mesmo, quanto aos Stones, eu mesmo não estava muito contente com a música escolhida, pois os achava simples demais. Três acordes. Mas fui vencido pelo grupo e a gravadora, a letra estava pronta e era fácil de “pegar”. Hoje, minha opinião se transformou completamente. Eles eram diferentes com mais raízes nos blues americanos do que nos “skiffles” ingleses.

Quanto aos Shakers, tenho a dizer que na primeira vez que os ouvi, pensei que era um grupo inglês, ou mesmo os próprios Beatles. Todos nós achávamos excepcional o disco onde essa música estava, sem falar de “Never, Never”, o que naquele momento acreditávamos ser uma obra-prima, e apesar dos anos, continuo acreditando. Anos mais tarde, é que soubemos que se tratava de um grupo uruguaio. Mas ainda os considero um grupo excepcional. Estiveram no Brasil algumas vezes, mas nunca calhou de ser onde eu estava ou mesmo acabava sabendo dias depois dos shows.



Foto: Los Shakers.

Havia na época uma dissidência entre os fãs de Beatles e dos Stones. Uns achavam os outros bregas e assim iam se formando as tendências do *rock*, em Copacabana. Sem contar com os Elvis fanáticos e os pops enraivecidos. Quem tocava Beatles acabava não tocando Stones e vice-versa. Com algumas exceções... Não tocávamos as nossas gravações em português em público, nem que a vaca voasse ou tossisse... Ainda não era a hora. Até sentíamos certa vergonha, pois os que cantavam em português eram considerados cafonas da Jovem Guarda... Quanta bobagem...

Pergunte se a gente ou alguém viu a cor de algum dinheiro... Sim, de Direitos Autorais ou mesmo de execução... De vendas, nem se cogita falar... Neca de Pitibiriba...

Na Musidisc, gravamos mais umas versões que guardávamos para um EP, que nunca sairia. “Trabalhar” versão de “For your Love” dos Yardbirds.

“Obla-di-obla-da” e “Honey Pie” dos Beatles ainda sem letras em português. Essas últimas, gravadas nos estúdios da Polygram...

Até a minha saída, além do compacto, fomos a banda que realizou um sonho de artista. Fomos convidados pelo Márcio Greyck e o produtor Durval Ferreira, da Polygram – Philips/Polydor (um craque da bossa nova), para gravarmos todos os instrumentais de um LP de versões dos Beatles, que seria cantada pelo Márcio, com

vocais dos seus irmãos que tinham um grupo vocal. Depois de várias reuniões, em Laranjeiras, no apartamento do Márcio, junto com a cantora Adriana, meio “crush” dele, acertamos tudo o que queríamos para a gravação. Recordo-me de contar com um estúdio muito mais moderno do que aquele que gravamos o primeiro compacto, com técnicos e produtor muito mais preparados, sem limites para tentar chegar o mais perto das gravações originais, contando com um maestro (senão cometo erros, era o maestro José Paulo, da TV Tupi do Rio que fazia os arranjos e conduzia a orquestra), e com todos os recursos para podermos copiar os efeitos, tanto nos instrumentos, quanto nas vozes que gravamos.

Que diferença do pequeno estúdio da Musidisc na Lapa. No elevador para 3/4, pessoas apertadas mal cabiam a bateria e os amplificadores. Tinha que fazer um monte de viagens para que tudo chegasse ao estúdio. Já o estúdio da Polygram – Philips/Polydor era excepcionalmente grande, no centro da cidade. Tudo era super bem preparado para captar os sons da bateria, dos amplificadores e dos vilões acústicos. Sei lá quantas trilhas ou canais. Pelo menos uns 5 microfones e canais somente para a bateria. Novidade total para nós, naqueles tempos. Foram dias e noites cansativos, pois não podíamos errar nenhuma notinha sequer. E o som tinha que ser o mais claro possível e afinado. Sei lá quantas repetições fizemos de cada faixa. E o Durval sempre com um ouvido espetacular dizendo: “ – Afina de novo o Mizinho, pois ele ainda está meio desafinado”...; – “Estou ouvindo o som da palheta encostando-se ao captador...”.

O engraçado é que nunca consegui ouvir a bolacha. Só me recordo de ouvi-lo mixado no estúdio sem as vozes. E foi só. Pois os irmãos Greyck iriam colocá-las depois.

No início de 1968, os rapazes participaram das gravações do segundo LP do cantor Marcio Greyck, e ficaram impressionados com o estúdio da Philips, maior e mais moderno do que o da Musidisc, de dois anos atrás. Mas a chance de gravar um disco próprio só surgiu no final do ano, quando a mesma Philips os convidou para registrar “Ob-La-Di, Ob-La-Da” e “Honey Pie”, duas canções do recém-lançado Álbum Branco, dos Beatles, que a gravadora pretendia lançar em compacto simples. No entanto, embora os Bubbles tivessem feito uma leitura correta dessas músicas, a Philips acabou não aprovando seu lançamento, permanecendo ambas inéditas por todos esses anos.



Foto: Capa do LP de Marcio Greyck.

Depoimento:

MARCIO GREYCK, compositor, músico e cantor; *A energia da nossa juventude rolava alegre e solta, viajando na influência Beatles; e tudo o que todos nós queríamos era ser como eles, em tudo, a partir de então.*

Conheci o Renato e o Cesar em Petrópolis, onde os The Bubbles tocavam nas frenéticas horas dançantes no salão do Grande Hotel Quitandinha, em que eu havia me hospedado em férias!

E foi ali que me encantei com aquela energia que deles emanava; tocando êxitos do Rock n'roll, entremeados de canções dos Beatles e com as quais eu me identificava; e queria também seguir os passos deles em tudo, além das músicas! Trocamos umas figurinhas, ficamos amigos e então passei a frequentar os seus ensaios, em Copacabana no super apartamento dos "Ladeira"!"

E nessa intimidade e sintonia musical, convidei-os então para gravarem comigo no meu segundo LP para a Polydor!

Pouco depois, lá estávamos nós cheios de empolgação no imenso e intimidante estúdio, mas que só possuía apenas dois canais, e sem mais nenhum recurso tecnológico em que tínhamos mesmo era que improvisar para que tudo pudesse sair a contento! O Lincoln tocava o baixo com boa pegada no estilo e o Ramon era o baterista, que depois acabou integrando a minha banda e viajando muito comigo, tocando em meus shows pelo Brasil. Penso que essa era uma época em que estávamos nos sentindo, assim meio que autorizados a brincar e ousar experimentar concepções novas de arranjos nas gravações, munidos de uma espécie de carta branca dada pelos Beatles para criarmos o que desse na nossa telha, assim como eles! E eu, me sentia como se eu fosse uma espécie de crooner, como o Billy Shears, do Sgt. Peppers e integrante imaginário da banda! Momentos mágicos de interação musical em que nós, ainda ingenuamente e cheios de ilusão,

aprendíamos sobre o real.

Maestro Guerra Peixe escreveu os arranjos... “o cara”, com Direção artística de Durval Ferreira.

O Durval era um ícone da Bossa nova e não sacava nada de Rock..., hehe!

É da coisa! Com o tempo, Os Bubbles evoluíram para um trabalho mais profissional e já com o nome versado para o Brasil, de “A Bolha” que agora teriam também o guitarrista Marcelo Sussekind, incrementando ainda mais, o que para mim já era muito bom. Consequentemente acontecendo nas paradas, como uma super banda de sucesso!

Acabei ouvindo quando o Renato conseguiu coletar todas as faixas que gravamos naquele período.

Ainda gravamos mais algumas músicas como acompanhamento ou base, como se diz hoje em dia:

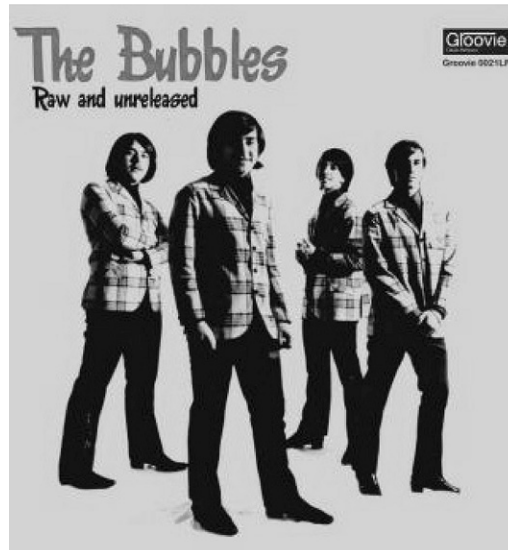
- The Bubbles e Grande Othelo – “O Doutor E A Babá”;
- The Bubbles, com Denise Barreto e Cesar Ladeira Pai – “Meu Boletim”;
- “500 miles” – instrumental; • “É o fim” – instrumental; Essas duas últimas realmente não me lembro de gravarmos e nem para que gravadora fizemos esses playbacks.
- LP Jovem Brasa 2, de Bob Fleming (codinome do artista da orquestra da Rádio Nacional – Moacyr Silva), famoso saxofonista de estúdio que gravava compilações instrumentais de músicas de sucesso do momento para a Musidisc.

Todas elas devidamente guardadas digitalmente para deleite dos interessados.

Acredito que ninguém viu um tostão dessas empreitadas... Puro diletantismo artístico...

Mas, por iniciativa de um produtor português, que não sei o nome, entrou em contato com meu irmão e realizou um sonho nosso: produzir um LP com todas as gravações que ele, Renato, conseguira obter através do filho do Rosenblit, dono da Musidisc, todas as matrizes em fita de todas as nossas gravações inclusive as da Polygram.

Acabou se transformando na nossa única memória, e pelo que sei, foram feitas mais de 1000 cópias para colecionadores estrangeiros que correram para comprar essa raridade, “The Bubbles – Raw and Unrelease”.





Groovie 0021LP

OS BOLHAS



SIDE B

- 1- "Me you carter a cabado (Break it all) STEREO 1988
- 2- "Força you lha lha (Get off of my cloud) STEREO 1988
- 3- "Tubular (For your love) STEREO 1988
- 4- "Chilele, Chilele STEREO 1988
- 5- "Money For STEREO 1988



SIDE A

- 1- "Get out of my land MONO 1989"
- 2- "The space flying horses and me MONO 1989"
- 3- "Me you carter a cabado (Break it all) MONO 1988
- 4- "Força you lha lha (Get off of my cloud) MONO - 1988
- 4b- "Tubular (For your love) MONO 1988



* Du Nome "Tubular Monon" - Gravações realizadas no estúdio em 1985 de Nova Iorque.
From the "Tubular Monon" recordings. Recordings taken from a 1985 copy of the tapes.

Não Edgelo-Films (Maurício), Carlos Barreto, Nilton Rodrigues e Fernando Ruiz



Representa a banda em dois álbuns e duas das gravadas, algumas questões das, sendo gravadas com
muito pouco 12 e 18 anos antes com algumas mudanças para sempre sempre antes de longo, do nome
lado do álbum. Também estão gravadas, empacotadas individualmente e individualmente, para
pouco de tempo, incluindo a música e a música das duas últimas álbuns, os álbuns, é muito, como
John, Paul, George e Ringo, incluindo um nome igualmente certo, com a mesma linha musical, para as
duas gravadas, individualmente, The Bubbles.









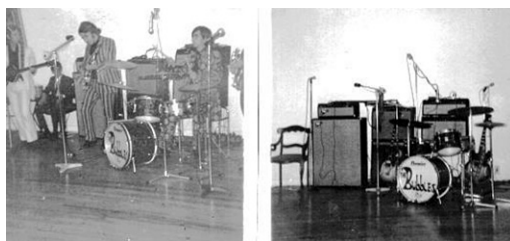
2008 BUBBLES RECORDINGS/RECORDS.COM ALL RIGHTS RESERVED | WWW.BUBBLESRECORDS.COM | WWW.BUBBLES.COM BUBBLESRECORDS



Capítulo 10 – Chegou a Psicodelia e o Hard Rock

Reagir à mudança sonora provocada pelo Sgt. Peppers e toda a produção de 1967 foi pirante. Mas devo lembrar que os álbuns “Rubber Soul” e “Revolver”, já haviam deixado marcas profundas, em todos os participantes do grupo, fazendo com que todos iniciássemos um período de profundos estudos para realizarmos os melhores sons que já havíamos tentando até então. Gravávamos todos os nossos ensaios em um gravador de rolo AIWA para, depois, ouvi-los e repensar as harmonias, os acordes, as interpretações, as vocalizações, os novos efeitos que teríamos que comprar ou adaptar. Cabe lembrar que, até mais ou menos nessa época, eram poucos os locais onde fazíamos shows que tinham equipamentos de voz e iluminação. Por várias vezes, fizemos bailes e shows sem microfones para as vozes. Eu me pergunto: e quem ouvia alguma coisa?

Hard Rock! Aí morou o perigo! Jimi Hendrix transformou-se em nosso ídolo. Eric Clapton, do Cream, nosso príncipe. O que fazer? Quando voltamos de uma viagem ao México e a Los Angeles, USA, onde tocamos durante uma semana num restaurante (Four Seasons). Lá, um dos maiores amigos de meu pai tocava toda noite – o famoso Joe Carioca, aquele mesmo que era do Bando da Lua, que acompanhava a Carmem Miranda, e serviu como modelo e dublador do personagem Zé Carioca da Disney. Logo no primeiro dia, queriam que a gente tocasse bossa nova. Afinal, éramos um grupo do Brasil! Imaginem nossa cara quando o dono do restaurante viu que a gente tocava aquela música inglesa e não as famosas composições de Tom Jobim.



Fotos: Apresentação no restaurante Four Seasons, em Los Angeles, Califórnia, EUA.

Nessa mesma viagem, compramos o disco do Cream (Disraeli Gears – o prateado) e novos instrumentos, pedais e acessórios (um pedal Wah-Wah, uma caixa com palhetas Medium Fender, uma correia de guitarra com laminas prateadas igualzinha a que o John Lennon usava na Rickenbaker preta e o Renato trouxe pra ele uma correia cheia de flores igualzinha a do Jimi Hendrix e outras cositas), inclusive uma bateria Ludwig completa zero bala, amplificadores novos etc., e isso mexeu muito com nossa cabeça. Voltamos completamente psicodélicos, com roupas floridas, desgrehados e resolvemos rever nosso repertório totalmente. Foi aí que as cabeças começaram a mudar. No *drugs at this time... just only rock and roll...*

De volta ao Brasil, compramos umas roupas muito loucas numa loja na Rua

Bolívar que parecia se espelhar em lojas de roupas de Londres, mas não consigo me lembrar do nome. Talvez... Carnaby, ou algo assim. Uma loucura. Como não moro há mais de 30 anos no Rio, não sei se ainda são assim, mas, naquela época, nas domingueiras, o Rio de Janeiro lotava essas funções com cerca de cinco mil pessoas nos clubes. Fora que, nos bailes, às sextas ou sábados, o número era maior. O clima era curtir os novos ritmos, as novas danças, o hully gully, a surf music, enfim as novidades que os grupos traziam a cada baile.

Convencionou-se que duas bandas eram melhores do que uma, pois cada uma tocava uma hora, e intercalavam até o final do dito cujo. Era uma verdadeira competição, o melhor som, a melhor roupa, as músicas novas, a iluminação, enfim o *show* que cada um poderia realizar mesmo com os escassos equipamentos e quase nenhum cachê. Era por pura diversão e por amor à música. Roadie? Nem pensar. Só levávamos amigos “carregadores” de bateria e amplificadores, só pra entrar sem pagar. Técnico de som e luz?... O que é isso?... Microfones?... Acho que só tinha um...

Quando realizávamos esses bailes sozinhos, a gente sempre parava a rapaziada no meio da programação e pedia para que eles se sentassem no chão do local para que pudessem assistir a um momento muito especial. Quando todos estavam quietinhos, mudávamos a iluminação e fazíamos um show só com Beatles. O povo vibrava, aplaudiam de pé, gritavam como nas sessões de cinema do “A Hard Days Night”, meio na brincadeira, mas curtindo adoidado. Os que nos conheciam e frequentavam nossos shows ficavam aguardando quais as novas músicas que iríamos apresentar. Esse era o nosso momento. Jamais me esquecerei dessa adrenalina. Lembro-me de que alguns anos atrás, uma de minhas filhas me contou que um de seus professores da faculdade era nosso fã, e não perdia uma domingueira. Que loucura, cara. Estamos ficando velhos...

Outras bandas se destacavam neste circuito, entre elas Analfabites; Brazilian Bitles; The Botles; The Crows; The Sunshines; The Hangmen; Os Mugstones; os Cougars (do Gustavo e da Milena); os Red Snakes; Os Nômades; os Goofies; os Beggars do Hermano e Luis Cláudio; os Blackstones do Fernando, Pedrinho, Baroth e Sérgio; os Bottons do Edu, Henrique e Ovelha; os Youngsters; Renato e Seus Blue Caps; os Fevers; os Canibais; Luizinho e seus Dinamytes; os Selvagens (irmãos chineses); All Stars do Billy Lamounier; Banda de 7 léguas do Mamá; The Sounds of San Francisco que tocaram no André Maurois; Trolls do Cris e Kenan; Outcasts do Bruce, Gb e Rick; The Bezoons do Jackson e do Homero... e os Famks (Roupa Nova) um tempo depois.



Foto: The Blackstones, com Fernando Dávilla, à direita.



Foto: The Beggars originais no Clube Botafogo – Neyzão, Luís Cláudio, Hermano, Gilson e Neizinho.

Perdoem-me as outras bandas e conjuntos por não conseguir me lembrar de seus nomes e fatos para inclui-las aqui. Mas, com certeza, marcaram nossas vidas e nossas tardes de *rock and roll*.

Tenho que dizer que essa era a essência dos músicos daquela época sempre esquecidos e não reverenciados pela contribuição e desenvolvimento de uma turma cheia de vontade de vencer e contribuir com a música no Brasil. Devemos respeitar todos esses “garotos” que fizeram e ainda fazem o verdadeiro *rock*. Vamos agradecer a todos e lembrar com saudades daquele tempo. Essa memória não pode faltar.

O público era o Rio. A cara do Rio de Janeiro, dos anos 60. Todo mundo ia nesses bailes, domingueiras e pequenos shows improvisados em clubes menores como o Radar, o nosso “Cavern Club”. Nesse local, que nem sei se ainda existe, a turma se juntava e ia tocar as músicas mais legais. Fazíamos “jam sessions”, com membros de outros grupos que se sobressaíam na cena carioca. Mas a juventude do Rio comparecia em peso. A Jovem Guarda, para o carioca, em geral da zona sul, era brega, cafona, meio chatinha, muito paulista... Mas tinha suas exceções, esporadicamente, como os Beatnicks, Os Pholhas e os Mutantes dentre outros. Por isso, grandes músicos e bandas apareceram depois... o *rock and roll* estava em todos os cantos da cidade... Sempre alguém conseguia um compacto novo com algo ainda não ouvido, e que logo na semana seguinte, algum conjunto estava apresentando.

Já com algum dinheiro no bolso, nosso roadie, o Baiano (Osvaldo), que era

metido em entender de eletrônica e de solda (?), resolveu nos convencer que seria possível construir um PA de voz de duas colunas de 4 falantes, de 10 polegadas, em um marceneiro amigo, e ele instalaria os falantes que ligaríamos em amplificador de guitarra e um mixer que ele mesmo iria construir com entrada para 4 microfones. E assim foi feito. Cantando sem precisar se esgoelar e poder ouvir nossas vozes nos shows. Que alívio.

Certa vez, fomos ao representante da AKG Microfones comprar dois microfones para a banda, na Praça Sara Kubitscheck, no Rio de Janeiro,. Os caras não entenderam nada. Pra quê? Vocês são de alguma rádio ou TV? Bem, foram os cachês poupados para comprar aquelas maravilhas.

A partir daí, utilizamos aquele gravador AIWA de rolo e de mesa, mais parecido como uma maleta 007, para gravarmos nossos ensaios, e me recordo que a primeira música que gravamos foi “Happy Together” dos Turtles. Ficou sensacional. Apesar dos 4 microfones que tínhamos enfiados naquele mixer caseiro, conseguimos mixar com as 3 vozes e plugar na entrada do gravador. Um degrau a mais subindo na escala do profissionalismo que tanto queríamos. Assim, podíamos revisar nossos arranjos, erros, acertos e vocalizações para chegar onde esperávamos.

Era 7 de setembro de 1969, um domingo com show dos Bubbles e dos Analfabites, no Monte Líbano, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Leblon. Já não fazia parte do grupo, mas fui assistir para dar minha opinião aos meus antigos parceiros de como estava o som e as novas músicas. Quando já haviam terminado a domingueira e o salão estava quase vazio, mas ainda com alguns amigos circulando e conversas rolando entre todos os membros dos conjuntos um fato inusitado aconteceu: Renato, andando meio estranho no meio do salão, caiu abruptamente desmaiado no chão. Amigos e eu corremos para socorrê-lo e entender o que havia acontecido. Enfim, ele apagou e logo se levantou falando que algo havia “enviado” um sinal para ele e que não conseguia descobrir o que era. As coisas se acalmaram e fomos, como sempre, jantar em um dos bares preferidos da turma. Enquanto isso, nosso *roadie*, desmontava e guardava os equipamentos na Kombi e se dirigiu para o nosso apartamento em Copacabana. Nosso grupo chegou ao Bar Cabral 1500, que ficava na Rua Bolívar, nº 8, esquina com Av. Atlântica. Naquela época, era uma pista de mão dupla e o movimento sempre era grande. Lá sentados nas mesas em frente à praia, pedimos fatias de pizza, refrigerantes e os amigos mais velhos aquele chopp gelado que lá serviam. Ou mesmo um strogonoff de filé que era razoável. Passado cerca de uma hora que estávamos lá conversando sobre essa nova fase do conjunto sem a minha presença, aparece o Baiano, nosso *roadie*, na mesma Kombi alugada para levar nossos equipamentos. Desesperado, desceu e nos avisa que deveríamos retornar a nossa casa, pois havia acontecido algo inesperado e nossa mãe precisava de nós. De tanto pressionarmos nosso parceiro, acabamos sabendo que nosso pai tinha passado muito mal e que nossa presença em casa seria o melhor a fazer naquele momento. Ao chegarmos em casa, meu pai já havia sido removido de ambulância para uma clínica em Botafogo, que não me recordo o nome (deve ser a Clínica Sorocaba), e ficamos lá aguardando notícias. Na conversa avassaladora e

desesperada para entendermos o acontecido, conjecturamos que o desmaio do Renato teria sido um aviso, pois pelos fatos que soubemos depois do falecimento de nosso pai, é que ocorreu no mesmo horário do edema sofrido por ele. Enfim... são só suposições, mas que existem as bruxas... sim existem.



Foto: Cabral 1500, na praia de Copacabana.

Fiquei no conjunto até 1969/70, quando resolvi estudar cinema e fazer o vestibular para Direção Teatral, na Escola de Teatro do Rio de Janeiro. Acabou a magia... Minhas ideias iam longe, e somente a música não estava me completando. Queria abrir novas fronteiras. E foi o que fiz. Iniciei minha carreira no cinema, trabalhando no estúdio do meu avô, Adhemar Gonzaga, um dos pioneiros do cinema brasileiro. Fui assistente de direção em um filme de longa metragem produzido e dirigido por ele, e gerente do estúdio durante um bom tempo. Nesse filme de longa metragem, “Salário Mínimo”, The Bubbles, já com o Pedro Lima na guitarra solo, Arnaldo Brandão no baixo e Johnny na bateria fazem três números musicais... Raridade... “The space flying horse and me”, “Flying On My Rainbow” para trilha sonora e “Get out of my land”.





Foto: Da esquerda para a direita: Pedrinho, Arnaldo, Renato e Johnny.



Fotos para divulgação do filme "Salário Mínimo", de Arnaldo Gonzaga, feitas na série filmagens do estúdio da Cinédia.

Após minha experiência no estúdio, acabei indo trabalhar com o Carlos Imperial, em seu escritório de produções artísticas, tanto de teatro quanto de cinema. O engraçado é que o convite aconteceu na praia de Copacabana, em frente ao Hotel Miramar onde frequentávamos – nós, ele e suas «lebres». Assim eram chamadas as gatinhas daquela era. Ali aprendi um monte de coisas boas e interessantes. Como gerente do departamento de cinema, chegamos a produzir 4 ou 5 filmes de longa-metragem, além de aparecer como ator num ínfimo papel que ele me encheu o saco

para fazer no “Edifício chamado 200”, dirigido pelo Brás Chediak.

Nunca abandonei a música nesta época. Continuei tocando. A única mágoa foi emprestar a minha Fender Stratocaster Sunburst e o meu amplificador Fender para o Pedro, e nunca mais soube dela e dele. Emprestimozinho desgraçado... Tempos depois, estudando e me formando diretor teatral na Escola de Teatro da FEFIEG, na Praia do Flamengo, antes de me casar e mudar para São Paulo tentei armar um grupo no Rio de Janeiro, tocando baixo, mas a coisa não evoluiu. Somente em 1988, andei tocando aqui, em Sampa, com uns amigos do grupo Sunday, o Fernando D’ávilla e o Claudinho Morgado, hoje dos Crats com a Tatiana Pará, no Victoria Pub, mas assim mesmo foram umas poucas vezes. Lembro-me de tocar também com meu ex-sócio, Chiquinho Rodrigues, do grupo Dimensão 5, em algumas festas da empresa ou de algum aniversário. Ainda tenho as minhas guitarras, violões, amplificador e pedais, mas só me divirto sozinho, ou numa festa de fim de ano de alguma empresa que trabalho. Sinto falta da parceria, das amizades sentadas em frente ao outro, dividindo o mesmo sonho. Só pra nós.

Foi assim em janeiro de 2008, quando nós quatro – Ricardo, Lincoln, Renato e eu – nos encontramos no estúdio do Arnaldo Brandão, em Botafogo, no período das festas de fim de ano, para uma jam session. Oh my Lord! Que difícil. Algumas filhas e esposas acabaram por ver essa faceta desses anciões... Todos de cabeça branca, com aparelhagem decente e num candíssimo estúdio podíamos nos esguelhar cantando as músicas antigas, relembrando um passado distante e soberbo. Foi maravilhoso. Inesquecível!



Foto: Jam session, em 2008, no estúdio do Arnaldo Brandão, em Botafogo, Rio de Janeiro.



Capítulo 11 – A Mudança e a Língua Portuguesa

The Bubbles virou A Bolha...

Foi uma virada radical. Trocaram o nome da banda para A Bolha, ou seja, aportuguesaram o nome.

No primeiro lugar que tocaram (Clube Mauá, de São Gonçalo) estava anunciada a volta do The Bubbles, que enchia qualquer ginásio da época. Tinham umas cinco mil pessoas. Quando anunciamos que a banda agora só tocaria um repertório nosso, em português, o povo começou a ouvir, e aos poucos foi indo embora. No final, acredito que tinham umas 350 pessoas. Mas não houve vaias.

A troca de nome tinha por trás uma mudança de conceito; de compor e cantar em português. Claro. Era a mudança de postura e a maneira de mostrar a nossa criatividade. Depois daquele primeiro impacto, resolveram fazer a mudança de maneira menos radical, pois precisavam ganhar uns cobres e adorávamos tocar, sempre para um número maior de pessoas. Então, mesclaram o repertório nacional com sucessos que as pessoas adoravam nos ver tocar como Rolling Stones, Grand Funk, Led Zeppelin, Hendrix, Cream, *etc.* Deu certo.

Na época, os integrantes da Bolha acompanhavam Gal Costa no show da boate Sucata, no Rio de Janeiro, junto com músicos como Naná Vasconcelos, Márcio Montarroyos, Yon Muniz, Ricardo Garcia, com direção musical de Jards Macalé. Nesse show, Gal cantou pela primeira vez a música “London, London” de Caetano Veloso. Gal os chamou para ir ao festival da Ilha de Wight. Foram, Arnaldo Brandão (Hanói Hanói), Pedro Lima e Gustavo Shroeter (A Cor do Som).

O que sei é que eles se juntaram num local do festival com músicos como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Mautner e outros brasileiros. O pessoal deve ter gostado e os convidaram para subirem ao palco do festival numa das tardes. Tocaram durante uma meia hora. Um “happening” brasileiro.

Depois dessa experiência, a banda resolveu que teria que trocar todo o repertório que ia de Led Zeppelin a Grand Funk Railroad, e compor suas próprias músicas.

Depoimento:

LEVINDO CARNEIRO, *amigo e músico.*

Uma vez, após algum show que fizemos juntos, fomos para Barra do Piraí, lá pela 1 da manhã, eu, Gustavo, Renato, Pedrinho, não sei se Arnaldo também, e de repente na estrada, apareceu uma vaca no caminho, claro que atropelamos, e lá ficamos, pois meu carro se acabou a..., a vaca foi consumida pelos habitantes da periferia, dissecada rapidamente e cada um de nos sacou sua arma, um baseado, um acido, uma mescalina etc. De manhã, tive que explicar pro delegado que tinha

sido uma vaca, pois nada restou e nos voltamos de lá sei lá como...

A Bolha, de certa forma, antecipou a formatação do que veio a ser o rock brasileiro dos anos 70.

Acredito que eles e alguns grupos *underground* ajudaram a forçar a entrada do “acid rock”, o rock lisérgico brasileiro. Lembro-me de uma vez que eles tocaram num subúrbio do Rio de Janeiro abrindo para a atração principal: Os Mutantes. As pessoas iam embora durante o show deles. Acredito porque o nosso era mais pesado e impactante; o deles era mais pop. Isso que, nessa época não havia PA. Eles juntavam vários amplificadores e caixas acústicas e criávamos nosso próprio PA. Retorno? Retorno era o som que eles ouviam de volta do ginásio.

Eles eram os malditos. O pessoal que foi fazer o som do Festival de Guarapari desligou o equipamento deles três vezes porque o Renato rodava o microfone pelo fio, como o Roger Daltrey do The Who, e acreditavam que ele quebraria o equipamento deles. Mas foi um festival fantástico. Teve a presença dos Novos Baianos, do grupo Soma (Bruce Henry, Alyrio e Jaime) além de várias bandas. Ah... é claro que o ápice foi o salto do palco do Tony Tornado.

Antes do primeiro LP, de 73, gravaram um compacto. “Sem Nada” e “18 e 30”, de Eduardo Souto Neto e Geraldo Carneiro, com produção do Ademir Lemos, para a Top Tape. Com “18 e 30”, participamos do Festival Internacional da Canção, da TV Globo, e ganharam o prêmio de revelação do Festival.

Ainda gravaram a participação no disco solo do Leno.

Meu irmão Renato, chegou a participar do segundo LP da Bolha, lançado em 1977. Mas só como compositor.

O disco chegou a tocar um pouco nas rádios AM, do Rio, mas não deslanchou. Então, a banda foi acompanhar Erasmo Carlos na sua excursão do ano, e lá estava o Renato de volta na banda.

Renato, no final da década tomou outro rumo musical, e foi tocar com o Herva Doce, no começo dos anos 80.

Ele trabalhava na época como diretor de TV, na TV Bandeirantes do Rio, e tinha músicas dele gravadas pelo grupo Roupas Nova. O Marcelo Sussekkind, que trabalhava como técnico de estúdio e PA, chamou-o para gravar uma fita durante o carnaval de 82, se não me engano. Bom, ele saía da Avenida Marquês de Sapucaí, trabalhando na transmissão, direto para o estúdio do Chico Batera, onde Marcelo trabalhava, e gravaram quatro músicas, a princípio com uma bateria eletrônica emprestada pelo Arnaldo Brandão. Gravaram todos os instrumentos e, depois, chamaram nosso amigo Sérgio Della Mônica, que inseriu sua inconfundível bateria.

Ele e Marcelo queriam fazer como o Steely Dan, que era uma dupla de músicos, arranjadores e produtores que gravavam em estúdio com convidados. Mas a gravadora não aceitou a ideia, que era muito moderna para os moldes brasileiros, e os convenceu a montar a banda.

Foi estimulante. Os músicos que criaram o Herva Doce com ele eram da minha geração: Marcelo Sussekkind (A Bolha), Paul de Castro (Veludo e Mutantes) e Sérgio

Della Mônica (Tutti Frutti). Só depois que entraram o Pena e o Roberto Lly (músicos mais jovens).

Depoimento:

Marcelo Sussekind: *músico, produtor da Rede Globo e guitarrista impecável:*

Sr. Cesar Ladeira, tenho a honra de dizer que você é um dos culpados de me ter passado o “vírus” da música. Jamais vou me esquecer do show dos Bubbles original, na escola americana de Botafogo. O Sr. de Stratocaster e um amplificador Fender, de cor bege, se não me engano. Ali, vendo você tocar, me fez ver que aquilo era o que eu queria na minha vida.

E como a força do pensamento move montanhas, fez o destino que eu viesse a trabalhar anos (A Bolha, Herva Doce etc.) com o nosso querido Renato.

A grande diferença dos anos 80 foram as rádios FM, que abriram um espaço enorme para o nosso rock e o nosso pop. A evolução é evidente. Mas ainda falta voltarmos às raízes do rock e com seu talento redescobrir os verdadeiros expoentes da nova onda do rock nacional.

Acho que as gravadoras hoje em dia estão muito imediatistas. Estão faltando pessoas competentes que descubram novos talentos e acreditem que eles farão carreira. São raros os exemplos de novos artistas que se estabeleceram no mercado à duras penas, porque nem sempre o povão vai entender a sua música na primeira vez que ouvir. A revolução digital mudou o cenário completamente. Muitos deles ficaram por aí, sem chance, pelo simples fato de não terem alcançado um patamar de vendas satisfatório para a gravadora, no primeiro álbum. Tem muita gente boa por aí.

Acredito é que com toda essa base, os mais novos aproveitaram para beber dessa fonte. Com letras fantásticas em português, conseguiram criar um rock nacional de altíssima qualidade e que ainda hoje, de vez em quando, surgem músicas excepcionais. Com certeza, isso não é MPB. Isso é Rock and Roll, feito com legítimas raízes brasileiras. Afinal, ele é universal. O único problema desse país é não saber valorizar a sua história.

A Jovem Guarda, para mim, quando ouvi pela primeira vez, achei cafona. Os caras tinham cara de suburbanos, e a gente se vestia como os Beatles. Tínhamos uma atitude diferente, mais londrina, mais “groove”, e esses carinhas só queriam agradar as fanzocas da TV. Mas quando comecei a perceber alguns sujeitos, tal como o Gato (ex: Jet Blacks e guitarrista do grupo que acompanhava o Roberto), a coisa começou a mudar. Quando os Mutantes e os Beatniks apareceram, o mundo mudou. Tentamos em vão encontrar o irmão do Sérgio Dias, que fazia as guitarras do grupo, para tentar usar alguns efeitos que ouvimos... E nada. Nesse momento, começaram a ouvir as versões gravadas pelo Erasmo e outros artistas que cantavam rock de raiz,

e nesse instante passaram a respeitá-los.

Hoje basta colocar um áudio ou clipe nas mídias digitais e ver qual será a aceitação. Se der certo você terá milhões de visualizações e vendas de arquivos de música digital e poderá dar continuidade. Isso acontece aos milhões, e poucos são os felizardos de chegarem ao estrelato, tanto de popularidade quanto de vendas pela internet.

Viva o vinil...



Capítulo 12 – Sentimentos e Sensações

Nada me fazia sentir tanta alegria e prazer ao tocar. Um vício. Essa era uma das sensações mais bonitas e incríveis, pelas quais passei durante esse tempo. Tempo de aprender, tempo de experimentar, tempo de compartilhar e de dividir nossos sonhos. Chegava a dormir com minha Fender colada a meu corpo noites e noites seguidas. Acordava assustado, mas sempre me recordava que estava dividindo com ela meus devaneios. Era como se fosse uma extensão dos meus dedos e braços. A cada ensaio que passava, percebia que estava me aproximando da vontade extrema de me sentir fundido com aquele instrumento. Não era um virtuoso, mas sempre conseguia tirar sons excepcionais naquele instrumento. Tocava bem. Pessoas, naquela época, achavam incrível minha maneira de tocar e tirar sons. A cada zumbido do amplificador quando o ligava ficava extasiado, mas consciente do que aquele som poderia se tornar. Meus ouvidos já estavam começando a entender a afinação e os tons diferentes que conseguia tirar daquelas cordas e trastes. Em algumas manhãs, acordava com as pontas dos dedos da mão esquerda sangrando de tanto tocar as cordas de aço. Essa é a saga para se conseguir bons calos neles.

E os efeitos! Aquilo sim era um orgasmo, um som divino vindo dos deuses das guitarras. Era um trabalho bem feito e atribulado, pois todos os movimentos de braços, mãos e dedos tinham que soar incríveis. E quando acontecia a sensação, era de dever cumprido. De prazer auditivo. De saber que alguém, um dia, numa plateia qualquer, iria ver, ouvir e sentir o mesmo que eu estava ali proporcionando a todos.

Melhor do que qualquer droga disponível e arriscada... Posso afirmar, com certeza absoluta. Esse era o meu gozo! Meu prazer absoluto.

Apesar de ter tido várias guitarras compradas ou emprestadas, nada se comparou a minha Fender Stratocaster. Ela era um deleite para se tocar e se ouvir. Os três captadores tinham tons distintos, tal qual qualquer guitarra com aquele tipo de eletrificação. Mas a cada mudança de chavinha, tanto no captador 1, 2 ou 3 o arco-íris de tonalidades aparecia e parecia, mais do que um só instrumento. E quando começaram a chegar os pedais com efeitos, socorro, o mundo se abriu novamente. Por outro lado, chegávamos a ensaiar “a capella”; os vocais dessas músicas até aperfeiçoar a afinação e o entrosamento. Vocalizações e dinâmicas equalizadas.

Semanas realizando experimentos para conseguir as melhores combinações e resultados. Uma experiência única e desafiadora.



Foto: Fender Stratocaster, similar ano 65.

Realmente nunca tive um tutor. Era observação e pesquisa o tempo todo. Ouvia um disco e saía correndo em busca das notas, e como era a dinâmica e a realidade harmônica. Como devia colocar meus dedos no braço e como devia “palhetar”. Intensos dias de treino e ensaio. Tentar ajustar os pedais da maneira correta e eficaz. Tentar emular aquele som que ouvia. E naquele tempo não havia a parafernália de hoje de efeitos e limitadores. Pura emoção auditiva. Mas era gratificante e recompensador ouvir depois do ensaio, juntos, que havíamos conseguido aquele som.

Mas no meu “conjunto” criar o *set list* dos shows e bailes era uma intensa discussão com todos os membros do conjunto... Vamos começar assim... Não! Vamos começar mais porrada! Devemos no começo pegar leve pro pessoal entrar na pista, dançar e se envolver... Agora só pauleira... Vamos ao momento Beatles... Música pra relaxar e mandar o pessoal embora... Acabava com uma lista interminável de mais de 150 músicas prontas para serem executadas e curtidas.

Hoje em dia está muito fácil saber e conseguir chegar nesse nível. Basta recorrer a um curso, a dezenas de pedais de efeitos, pesquisa na internet ou mesmo uma vídeo aula. Ok. Sei que não é fácil nem ontem, nem hoje. *Hay que tener talento!* Portanto, persiga sua meta e pratique até cair...

Mas a maior emoção era quando terminávamos de ensaiar uma música nova... o prazer de fazer bem feito e harmonioso. Um deleite para os ouvidos e para o coração. Um sentimento que jamais senti em toda a minha vida. Êxtase. E a sensação de estar nos céus do *rock and roll*, em Copacabana.

Muito tempo depois, a vontade de assistir aos grandes roqueiros de então me impulsionaram a vê-los e ouvi-los nos *shows* que fizeram no Brasil: Paul McCartney, no Maracanã; Rolling Stones, Michael Jackson, Madonna no Pacaembu; James Taylor

no primeiro Rock in Rio; Tears for Fears, no Morumbi; Extreme no Hollywood Rock, no Pacaembu; Steppenwolf, no Palace, em São Paulo; Crosby, Stills and Nash, no Via Funchal em São Paulo e tantos outros que me fizeram feliz e agraciado com boa música e entretenimento.

Era como estivesse ouvindo o LP ou CD dessas bandas, mesmo estando do outro lado de um estádio; nesses nossos dias, o equipamento oferece uma sensação de qualidade, proximidade e deleite aos nossos ouvidos que naquela época, nos anos 60, não eram tão possíveis assim.

Acho que nasci na época certa, mas queria que “as aparelhagens” daquele tempo pudessem reproduzir nossos sons como são agora.

Hoje, amigos que tenho nas empresas de primeira linha de som e de iluminação aprenderam com esses shows de fora a realizar produções de altíssimo nível. E nenhuma banda ou intérprete internacional chega a trazer todos os equipamentos necessários para uma apresentação aqui, no país. Aqui temos os talentos, a expertise e o hardware para realizá-los.

Essa é a sensação... Aqui também é a terra do *rock and roll*.

The Bubbles

*Por Nélio Rodrigues para o encarte do LP dos Bubbles
Rio, Outubro de 2008.*

*Do autor: Histórias perdidas do rock brasileiro, vol. 1
e Histórias Secretas do Rock Brasileiro.*

Enquanto a bossa nova ainda agitava o Beco das Garrafas, algumas quadras dali, quatro garotos com idades entre 13 e 16 anos tinham suas antenas voltadas para ondas sonoras vindas de longe, do outro lado do Atlântico. Também vestiam terninhos, empunhavam instrumentos e botavam seus yeah, yeah, yeahs pra fora, obedecendo à estética e o estilo dos seus maiores ídolos: os Beatles. E assim, como John, Paul, George e Ringo, escolheram um nome igualmente curto, com a mesma letra inicial, para se autoproclamarem, orgulhosamente, The Bubbles.

Corria o ano de 1965 quando os irmãos Cesar e Renato Ladeira (guitarras solo e ritmo, respectivamente) e os amigos Lincoln Bittencourt (baixo) e Ricardo Roriz (bateria) entraram em cena. Inicialmente, tocando em festas na casa de amigos e em eventos escolares sem maiores consequências. Em 1966, mais crescidinhos e afiados, passaram a se apresentar em clubes, onde os jovens costumavam se reunir nos fins de semana para ver, ouvir e dançar ao som de suas bandas favoritas. Os Bubbles logo se tornaram uma delas, especialmente por conta de suas apresentações energéticas e do repertório, em sua maioria, composto por canções dos Beatles, entremeadas por temas dos Animals, Hollies, Gerry & Pacemakers, Dave Clark Five *etc.*

O ano seguiu agitado pelas frequentes aparições em programas de televisão e

pela gravação de um compacto simples para a Musidisc. O disco chegou às lojas durante o segundo semestre de 1966, trazendo versões em português para “Get Off of My Cloud” (Por Que Sou Tão Feio), dos Rolling Stones, e para “Break It All” (“Não Vou Cortar O Cabelo”), dos Shakers. A segunda, um desabafo em alusão ao fato de terem sido expulsos de um colégio por se recusarem a cortar o cabelo.

Além dessas duas versões, naquele mês de agosto de 1966, os Bubbles deixaram mais três temas registrados no estúdio da gravadora. Somente um deles devidamente concluído. “Trabalhar”, versão em português para “For Your Love”, dos Yardbirds, estava praticamente “perdida” nos arquivos da gravadora, já que nenhum deles se lembrava de tê-la gravado.

Enquanto o compacto passava despercebido, a trajetória dos Bubbles seguia em ascensão, com as apresentações se multiplicando tanto na TV como nos clubes espalhados por toda a cidade. Apesar do vento soprando a favor, a banda liderada por Cesar decidiu promover uma troca de baterista. Convidaram outro Ricardo, o Ricardo Reis, para o lugar do Roriz. Ou “o Ricardo que parecia um pouco com o Ringo”. Como lembra Renato.

Em 1967, pouco tempo depois de estreiar o novo baterista, os Bubbles viajaram para o México e os Estados Unidos. Trouxeram de lá um equipamento tinindo de novo, de causar inveja aos rivais. O entusiasmo deles com a nova aparelhagem se refletiam nos palcos e contagiava o público.



Foto: Tocando no Four Seasons, em Los Angeles, para uma plateia eclética.



Foto: Renato e Ricardo Reis, na cidade do México, com a prima Sofia Elena, na hamburgueria do meu tio Paulo Ladeira.

Foi nessa época que a banda se tornou uma das atrações fixas do recém-inaugurado Canecão, desde então uma das mais importantes casas de shows do Rio de Janeiro. Os Herman's Hermits tocaram lá em novembro de 1967, e os Bubbles, claro, foram uma das atrações que abriram os shows do conjunto inglês em sua curta passagem pela cidade.

Coincidentemente, elas ocorreram num momento em que a agitada vida de músico interessava menos a Cesar do que as artes cinematográficas. Por isso, deixou por conta do irmão mais novo a tarefa de assumir os vocais nas duas gravações. Depois, tratou de anunciar sua saída da banda. Antes mesmo de 1969 apontarmos no horizonte.

A saída de Cesar acabou por deflagrar uma série de mudanças, tanto na conformação quanto na sonoridade dos Bubbles. A começar pela entrada do excelente guitarrista Pedro Lima, seu substituto. Oriundo dos Goofies, banda que também alinhava o futuro baixista dos Novos Baianos, Dadi. Pedrinho transplantou para seu novo grupo sua ligação com o som mais bluseiro e pesado de gente como o Cream e Jimi Hendrix. Ou seja, com ênfase na força instrumental e não na vocalização, até então uma das marcas dos Bubbles.

O desvio de rota também fez Lincoln abandonar o barco, gesto repetido menos de um mês depois pelo baterista Ricardo Reis. Lincoln foi substituído por Arnaldo Brandão, cujo currículo trazia anotado suas escalas anteriores nas bandas Easy Going Five, Another Dimension e Divers. E Reis, por Johnny Telles, o "Dennis Wilson dos Bubbles", como diria Renato.

O renovado quarteto adentrou o ano de 1969, cuspidando fogo. Além da consistência, segurança e precisão de sempre, havia também mais densidade sonora e mais volume em suas apresentações. Tocávamos alto, muito alto, diz Arnaldo, que na época exibia um baixo Vox em forma de gota, "igual ao de Bill Wyman", ressalta o músico.

Carregando a reputação de melhor banda da cidade, os festejados Bubbles tocaram em praticamente todos os clubes do Rio, e de municípios vizinhos durante o ano de 1969. Muitas vezes dividindo o palco com seus maiores rivais, os Analfabites, ou com os incensados Mutantes, ora baseados no Rio. Ou até mesmo com Sergio Mendes & Brasil 66, como fizeram em 8 de junho de 1969, diante de um lotado Clube Monte Líbano.

Lamentavelmente, as fitas contendo os registros originais desses temas não foram localizadas, e as gravações aqui incluídas de "Get Out Of My Land" e "The Space Flying Horse And Me" foram extraídas de uma cópia do filme em VHS.

O ano só não terminou tão bem devido à saída de Johnny. Por enorme pressão dos pais, o jovem baterista teve que retomar o caminho de volta à escola, deixando vago o posto que ocupava com a solidez e a precisão de suas baquetas. Sorte do baterista dos Cougars, Gustavo Schroeter, cujo sonho era tocar com os Bubbles. Ao ouvir a voz de Renato do outro lado da linha, não teve dúvidas de que seria ele o substituto de Johnny.

Já o ano de 1970 começou muito bem, com o irrecusável convite vindo do

diretor musical da cantora Gal Costa, o músico e compositor Macalé, para que os Bubbles atuassem como banda de apoio da musa do tropicalismo. A dobradinha deu certo. Entre os vários shows que fizeram juntos, não há como não citar a inesquecível e aclamada temporada da dupla na boate Sucata, às margens da Lagoa, no Rio.

Ainda com Gal, mas sem Renato, que não pôde viajar, seguiram para Lisboa, onde se apresentaram em programas de televisão. E de lá, voaram para Londres, ao encontro de Caetano Veloso e de Gilberto Gil, para juntos assistirem ao festival da Ilha de Wight. Convidados pela produção do evento para uma curta apresentação de última hora, os músicos brasileiros acabaram fazendo um longo improviso a partir de uma das canções mais conhecidas de Gil, “Aquele Abraço”.



A experiência com Gal e a convivência, ainda que curta, com os tropicalistas Caetano e Gil acabaram se revelando fundamentais na trajetória dos Bubbles. Influenciados por eles, Arnaldo, Pedrinho e Gustavo pisaram de volta no Rio convencidos de que estava mais do que na hora de promover uma profunda reformulação na banda. Com a adesão de Renato, aposentaram os Bubbles para dar vida a uma nova concepção musical, com ênfase em composições próprias, que eles batizaram de A Bolha. Mas essa história fica para outra ocasião.

Depoimento:

FLAMARION TAVARES, músico e contemporâneo:

Apesar de ter visto Bubbles com você e com Ricardo algumas vezes, principalmente no Monte Líbano, meu contato direto foi no período do Pedrinho, começando pela quase intimização do Renato – sempre comentei isso com ele, pois ele foi o responsável direto pela primeira vez que coloquei meus pés num palco. O ano era 1969, eu tinha uma banda com Claudio Stevenson e Paul Barrientos, nos chamou para abrimos o show dos Bubbles que era a estreia do Johnny e Brazilian Bitles onde estreavam Ricardo, ex Bubbles e Hector, ex Shakers que era um grupo uruguaio. A coisa saiu tão boa, que fizemos mais uns dois ou três shows juntos.

Um desses foi no Orfeão Portugal, aqui na Tijuca, onde depois de quase duas

horas de som comendo solto, vieram mandar parar, pois um general (assim ele se identificou) queria dormir o som o estava incomodando. Renato vira para o público, explica o que está acontecendo, e nos chamou para encerrarmos o show naquela hora. E assim foi, até que chegou um camburão, levou todo mundo. Não me lembro de se foi o Fred ou o Luiz Andrade que foram pra delegacia e ficou apenas uma chamada do delegado. E, posteriormente, meu contato passou a ser mais diretamente com a Bolha.

Lembrei-me, independente de Bubbles ou mesmo A Bolha, que no início dos anos 70, 73 pra ser mais exato, eu e a minha banda na época trabalhei na Patota, uma das primeiras novelas do núcleo das 6h da Globo. A Renata.

Ela interpretava a mãe do Reinaldo Gonzaga. Ela nos ajudou e muito, pois todo mundo estava assustado. Aliás, uma das cenas mais hilárias, foi quando estávamos ensaiando na casa fora do Rio, ela e Kleber Drable, que fazia o papel do pai, chega de surpresa e dá um flagrante. Eu sabia como seria a cena só que eu estava tão desligado tocando que acabei por me assustar mesmo. A cena foi tão natural que o Reinaldo Boury, que era o diretor, gritou: Perfeito, a cena está perfeita. Todos caíram na gargalhada pelo susto. Não há como esquecer.

Depoimento:

DIRCEU SEABRA, amigo e músico:

Dividimos inúmeros palcos em nossas vidas de músicos de rock e fatos interessantes e pitorescos não faltam. Apenas para citar um deles, fomos todos parar em uma delegacia por conta de um show que fazíamos, por causa de um general aborrecido com o barulho das bandas.





E VIVA O ROCK AND ROLL DE COPACABANA!

Agradeço profundamente e emocionalmente a todos, inclusive os desconhecidos, que colaboraram com informações, depoimentos e fotografias que ilustraram o resgate dos fatos citados na minha aventura, nesse período fértil do *Rock and Roll*, em Copacabana.

Sendo de minha autoria e não violando os direitos autorais de terceiros, sejam de pessoas físicas ou jurídicas, não representa reprodução de obra alheia com direitos autorais protegidos ou já em domínio público, tal como ideias, fotos e conceitos de terceiros, mesmo que sejam encontrados na Internet, os mesmos estão com os devidos créditos aos autores originais e estão incluídos apenas com o intuito de deixar o trabalho autocontido. Ou nos informe para dar os créditos devidos, sem prejuízo da obra. Suas opiniões ou comentários são de suas reponsabilidades.

Realizei todos os esforços para identificar, creditar e autorizar as imagens utilizadas nesta obra. Eventuais direitos de terceiros, não identificados, estão à disposição para creditação.

Algumas Bandas Cariocas dos Anos 60

- THE BUBBLES (Cesar, Renato, Lincoln e Ricardo).
- THE BEZOONS (Homero e Jackson).
- ANALFABITLES (Maran, Léo, Luís Carlos, Daniel e Luiz César. Luiz César deixa a banda e entra no seu lugar, Danilo).
- THE OUTCASTS (Bruce, Gb, Rick).
- THE TROLLS (Cris, Kenan).
- THE BEGGERS (Neyzão, Luís Cláudio, Hermano, Gilson e Neizinho).
- THE BLACKSTONES (Fernando, Pedrinho, Baroth e Sérgio).
- BRAZILIAN BITLES (Vitor Trucco (guitarra solo e depois, baixo), Luiz Toth (bateria), Fábio Block (baixo, depois guitarra), Jorge Eduardo de Almeida (Voz e guitarra-

base) e Eliseu da Silva Barrad (cantor e teclados).

- ALL STARS (Guilherme Lamounier).
- THE BOTTONS (Edu, Henrique e Ovelha).
- BANDA DE 7 LÉGUAS (Mamá).
- OS NÔMADES (Emilson Brandi (guitarra baixo), Edison Brandi (guitarra ritmo), Renato Terra (guitarra solo) e Luiz Mendes Júnior (baterista). Mais tarde, Guilherme Lamounier (crooner junto com Edison e Renato).
- THE BOTLES (Edu, Henrique, Johnny e Ovelha).
- THE HANGMEN (Maurício Kaiserman, vulgo Morris Albert de “Feelings”) antes, THE THUNDERS (Morris Albert).
- THE SUNSHINES (conjunto dos irmãos Gutty e Geraldo Brandão. que em 64 se juntou Walter D’Ávila Filho na guitarra solo, filhos dos comediantes Brandão Filho e Walter D’Ávila).
- THE YOUNGSTERS antes THE ANGELS (Sérgio Becker (sax tenor), pelo seu irmão Carlos Eduardo Becker (voz e guitarra base), Carlos Roberto dos Santos Barreto (guitarra solo), Jonas Caetano Damasceno (baixo) e por Romir Pereira de Andrade (bateria), que foi substituído por Ivan Conti (apelidado de Mamão). Carlos Becker deixou a banda e foi substituído por Luiz Carlos Siqueira.
- THE GOOFIES (Dady, da Cor do Som, Pedro Lima, depois d’A Bolha e Rick Ferreira, ex-Raul Seixas).
- THE CROWS .
- OS COUGARS (do Gustavo e da Milena).
- OS LORDS (Paulinho Batera).
- THE DIVERS (Arnaldo Brandão).
- THE MOONLIGHTS (Jorge Carvalho-guitarra, Hebert de Paula-guitarra, Afonso Correa-baixo e João del Águila-bateria).
- THE THUNDERS (Maurício Kaiserman, vulgo Morris Albert de “Feelings”).
- THE BEACH COMBERS (banda inicial de Jorge Carvalho).
- OS LORDS (Paulinho Batera).
- OS TÁRTAROS (Sergio Magrão).
- THE LONELIES.
- THE CONDORS (Ale de Matos).
- LES ENFANTS (Fernando Vinhas (vocal), Mario Justin (teclados), Manuel Loureiro (guitarra), Ricardo Teixeira (guitarra ritmo), Franklin-baixo e Betinho (bateria)).
- OS ARANHAS (Paulinho (guitarra), Altino (baixo), Fred (guitarra), Durval(baterista), Paulo Rios (guitarra), logo substituído por Guto (órgão)).
- OS SELVAGENS: (Leo Carion (guitarra solo), Hilton (guitarra ritmo), Edgar (bateria), Mario Carion (baixo), depois adicionaram Sylvio Stuart (piano)).

ENTREVISTA CONCEDIDA AO SITE “SENHOR

Introdução (Fernando Rosa)

Nascido no Rio de Janeiro, The Bubbles – formada por Cesar (solo), Renato (ritmo), Ricardão (baixo), logo substituído por Lincoln, e Ricardo (bateria) – é uma das maiores legendas da história do rock brasileiro. Desde o início da carreira, em meados dos anos sessenta, a banda passou por todas as fases do rock daquela época, da invasão britânica ao hard rock, passando pela psicodelia e pelo semi-progressivo. Em 1966, lançaram o raríssimo compacto com as faixas ‘Não Vou Cortar o Cabelo/Porque Sou Tão Feio’, versões para Los Shakers (Break it All) e Rolling Stones (Get Out Off My Cloud), respectivamente.

Após participarem de shows e programas de TV – abriram para os Herman’s Hermits – e, principalmente, de reinar (ao lado dos Analfabites) no tradicional circuito de bailes na periferia do Rio de Janeiro, acompanharam Gal Costa como banda de apoio. Em 1970, foram assistir ao Festival da Ilha de Wight, e ficando impressionados com o que viram. De volta ao Brasil, resolveram mudar radicalmente a sonoridade da banda, resultando no clássico compacto simples com as faixas ‘Sem Nada/18:30 (Parte I)’ e ‘Os Hemadecons Cantavam em Coro Chôôôôôôô’, lançado em 1971. Nesse meio tempo, a banda participa do histórico álbum ‘Vida e Obra de Johnny McCartney’, com o cantor da Jovem Guarda, Leno (ex-Leno & Lílían), produzido por Raul Seixas.

Em 1972, ganham o prêmio de melhor banda no Festival Internacional da Canção (FIC), o que garante melhores condições para gravar o primeiro LP, batizado de ‘Um Passo à Frente’ (já reeditado em CD), trazendo um rock básico, com algumas faixas numa linha bem progressiva, que saiu em 1973. Nesta época, a banda contava com Pedro Lima (guitarras, harmônicos, vocal), Renato Ladeira (órgão Hammond, Farfisa, Vox, guitarras, vocal), Lincoln Bittencourt (baixo, vocal) e Gustavo Schroeter (bateria, vocal). Em 1975, participam do lendário festival ‘Banana Progressiva’, realizado no Teatro da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, entre os dias 29 de maio e 1º de junho.

Em 1977, após alguns altos e baixos e mudanças de formação, gravam seu segundo e último disco – ‘É Proibido Fumar’, em que adotam uma sonoridade um pouco mais ‘pesada’, abandonando definitivamente o progressivo. Nesta época, a formação era Renato Ladeira (guitarra, teclados e vocal), Pedro Lima (guitarra), Lincoln Bittencourt (baixo, vocal), Sérgio Herval (bateria). Mas as vendas não foram muito boas, decretando o fim da banda, que ainda tocou como banda de apoio de Erasmo Carlos, em uma turnê pelo Brasil. Renato também integrou o grupo gaúcho Bixo da Seda (ex-Liverpool), e depois o Herva Doce, já nos anos 80.

Outra pauta clássica para a redação de “Senhor F”, a entrevista acabou acontecendo por e-mail, com os irmãos Ladeira – Cesar e Renato (filhos de Cesar

Ladeira e Renata Fronzi). Além do papo que resgata a história da banda e boa parte da própria história do rock brasileiro, a dupla ainda liberou três dezenas de fotos, a maioria inédita. Portanto, divirtam-se com mais esta entrevista fundamental para compreender os caminhos do rock nacional.

A Entrevista

Senhor F – Quando surgiu The Bubbles, e porque esse nome?

Cesar Ladeira – Lá por volta do ano 63, a gente ouvia, desbundado, o Chubby Checker cantando ‘The Twist’ ou ‘Let’s Twist Again’, e qual não foi nossa surpresa receber o compacto ‘She Loves You/I Wanna Hold Your Hand’, na lojinha de discos na frente da porta do nosso colégio. A partir daí, foi uma verdadeira loucura. A gente colecionava fotos deles, recortava e colava na parede de nosso quarto. Tudo que a gente via impresso nos jornais, revistas e fotos conseguidas da distribuidora do filme e do disco, era tudo pra parede. Como o sucesso deles estava começando, nas festas que frequentávamos, víamos o que eles eram capazes de fazer com as meninas que enlouqueciam, quando levávamos os discos e todo mundo dançava sem parar. A resolução de criar o grupo veio quando estávamos conversando sobre eles numa festa, daí surgiu a ideia de montar um “conjunto”. Essa era a definição de banda daquela época. Mas tínhamos um pequeno grande problema... Não sabíamos tocar guitarra, muito menos outros instrumentos. E com todo nosso jeitinho, fomos ao papai e mamãe rogar para que eles nos oferecessem um curso de violão, para podermos montar nosso grupo. Como exceção aos padrões da época, nossos pais também nos colocaram para fazer aulas de canto. Canto lírico. Dá pra perceber que ninguém do nosso grupo de amigos acreditava, mas era a pura verdade. Passados alguns meses, continuamos a ouvir tudo que aparecia do ‘London Beat’, e resolvemos encontrar amigos ou amigos dos nossos amigos que tocassem violão, baixo e bateria, pois já tínhamos ideia de como queríamos a formação da banda. Você não tem ideia o que era pedir para a nossa professora de violão nos ensinar uma música dos Beatles: ‘I Don’t Want To Spoil The Party’. Esse realmente foi um sacrifício para ela. É bom lembrar que essa professora havia sido professora do Wilson Simonal e outros big astros da época. Durante o primeiro período de ensaios, a primeira formação era: Cesar (solo), Renato (ritmo), Ricardão (baixo) e Ricardo (bateria). Porém, logo nas primeiras semanas, o Ricardão não se encaixou com as nossas ideias e foi substituído pelo Lincoln Bittencourt, no baixo. Super músico ligado em Beatles, se encaixou com um baixo Hofner em nossa formação. Isso era demais! Igualzinho ao do Paul. A partir daí, os ensaios, na sala de nossa casa, começaram a acontecer diariamente, num trabalho exaustivo de tirar as músicas que gostaríamos de tocar e convencer nossos pais (de todos), que precisávamos de bons instrumentos para poder nos apresentar nos bailes da vida. Quanto ao nome, lembro-me que depois de tanto

conversarmos e pesquisarmos alguma coisa legal chegamos ao seguinte: “precisamos de um nome em inglês que fosse fácil de lembrar, que tivesse irreverência e que começasse com B, pois na bateria queríamos o logo da banda com a mesma logotipia da dos Beatles”. E assim foi... Lembro que minha mãe (NR – Renata Fronzi) é que deu a palavra final... nós éramos uns bolhas, mesmo. Uns pentelhos.

Senhor F – Você tinha que idade?

Cesar Ladeira – Por volta dos 13, 14 anos. Isso era 63, 64.

Senhor F – Quem fazia e fez parte da banda, da primeira e das demais formações? E quem tocava o quê?

Cesar Ladeira – A primeira formação era: Cesar Ladeira (guitarra solo), Renato Ladeira (guitarra rítmica), Ricardão (baixo) e Ricardo 1 (bateria); a segunda: Cesar (guitarra solo), Renato (guitarra rítmica), Lincoln Bittencourt (baixo) e Ricardo 1(bateria); a terceira: Cesar (guitarra solo e gaita), Renato (guitarra rítmica e teclados), Lincoln (baixo) e Ricardo Reis (bateria); a quarta: Pedro Lima (guitarra solo), Renato (gaita, guitarra rítmica e teclados), Lincoln (baixo) e Ricardo Reis (bateria); a quinta, e última: Pedro (guitarra solo), Renato (gaita, guitarra rítmica e teclados), Arnaldo Brandão (baixo) e Johnny (bateria).

Senhor F – E o repertório, além de Beatles, Stones..., o que rolava?

Cesar Ladeira – A ideia era tocar tudo dos Beatles, mas as novidades iam aparecendo e se transformando em repertório – The Rolling Stones, Trini Lopez, The Troggs, Herman’s Hermits, The Animals, Dave Clark Five, Gerry and the Pacemakers, The Kinks, Los Shakers, The Yardbirds, Johnny Rivers, Peter and Gordon, Peter Paul and Mary, The Turtles, The Association, Chuck Berry, Mamas and the Papas, (Loving Spoonful) John Sebastian, The Byrds, The Monkees, Jan and Dean, Steppenwolf, The Hollies, The Zombies, Procol Harum, The Who, The Bee Gees, The Beach Boys, The Rokes (grupo italiano) dentre outros menos votados.

Senhor F – Quais eram as influências; o que vocês ouviam?

Cesar Ladeira – Fora ouvir Beatles o dia inteiro, indo e voltando nas faixas para descobrir nuances, todas as novidades eram ouvidas. Com certeza, o que nos influenciou foram as “maravilhas musicais” dos Beatles, a tal da ‘British Invasion’, do ‘Merseybeat’, dos Byrds (com aquele som das 12 cordas da guitarra Rickenbaker do Roger McGuinn) e Beach Boys. Era a surf music, entrando no nosso sangue.

Senhor F – Vocês faziam shows, festas, bailinhos de escola?

Cesar Ladeira – Sim, tudo o que aparecia: Clube Monte Líbano, com os Analfabítes; Associação Atlética Banco do Brasil; Quitandinha (shows exclusivos em Petrópolis, na boate do hotel onde meu pai havia realizado um monte de

shows com artistas estrangeiros e nacionais na época dos cassinos); Canecão (tocávamos com a banda do Canecão, o grupo Azimuth (do baterista Mamão) que tocava MPB, os Hangmen do Maurício Kaiserman (depois, Morris Albert, cantor de 'Feelings'...), e os Sunshines, dos filhos do comediante Walter D'Ávila); Cervejaria Shinitz; Escola Americana; Esporte Clube Radar com o Guilherme Lamounier (AllStar Band), Renato Terra (Os Nômades) e seu grupo, Mamães e Papais (que o Fernando Adour e a menina faziam conosco uns vocais maravilhosos nas músicas dos Mamas and the Papas); Boliche 300 com a garotada do The Botles, The Gooffies (Dady, da Cor do Som, Pedro Lima, depois d'A Bolha, e Rick Ferreira, ex-Raul Seixas, o super guitarrista mais requisitado de hoje em dia); Grajaú Tênis Clube; Escola Estadual André Maurois, depois das sessões de cinema do Bruninho Barreto, com a banda do americano Bruce Henry (The Outcasts) e o Sound of San Francisco (com um guitarrista careca americano que não me recordo do nome) que fazia projeções psicodélicas com óleos e tintas no fundo do palco com um retro projetor num imenso lençol branco – uma loucura na época, o zé povinho ficava todo de boca aberta; e, ainda, o Colégio Aplicação. Também fizemos uma excursão pelo Espírito Santo, tocando em Cachoeiro do Itapemirim, Mimoso do Sul, Alegre, Castelo, junto com o cantor de Jovem Guarda Ricki Ricardo (que cantava uma música chamada 'Quero Apodrecer Contigo Num Túmulo Qualquer' – algo *dark*, meio *punk* já na época) para agradar gregos e troianos (NR – alguém, por favor, tem isso por aí, pra rodar no programa de Senhor F, na Usina do Som?)

Senhor F – Como pintou a gravação do compacto? Por qual gravadora, e em que ano?

Cesar Ladeira – Durante uma apresentação do grupo em 1966, no programa Mário de Andrade, na TV Globo do Rio, num sábado à tarde, um representante da gravadora Musidisc (o senhor Rosenblit), nos convidou para gravarmos um compacto, ali na coxia do palco antes de atacarmos. E assim foi. Dois meses depois, entramos no estúdio e, em um dia, gravamos as duas versões. Letras essas que foram feitas por amigos nossos que frequentavam os nossos ensaios, e que depois dessa tentativa, nunca mais escreveram nada (William Salvador e o Ameba – não me recordo seu verdadeiro nome).

Senhor F – Como era a sensação de um grupo de meninada lançando um disco?

Cesar Ladeira – A gente não sentia essa impressão. O que queríamos era estar nos programas de TV e sermos considerados ótimos músicos, virtuosos... O que hoje sei que não chegamos a atingir. Nem o sucesso nem a qualidade das nossas interpretações. Porém, mais tarde, nossa meta mudaria, criamos nos bailes (4 horas), um momento especial quando interpretávamos somente Beatles. Que inveja hoje dos Covers!

Senhor F – O compacto teve repercussão na época?

Cesar Ladeira – Para a época do lançamento, nada arranhou a nossa perspectiva de fazer sucesso. A gravadora não dava jabá, e nós também estávamos mais ocupados em preparar bons repertórios para as nossas vesperais, do que estar andando de rádio em rádio, divulgando nosso compacto, o que na época achávamos que era obrigação da gravadora.

Senhor F – Por que versões de Stones e Los Shakers? Por que gravar os uruguaio Shakers?

Cesar Ladeira – Bem, para ser sincero, muito sincero mesmo, quanto aos Stones, eu mesmo não estava muito contente com a música escolhida, pois os achava muito simples. Mas fui vencido pelo grupo e a gravadora, a letra estava pronta e era fácil de “pegar”. Quanto aos Shakers, tenho a dizer que na primeira vez que os ouvi, pensei que era um grupo inglês, ou mesmo os próprios Beatles. Todos nós achávamos excepcional o disco onde essa música estava, sem falar de ‘Never, Never’, o que naquele momento acreditávamos ser uma obra prima. O que apesar dos anos, continuo acreditando. Anos mais tarde, é que soubemos que se tratava de um grupo uruguaio. Mas ainda os considero um grupo excepcional.

Senhor F – Além de gravar o compacto, The Bubbles gravou mais alguma coisa?

Cesar Ladeira – Até a minha saída, além do compacto, fomos a banda que realizou um sonho de artista. Fomos convidados pelo Márcio Greyck e o produtor Durval Ferreira, da Philips/Polydor (um craque da bossa nova), para gravarmos todos os instrumentais de um LP de versões dos Beatles, que seria cantada pelo Márcio, com vocais dos seus irmãos que tinham um grupo vocal. Recordo-me de contar com um estúdio muito mais moderno do que aquele que gravamos o primeiro compacto, com técnicos e produtor muito mais preparados, sem limites para tentar chegar o mais perto das gravações originais, contando com um maestro (senão cometo erros, era o maestro José Paulo, da TV Tupi do Rio), e com todos os recursos para podermos copiar os efeitos, tanto nos instrumentos, quanto nas vozes que gravamos. O engraçado é que nunca consegui ouvir a bolacha. Só me recordo de ouvi-lo mixado no estúdio. E foi só. (NR – a capa do disco pode ser vista no site Ratolaser, que tem link na capa de Senhor F, e o som poderá ouvido em breve, no programa Senhor F, na Usina do Som).

Senhor F – E programas de TV, você se recorda de alguns dos principais programas de que tenham participado?

Cesar Ladeira – Foram vários programas, como o da Hebe, onde tocamos “Piange Com Me” (Record, SP); a canção italiana original do grupo italiano The Rokes fez tanto sucesso, que a banda veio ao Brasil. Foi bis no programa ao vivo. Também Família Trapo (Record, SP): algumas vezes, fazíamos par com o grupo do Ricardinho Corte Real (Os Pulguentos), ensaiando durante o programa e aproveitando a ideia de que toda semana eles apresentavam uma personalidade

durante o mesmo. Embalo do maestro Erlon Chaves (TV Rio): programa de música onde se apresentavam todos os tipos de atrações; tocamos todas as semanas por cerca de um ano. Jovem Guarda: 'Wild Thing' (Record SP); foi uma tremenda apresentação... Renato cantava com umas maracas nas mãos e os bregas todos se assustaram; pediram bis, e nós tocamos de novo e as paulistas gritavam. Fahrenheit: Taiguara e Eliana Pittman apresentavam (TV Tupi Rio); todas as semanas dividíamos o palco com outros grupos, como The Brazilian Bitles, Os Mugstones (será que alguém se lembra do bichinho?...), Os Sunshines *etc.* Festival Universitário (aquele dos Ivan Lins, Gonzaguinha, Belchior, *etc.*): "Eu Quero" (TV Tupi Rio) música minha escrita durante meus anos de Escola de Teatro, com arranjo e orquestra do maestro Guerra Peixe e com coro dos integrantes d' A Bolha. Programa do Chacrinha e programa Mário de Andrade (TV Globo Rio): em um dos programas do Mário, me lembro de uma passagem curiosa que aconteceu. Estávamos programados para tocar antes do maior lançamento do Leno & Lílían, mas ninguém nos avisou e sapecamos 'Hang on Sloopy'. Ao final da nossa apresentação, o Leno quase nos enche de porrada, lá mesmo nos bastidores, pois o próximo número, que seria deles, era o lançamento de 'Pobre Menina', que era a versão em português do mesmo *hit*. Nunca mais nos vimos... Programa Jair de Taumaturgo: TV Rio quase todos os sábados à tarde. E, ainda, programa Vespéral da Juventude: TV Excelsior, Rio de Janeiro aos sábados à tarde.

Senhor F – Vocês chegaram a participar do Primeiro Festival de Conjuntos da Jovem Guarda, organizado pela TV Record, em 1966, e apresentado pelo Roberto Carlos?

Cesar Ladeira – Não que me lembre.

Senhor F – Como vocês reagiram à mudança sonora provocada pelo Sgt. Pepper's e toda a produção de 1967?

Cesar Ladeira – Pirante. Mas devo lembrar que o álbum 'Revolver' já havia deixado marcas profundas, em todos os participantes do grupo, fazendo com que todos nós iniciássemos um período de profundos estudos para realizarmos os melhores sons que já havíamos tentando até então. Gravávamos todos os nossos ensaios em um gravador de rolo para depois podermos ouvi-los e repensar as harmonias, os acordes, as interpretações, os novos efeitos que teríamos que comprar ou adaptar *etc.* Cabe lembrar que, até mais ou menos nessa época, eram poucos os locais aonde fazíamos shows que tinham equipamentos de voz e iluminação. Por várias vezes, fizemos bailes e shows sem microfones para as vozes. Eu me pergunto: e quem ouvia alguma coisa?

Senhor F – Como foi a transição do *beat*, até certo ponto ingênuo, para a psicodelia, para o hard rock?

Cesar Ladeira – Aí morou o perigo! Jimi Hendrix se transformou em nosso ídolo.

Eric Clapton do Cream, nosso príncipe. O que fazer? Quando voltamos de uma viagem a Los Angeles, aonde tocamos durante uma semana num restaurante (Four Seasons), onde um dos maiores amigos de meu pai tocava toda noite – o famoso Joe Carioca, aquele mesmo que era do Bando da Lua, que acompanhava a Carmem Miranda, e serviu como modelo ao personagem Zé Carioca da Disney. Lá, compramos o disco do Cream (o prateado) e novos instrumentos, pedais e acessórios, inclusive uma bateria Ludwig zero bala, amplificadores novos etc., e isso mexeu muito com nossa cabeça. Logo no primeiro dia, queriam que a gente tocasse bossa nova. Afinal, éramos um grupo do “Brazil”! Imaginem nossa cara quando o dono do restaurante viu que a gente tocava aquela música inglesa e não as famosas composições de Tom Jobim. Voltamos completamente psicodélicos, com roupas floridas, desgrenhados e resolvemos rever nosso repertório totalmente. Foi aí que as cabeças começaram a mudar. No drugs at this time...

Senhor F – Como era o lance dos shows-baile que rolavam na periferia do Rio de Janeiro?

Cesar Ladeira – Uma loucura. Como não moro há mais de 25 anos no Rio, não sei se ainda são assim, mas, naquela época, nas domingueiras, o Rio de Janeiro lotava essas funções com cerca de 5 mil pessoas nos clubes. Fora que, nos bailes as sextas ou sábados, o número era maior. O clima era curtir os novos ritmos, as novas danças, o hully gully, a surf music, enfim as novidades que os grupos traziam a cada baile.

Senhor F – Junto com o Analfabites, The Bubbles era uma das mais requisitadas?

Cesar Ladeira – Exatamente, sem dúvida alguma. Convencionou-se que duas bandas eram melhores do que uma, pois cada uma tocava uma hora e intercalavam até o final do dito cujo. Era uma verdadeira competição, o melhor som, a melhor roupa, as músicas novas, a iluminação, enfim o show que cada um poderia realizar mesmo com os escassos equipamentos e quase nenhum cachê. Era por pura diversão e por amor à música. Roadie? Nem pensar. Técnico de som e luz?... O que é isso?... Microfones?... Uma vez fomos ao representante da AKG, no Rio de Janeiro comprar dois microfones para a banda. Os caras não entenderam nada. Pra quê? Vocês são de alguma rádio ou TV? Bem, foram os últimos cachês que recebemos para comprar aquelas maravilhas.

Senhor F – A que se devia esse sucesso?

Cesar Ladeira – Quando realizávamos esses bailes, a gente sempre parava a rapaziada e pedia para que eles se sentassem no chão do local para que pudessem assistir a um momento muito especial. Quando todos estavam quietinhos, nós mudávamos a iluminação e fazíamos um show só com Beatles. O povo vibrava, aplaudiam de pé, gritavam com nas sessões de cinema do ‘A Hard Days Night’, meio na brincadeira, mas curtindo adoidado. Os que nos conheciam,

e frequentavam nossos shows, ficavam aguardando quais as novas músicas que iríamos apresentar. Esse era o nosso momento. Essa adrenalina, jamais vou esquecer. Lembro-me de alguns anos atrás, uma de minhas filhas, me contou que um de seus professores da faculdade era nosso fã e não perdia uma domingueira. Que loucura, cara. Estamos ficando velhos...

Senhor F – Que outras bandas se destacavam neste circuito?

Cesar Ladeira – Para me lembrar de algumas, aí vai: Analfabites, Brazilian Bittles, The Bottles, The Sunshines, The Hangmen (NR – já rodou no programa Senhor F, na Usina do Som), Os Mugstones, os Cougars (do Gustavo e da Milena), os Red Snakes (NR – idem), os Jet Black's, Renato e Seus Blue Caps, os Fevers e os Famks (Roupa Nova).

Senhor F – Como era o público desses bailes?

Cesar Ladeira – Era o Rio. A cara do Rio de Janeiro dos anos 60. Todo mundo ia nesses bailes, domingueiras e pequenos shows improvisados em clubes menores como o Radar. Esse era o nosso 'Cavern Club'. Nesse local, que nem sei se ainda existe, a turma se juntava e aí ia tocar as músicas mais legais. Fazíamos 'jam sessions', com membros de outros grupos que se sobressaíam na cena carioca. Mas, a juventude do Rio comparecia em peso. Por isso, grandes músicos e bandas apareceram depois... o *rock and roll* estava em todos os cantos da cidade... Sempre alguém conseguia um compacto novo com algo ainda não ouvido, e que logo na semana seguinte, algum conjunto estava apresentando.

Senhor F – Até quando você, Cesar, ficou na banda? É isso mesmo; o que exatamente aconteceu? O que você foi fazer, então?

Cesar Ladeira – Até 1968/69, quando resolvi estudar cinema e fazer o vestibular para Direção Teatral, na Escola de Teatro do Rio de Janeiro. Acabou a magia... Minhas ideias iam longe, e somente a música não estava me completando, queria abrir novas fronteiras. E foi o que fiz. Iniciei minha carreira no cinema, trabalhando no estúdio do meu avô (Adhemar Gonzaga), um dos pioneiros do cinema brasileiro. Fui assistente de direção em um longa metragem produzido e dirigido por ele, e gerente do estúdio durante um bom tempo. Nesse longa metragem, 'Salário Mínimo', The Bubbles, já com o Pedro Lima de guitarra solo, Arnaldo Brandão de baixo e Johnny na bateria fazem um número musical... Raridade... Não consigo recordar qual a música eles tocaram... O Renato com certeza deve lembrar.

Renato Ladeira – Não lembro...

Senhor F – Você, Cesar, abandonou a música nesta época? Ou continuou tocando?

Cesar Ladeira – De jeito nenhum. A única mágoa foi emprestar a minha Fender Stratocaster 66 Sunburst e o meu amplificador Fender para o Pedro, e nunca mais soube dela e dele. Eta emprestimozinho desgraçado... Tempos depois,

antes de me casar e mudar para São Paulo, tentei armar um grupo no Rio de Janeiro, tocando baixo, mas a coisa não evoluiu. Somente em 1988, andei tocando aqui em Sampa com uns amigos do grupo Sunday, no Victoria Pub, mas assim mesmo foram umas poucas vezes. Ainda tenho as minhas guitarras, violões, amplificador e pedais, mas só me divirto sozinho, ou numa festa de fim de ano de alguma empresa que trabalho.

Senhor F – Como foi o lance da Ilha de Wight?

Renato Ladeira – Os integrantes da Bolha na época acompanhavam a Gal Costa no show da boate Sucata no Rio de Janeiro, junto com músicos como Naná Vasconcelos, Márcio Montarroyos, Yon Muniz, Ricardo Garcia com direção musical de Jards Macalé. Nesse show, Gal cantou pela primeira vez a música “London, London”, de Caetano Veloso. Gal nos chamou para ir ao festival. Foram Arnaldo Brandão (Hanói Hanói), Pedro Lima e Gustavo Shroeter (A Cor do Som). (NR – na próxima edição, vamos ter super entrevista com Arnaldo Brandão, com detalhes sobre a ida a Ilha de Wight).

Senhor F – O que fizeram por lá, além de assistir ao Festival? Tocaram, fizeram shows, conheceram músicos?

Renato Ladeira – Eu sei que eles se juntaram num local do festival com músicos como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Mautner e outros brasileiros. O pessoal deve ter gostado e os convidaram para subirem ao palco do festival numa das tardes. Tocaram durante uma meia hora. Um ‘happening’ brasileiro.

Senhor F – Qual foi o balanço da experiência, na época?

Renato Ladeira – A banda resolveu que teríamos que trocar todo o nosso repertório que ia de Led Zeppelin a Grand Funk Railroad e compor nossas próprias músicas.

Senhor F – Na volta, vocês trocaram o nome da banda para A Bolha, ou seja, aportuguesaram o nome?

Renato Ladeira – Foi uma virada radical.

Senhor F – Reza a lenda que o público carioca não gostou nem um pouco; que chegaram a vaia a banda nos bailes; isso é verdade?

Renato Ladeira – No primeiro lugar que tocamos (Clube Mauá, de São Gonçalo) estava anunciada a volta do The Bubbles, que enchia qualquer ginásio da época. Tinham umas cinco mil pessoas. Quando anunciamos que a banda agora só tocaria um repertório nosso, em português, o povo começou a ouvir, e aos poucos foi indo embora. No final, acredito que tinham umas 350 pessoas. Mas não houve vaias. Eh, zé povinho...

Senhor F – A troca de nome tinha por trás uma mudança de conceito; de compor e cantar em português? Como rolou isso, e que receptividade efetivamente vocês tiveram junto ao público?

Renato Ladeira – Claro. Era a mudança de postura e a maneira de mostrar a nossa criatividade. Depois daquele primeiro impacto, resolvemos fazer a mudança de maneira menos radical, pois precisávamos ganhar uns cobres e adorávamos tocar, sempre para um número maior de pessoas. Então, mesclamos nosso repertório nacional com sucessos que as pessoas adoravam nos ver tocar como Rolling Stones, Grand Funk, Led Zeppelin, Hendrix, Cream, *etc.* Deu certo.

Senhor F – A Bolha, de certa forma, antecipou a formatação do que veio a ser o rock brasileiro dos anos 70?

Renato Ladeira – Acredito que nós e alguns grupos *underground* ajudamos a forçar a entrada do ‘*acid rock*’, o rock lisérgico brasileiro. Lembro-me de uma vez que tocamos num subúrbio do Rio de Janeiro abrindo para a atração principal: Os Mutantes. As pessoas iam embora durante o show deles. Acredito porque o nosso era mais pesado e impactante; o deles era mais pop. Isso que, nessa época não havia PA. Nós juntávamos vários amplificadores e caixas acústicas, e criávamos nosso próprio PA. Retorno? Retorno era o som que a gente ouvia de volta do ginásio.

Senhor F – A banda participou de algum festival nesta época, como Guarapari, por exemplo; como eram esses festivais?

Renato Ladeira – Nós éramos os malditos. O pessoal que foi fazer o som do Festival de Guarapari desligou o nosso equipamento três vezes porque eu, Renato, rodava o microfone pelo fio, como o Roger Daltrey do The Who, e eles acreditavam que eu quebraria o equipamento deles. Mas foi um festival fantástico. Teve a presença dos Novos Baianos, do grupo Soma (Bruce Henry, Alyrio e Jaime) além de várias bandas. Ah... é claro que o ápice foi o salto do palco do Tony Tornado.

Senhor F – Antes do primeiro LP, de 73 (é isso?), vocês gravaram um compacto (com Sem Nada)?

Renato Ladeira – Sim. “Sem Nada” e “18 e 30”, de Eduardo Souto Neto e Geraldo Carneiro, com produção do Ademir Lemos, para a Top Tape. Com “18 e 30”, participamos do Festival Internacional da Canção da TV Globo e ganhamos o prêmio de revelação do Festival.

Senhor F – Nesta época, A Bolha gravou mais alguma coisa?

Renato Ladeira – Acho que só a participação no disco solo do Leno.

Senhor F – Alguma participação em coletâneas, por exemplo?

Renato Ladeira – Acredito que não.

Senhor F – Depois do primeiro LP, você, Renato, foi tocar com o Bixo da Seda, continuidade do Liverpool? Como rolou isso?

Renato Ladeira – Eles vieram até o Rio e me convidaram para participar da

banda e do disco que gravamos.

Senhor F – Como foi a experiência de tocar com o grupo?

Renato Ladeira – Fantástica. Músicos de primeira linha. Mimi e Marcos Lessa *etc.* (NR – neste exato momento da edição, a redação de “Senhor F” recebeu a ligação de Samuel, sobrinho de Marcos Lessa, dando notícia, telefones e e-mail do tio... Depois, ainda duvidam dos astros...? Aproveitando, então, tem papo com ele na próxima edição, falando do Liverpool, Bixo da Seda *etc.*...).

Senhor F – Como foi gravar o único disco da banda, pela Continental?

Renato Ladeira – Ótimo, Adoraria ver esse disco em CD. Era uma mistura de rock com rock progressivo. (NR – Senhor F até já sugeriu um ‘dois em um’, com Bixo da Seda + Liverpool, mas o pessoal anda muito devagar, pelo jeito...).

Senhor F – Você, Renato, chegou a participar do segundo LP da Bolha, lançado em 1977? Se participou, como foi gravar aquele disco com uma pegada meio voltada para a Jovem Guarda?

Renato Ladeira – Não. Só como compositor.

Senhor F – Qual foi a receptividade do disco?

Renato Ladeira – O disco chegou a tocar um pouco nas rádios AM, do Rio, mas não deslanchou. Então, a banda foi acompanhar Erasmo Carlos na sua excursão do ano, e lá estava eu de volta na banda.

Senhor F – No final da década, você, Renato, tomou outro rumo musical, e foi tocar com o Herva Doce, no começo dos anos oitenta?

Renato Ladeira – Eu trabalhava na época como diretor de TV, na TV Bandeirantes do Rio e tinha músicas minhas gravadas pelo grupo Roupas Novas. O Marcelo Sussekind, que trabalhava como técnico de estúdio e PA, me chamou para gravarmos um tape durante o carnaval de 82, se não me engano. Bom, eu saía da Marquês de Sapucaí, trabalhando na TV, para o estúdio do Chico Batera, onde Marcelo trabalhava e gravamos quatro músicas, a princípio com uma bateria eletrônica emprestada pelo Arnaldo Brandão. Gravamos todos os instrumentos e, depois, chamamos nosso amigo Sérgio Della Mônica, que inseriu sua inconfundível bateria.

Senhor F – Quem integrava a banda junto com você?

Renato Ladeira – Eu e Marcelo queríamos fazer como o Steely Dan, que era uma dupla de músicos, arranjadores e produtores que gravavam em estúdio com convidados. Mas a gravadora não aceitou a ideia de que era muito moderna para os moldes brasileiros e nos convenceu a montar a banda.

Senhor F – E como foi a experiência de tocar com e para uma nova geração?

Renato Ladeira – Foi estimulante. Os músicos que criaram o Herva Doce comigo

eram da minha geração: Marcelo Sussekind (A Bolha), Paul de Castro (Veludo e Mutantes) e Sérgio Della Mônica (Tutti Frutti). Só depois que entraram o Pena e o Roberto Lly (músicos mais jovens).

Senhor F – Havia diferença entre o início da carreira, nos anos 60, e os anos 80?

Renato Ladeira – A grande diferença dos anos 80 foram as rádios FM que abriram um espaço enorme para o nosso rock e o nosso pop.

Senhor F – O que você fez, além disso?

Renato Ladeira – Tocava em discos de outros artistas, compunha e produzia alguns discos.

Senhor F – Que avaliação vocês, Renato e Cesar, fazem da evolução do rock brasileiro, desde os anos sessenta?

Cesar Ladeira – A evolução é evidente. Mas ainda falta voltarmos às raízes do rock e com o nosso talento redescobrirmos os verdadeiros expoentes da nova onda do *rock* nacional.

Renato Ladeira – Acho que as gravadoras, hoje em dia, estão muito imediatistas. Estão faltando pessoas competentes que descubram novos talentos e acreditem que eles farão carreira. São raros os exemplos de novos artistas que se estabeleceram no mercado à duras penas, porque nem sempre o povão vai entender a sua música na primeira vez que ouvir. Muitos deles ficaram por aí, sem chance, pelo simples fato de não terem alcançado um patamar de vendas satisfatório para a gravadora no primeiro CD. Tem muita gente boa por aí.

Senhor F – O Brasil construiu uma linguagem própria no terreno roqueiro, digamos assim?

Cesar Ladeira – O que acredito é, que com toda essa base que relatei, os mais novos aproveitaram para beber dessa fonte. Com letras fantásticas em português, nós conseguimos criar um rock nacional de altíssima qualidade e que ainda hoje, de vez em quando surgem músicas excepcionais. Com certeza isso não é MPB. Isso é *Rock and Roll*, feito com legítimas raízes brasileiras. Afinal, ele é universal. O único problema desse país é não ter história.

Senhor F – O que vocês acham da Jovem Guarda?

Cesar Ladeira – Bem, pra mim, logo quando ouvi pela primeira vez, achei cafona. Os caras tinham cara de suburbanos, e a gente se vestia como os Beatles tinham uma atitude diferente, mais londrina, mais *groove*, e esses carinhas só queriam agradar as fanzocas da TV. Mas, quando comecei a perceber alguns sujeitos, tal como o Gato (ex-Jet Black's e guitarrista do grupo que acompanhava o Roberto), aí a coisa começou a mudar. Quando os Mutantes apareceram, o mundo mudou. Tentamos em vão encontrar o irmão do Sérgio Dias, que fazia as guitarras do grupo, para tentar usar alguns efeitos que ouvimos... e nada. Nesse momento, começamos a ouvir as versões gravadas pelo Erasmo e outros artistas que

cantavam rock de raiz, e nesse instante passamos a respeitá-los.

Senhor F – Atualmente, vocês ouvem o quê; acompanham as novidades?

Cesar Ladeira – Bem, para dizer a verdade, ainda peregrino pelas lojas e pelas estações a cabo para tentar encontrar coisas legais, e dificilmente consigo ouvir alguma coisa que preste. Na real, ainda estou tentando comprar em CD as maravilhas gravadas nos anos 50, 60 e 70, para a minha coleção pessoal.

Renato Ladeira – Eu ouço de tudo. Adoro tudo o que traz de volta aquela sensação de estar ouvindo e viajando naquela melodia, naquele arranjo de bom gosto que aprendi a gostar ouvindo Beatles. Tenho o maior prazer de dizer: a minha escola musical foi ouvindo Beatles. Meus eternos mestres.

Senhor F – Vocês se ligaram na música eletrônica, ou seguem preferindo o rock mais, digamos, básico?

Cesar Ladeira – No. Mother fuckers... Reis do sampler... Que merda...

Renato Ladeira – Eu não posso dizer isto porque trabalhei anos na TV Globo como produtor musical de novelas e fiz muita coisa boa com samplers e computadores. Aliás, até hoje tenho um estúdio em que faço *jingles* e trilhas para comerciais de rádio e TV. Mas nada como um bom arranjo tocado por uma boa orquestra ensaiada. Fui o produtor do Festival da Música Brasileira da TV Globo e tivemos grandes arranjadores como Jacques Morelenbaum, Eduardo Lages, Wagner Tiso, Maurício Maestro, Luizinho Avelar, dentre outros. Mas quem levou? O meu amigo Luís Sérgio Carlini (Tutti Frutti) que montou uma banda, arranjou e tocou a música vencedora do festival. Puro rock and roll brasileiro.

Senhor F – Vocês têm alguma preferência musical especial?

Cesar Ladeira – *Blues e country music*. Realmente, estou desbundado, tanto com a produção e a qualidade desses jecas americanos que conseguem fazer um verdadeiro *rock and roll* até hoje.

Renato Ladeira – Também amo *country music*, da produção, das composições, dos cantores, dos músicos, até a produção. Mas também gosto, digo amo, Peter Gabriel. Ouço muita coisa, e gosto de tudo. Desde que a música te passe algum sentimento sincero, eu ouço e adoro.

Senhor F – Como vocês veem atualmente o mercado nacional para o *rock*?

Cesar Ladeira – Minha paixão continua e continuará pelo maior dos virtuosos da guitarra deste planeta chamado Lulu Santos. Esse cara, se não me engano ou sou cometido por uma infâmia, foi um dos últimos guitarristas do RC. Passou pelo básico e hoje continua sendo o maior representante do rock nacional. Não quero me esquecer do Skank, da Blitz, dos Paralamas, do Barão, dos Los Hermanos, e quero ficar longe dos axés, dos pseudo *covers* brasileiros de Bob Marley e de outras abraçadeiras que nada contribuíram ao nosso cenário musical.

Renato Ladeira – Eu acho que o nosso rock precisa de um pouco mais de melodia, como Los Hermanos, Os Raimundos (que pena), isso sem desmerecer a

rapaziada que está fazendo aquela mistura de rock com rap que, para mim, pouca coisa me agrada. Adoro a trupe da minha época (do Herva), Paralamas, Titãs, Kid Abelha, Barão Vermelho, os sobreviventes.

Senhor F – Você, Cesar, tem contato com o que acontece no circuito alternativo nacional?

Cesar Ladeira – Muito pouco. Como falei, ainda me encontro, aqui em Sampa, com alguns membros do antigo Sunday (Claudinho Morgado, baixista). Trocamos ideias e marcamos para sair tocando por aí. E isso acaba não acontecendo. Algumas novidades, fico sabendo através do Renato, que é produtor musical.

Renato Ladeira – Muita música de altíssimo nível está se fazendo pelo nosso Brasil, é só dar chance pra esse pessoal.

Senhor F – Vocês acham que a garotada está tendo mais ou menos chance de que vocês, na época?

Cesar Ladeira – Com certeza, essa seria a vez desses garotos, pois em termos de tecnologia e acesso aos mais diversos tipos de divulgação, com esses equipamentos e instrumentos de hoje, só não aparece quem não tem talento. Pena que a gente não tinha os equipamentos de hoje... Lembro-me do papo do John Lennon falando que não queria se apresentar ao vivo, pois ninguém ouvia o que eles cantavam... É igualzinho. Você assistiu ao Paul no Brasil e deve se lembrar do comentário dele em umas das primeiras músicas no Maracanã...

Renato Ladeira – Hoje em dia temos a MTV. Isso foi o que de melhor aconteceu para o rock e o pop nacional. Se você faz um *clip* caseiro da sua banda, se sua música for boa e tocar na MTV, a banda será conhecida no Brasil muito mais rápido que na nossa época. Matávamos um dragão por dia.

Senhor F – Como veem a Internet no processo musical?

Cesar Ladeira – A faca de dois gumes. Com certeza, ela será fundamental daqui a algum tempo. Mas te lembro de que mesmo nesse país em que vivemos, viver de direitos autorais ainda é um risco. Aliás, quando é que isso vai ter fim? Se as grandes gravadoras não se cuidarem, a internet e a pirataria acabam com elas.

Senhor F – Quais bandas ou intérpretes vocês destacariam, hoje, como seus heróis de todos os tempos; daqui e de fora do Brasil?

Cesar Ladeira – Beatles, Yes, Los Shakers, Jimi Hendrix, Eric Clapton, John Sebastian, Mamas and the Papas, Mutantes, The Who, CSN, Chuck Berry, Elvis Presley, Byrds e Beach Boys.

Renato Ladeira – Além desses, não poderia deixar de mencionar King Crimson, Genesis, Stelly Dan, Rolling Stones, Bob Dylan, Cream, Pink Floyd, além de muitos outros. Daqui da brazuca, o meu herói e pai do nosso *rock and roll* é Erasmo Carlos.

Senhor F – E quais os discos da ilha, os principais, ou mais importantes da

história do rock (se possível, façam uma lista de 5 ou 10 nacionais e estrangeiros).

Cesar Ladeira – Beatlemania/The Beatles, Rubber Soul/The Beatles, Sargent Pepper's/The Beatles, Magical Mystery Tour/The Beatles, Surfin USA/The Beach Boys, Axis, Bold as Love/Jimi Hendrix, Pet Sounds/The Beach Boys, California Dreamin'/The Mamas and Papas, Crosby, Stills, and Nash/C, S & N, The Byrds/The Byrds.

Renato Ladeira – Emerson, Lake and Palmer (o primeiro da pomba); King Crimson (o primeiro); Pink Floyd (Echoes e Umagumma); Jimi Hendrix (Are You Experienced?); The Beatles/Sargent Pepper's; Beach Boys (aquele que não saiu por causa do Sargent Pepper's; NR: Smile); Genesis (The Lamb Lies Down On Broadway); Rolling Stones (Beggar's Banquet); Shania Twain (The Woman in Me); Humble Pie (Live, duplo).

Senhor F – Incluindo-se, o irmão não vale, no instrumento que toca (va), quem convidaria para montar uma banda especial ? (Valem todos os músicos do mundo, de todas as épocas e gêneros).

Cesar Ladeira – Gustavo, baterista da Cor do Som, ex-Bolha; Lincoln ex-Bubbles, no contrabaixo; Maran, Analfabites, no teclado; Lulu Santos na guitarra e os irmãos brother Bubbles nos arranjos e vocais.

Renato Ladeira – Eric Clapton, na guitarra, meu irmão fazendo base de violão e guitarra, Lincoln ex-Bubbles, no baixo, Ringo Starr e Sérgio Herval (Roupa Nova), nas baterias, John Lord do Deep Purple, no órgão Hammond e eu e o Peter Gabriel nos vocais.

PERFIL NO SITE WHIPLASH

Por Márcio Ribeiro (Creedance)

É incrível a história de A Bolha, que iniciando como The Bubbles, passou de um mero conjunto de bailes da zona sul do Rio de Janeiro, para se tornar no período de quatro anos em um dos melhores e mais pesados conjuntos de bailes do seu estado. Depois, arriscaram tudo e deram o salto, investindo mesmo contra os conselhos de empresários, em repertório e imagem própria. Tornam-se então A Bolha, que com algumas mudanças cruciais de integrantes, pavimentam o caminho para futuras bandas como Modulo 1000 e Veludo Elétrico, além de seus integrantes fundarem posteriormente outras bandas de maior êxito comercial como Herva Doce e Hanoi Hanoi.

A história de A Bolha começa com as aspirações musicais dos irmãos Cesar e Renato Ladeira. Em uma viagem com os pais aos Estados Unidos, os dois adolescentes se vêem pegos em meio ao turbilhão da Beatlemania. Com noções de violão, passam a se dedicar ao instrumento com mais afinco. Com a intenção fixa de formar um conjunto, encontram Lincoln Bittencourt e Ricardo a formação ideal.

Nasce, portanto, The Bubbles.

The Bubbles (65-70)

Renato Fronzi Ladeira – guitarra, teclados e vocais

Cesar Fronzi Ladeira – guitarra

Lincoln Bittencourt – baixo

Ricardo Roriz – bateria

O próximo passo foi eletrificar a banda, todos investindo em guitarras elétricas, além do infalível órgão Farfisa. Junto com Renato e Seus Blue Caps, The Fevers, The Clevers e outros daquele período, The Bubbles tornou-se uma boa e respeitável banda de baile, atuando em clubes sociais e festas escolares. Com um repertório típico dos conjuntos de baile da época, oferece horas de agito nos sábados com fartas dosagens de Rolling Stones, Beatles, no melhor estilo lê-lê-lê. Com um contrato com a Musidisc, lança os compactos “Não Vou Cortar o Cabelo” que é uma versão em português de “Break It All” do The Shakers. O lado B segue a mesma lógica, oferecendo uma versão de “Get Off My Cloud” dos Rolling Stones chamado “Porque Sou Tão Feio.”

A popularidade do grupo vai crescendo, assim como a habilidade do conjunto de imitar com mais afinco, a sonoridade de suas bandas prediletas. Essencialmente uma banda de zona sul, passa rapidamente a cobrir e ser aceitos também na zona norte e subúrbios. O repertório passa a ficar cada vez mais diversificado, mudando conforme os tempos. Em 1968, o irmão mais velho Cesar Ladeira deixa The Bubbles para se dedicar aos estudos. Acabaria se formando e seguindo uma vida próspera trabalhando na publicidade. Em seu lugar veio Pedro Lima, um guitarrista com um gosto por rock mais pesado. Não demoraria a Lincoln Bittencourt também deixar o grupo, sendo substituído então por Arnaldo Brandão de dezoito anos, que tocava na banda The Divers.

Com a nova formação, The Bubbles se transformava em um conjunto bem mais pesado. Seu repertório passava a incluir Cream, Hendrix, e mais tarde Grand Funk e Black Sabbath. Ainda basicamente um conjunto de baile, e, portanto limitados a tocar conforme as exigências do mercado foram cada vez se apresentando menos na zona sul e se concentrando mais na zona norte e subúrbio do Rio de Janeiro. Por saber identificar com perfeição as necessidades de seu público, que é essencialmente manter um pique de agito para a galera poder dançar e sarrar apesar de todas as suas frustrações da semana, The Bubbles rapidamente passou a ser identificado como uma das melhores e mais respeitadas bandas de baile da cidade.

De uma banda capaz de atrair facilmente cerca de trezentas a quatrocentas pessoas em apresentações em colégios, para atrair quinhentas a mil e quinhentas pessoas em bailes, The Bubbles já atrai por volta de cinco mil pessoas em

apresentações nos fins de semana. Em 1970, é contratada como banda da cantora Gal Costa, em show dirigido por Jards Macalé e Hélio Oiticica. Em meados do mesmo ano, visitam Caetano e Gil na Inglaterra durante o período de exílio dos dois baianos. Enquanto lá, assistem ao festival na Ilha de Wight, série de apresentações que terá grande impacto sobre a banda e influência na música que passarão a fazer dali em diante. Ao retornar para o Brasil, mudam a referência musical da banda passando a ser mais voltados ao blues-rock pesado. Começam também a compor seu próprio material. Pouco depois, mudam de nome e passam a se chamar A Bolha.

A Bolha (70-78)

Renato Fronzi Ladeira – guitarra, teclados e vocais

Pedro Lima – guitarra

Arnaldo Brandão – baixo

Ricardo Reis – bateria

O primeiro show da A Bolha foi em Niterói para um público de quinhentas pessoas. Tudo em relação à banda pegou todos no baile de surpresa. A diretoria do clube promoveu a noite como The Bubbles direto de Ilha de Wight, ignorando completamente a informação dada com antecedência de que a banda havia mudado de nome. E durante o show, tocando apenas o repertório novo, que por sinal eram composições novas que ninguém conhecia. O resultado foi desastroso com um período de vaia seguido por abandono do salão. Ao final do show, havia menos de quinhentos marmanjos assistindo curiosos enquanto suas namoradas resmungavam. Ninguém dançou.

Passaram a tentar se apresentar em teatros, porém o dinheiro arrecadado na bilheteria muitas vezes mal dava para pagar o aluguel do local. A aceitação da nova proposta da banda e novo repertório era nestas ocasiões bem maior, porém o grande público de A Bolha continuava sendo o público de bailes, querendo dançar nos sábados à noite.

O sucesso financeiro encontrado através dos bailes fez com que seus integrantes fossem acostumados a certo nível de conforto. Compraram, no passado, móveis e imóveis, e prestações precisavam ser pagas. Uma realidade de mercado obrigou a banda a rever suas concepções iniciais. Procuram um meio termo montando um repertório híbrido e banindo várias das canções novas do grupo em palco. Ao mesmo tempo, procuram aproveitar os ensaios para aperfeiçoá-los cada vez mais.

Surge então a oportunidade das primeiras sessões de gravação profissionais. Lançam assim em 1971, um compacto simples pela gravadora Top Tape com as músicas, “Sem Nada” / “Dezoito e Trinta.” A falta de repercussão com o trabalho somados a perda gradativa de seu público maior causam incertezas entre integrantes quanto à validade ideológica encontrada em *power-chord blues e rock pauleira*. A terceira formação de A Bolha seria montada então em 1972.

Em final de 1971, foi a vez de Ricardo Bittencourt deixar o grupo. Com um show importante marcado no Clube Monte Líbano, A Bolha servindo como banda de apoio para Sergio Mendes, Ricardo foi substituído inicialmente por Johnny (?). No entanto, o pai de Johnny não permitiu que seu filho se envolvesse seriamente com rock, e o obrigou a deixar o conjunto e a se dedicar mais aos estudos. Com calma e mais tempo para procurar alguém à altura da seriedade que a banda precisava, encontram Gustavo Shroeter.

A persistência do grupo em investir no próprio som e na própria imagem é paga quando conseguem um contrato com a gravadora Continental para o que se torna o álbum de estreia da banda. Intitulado “Um Passo À Frente,” o disco se propõe a ser exatamente isto. Lançado em 1973, o disco oferece sete faixas, todas as composições próprias.

Renato Fronzi Ladeira – guitarra, teclados e vocais

Pedro Lima – guitarra

Arnaldo Brandão – baixo

Gustavo Shroeter – bateria

1. Um Passo à Frente (Renato Ladeira, Pedro Lima, Gustavo Schroeter, Lincoln Bittencourt)
2. Razão de Existir (Pedro Lima)
3. Bye My Friend (Pedro Lima)
4. Epitáfio (Renato Ladeira, Pedro Lima, Gustavo Schroeter, Lincoln Bittencourt)
5. Tempos Constantes (Pedro Lima)
6. A Esfera (Pedro Lima)
7. Neste Rock Forever (Wolf, Pedro Lima, Carlos Maciel)

Considerado por muitos como a melhor fase do grupo, infelizmente esta formação dura apenas por um ano. A Bolha vê 1974 chegar tendo que montar uma nova cozinha. Arnaldo ao deixar a banda, passa a acompanhar Raul Seixas e depois Jorge Mautner, já como membro da banda Bomba Atômica. Gustavo deixaria o grupo para se juntar à nova encarnação do Veludo, antigo Veludo Elétrico. Já na nova encarnação de A Bolha, no baixo retorna Lincoln Bittencourt, enquanto na bateria chega o novato Léo Cesar. Para que Renato possa cuidar exclusivamente dos teclados, Marcelo Sussekkind adere à trupe transformada agora pela primeira vez em um quinteto.

Renato Fronzi Ladeira – teclados e vocais

Pedro Lima – guitarra

Marcelo Sussekkind – guitarra

Lincoln Bittencourt – baixo

Léo Cesar – bateria

Em 1976, Sérgio Herval assume a bateria no lugar de Léo e a banda se prepara para gravar o seu segundo álbum, agora pela gravadora Polydor. Este, ao contrário do anterior, apresenta várias versões de composições conhecidas, velhos roques da Jovem Guarda, além das composições da banda. Um reflexo desta direção está no nome “É Proibido Fumar”, título de um rock clássico de Roberto e Erasmo. A relação das faixas e seus compositores seguem com:

Renato Fronzi Ladeira – teclados e vocais

Pedro Lima – guitarra

Marcelo Sussekind – guitarra

Lincoln Bittencourt – baixo

Sérgio Herval – bateria

1. Deixe Tudo de Lado (Nixon – A Bolha)
2. Difícil É Ser Fiel (A Bolha – Edil)
3. É Proibido Fumar (Erasmo Carlos – Roberto Carlos)
4. Estações (Renato Ladeira)
5. Sai do Ar (Massadas – A Bolha)
6. Consideração (Erasmo Carlos – Roberto Carlos)
7. Torta de Maçã (Massadas – A Bolha)
8. Luzes da Cidade (Ramos – Márcio)
9. Clímax (Jean Pierre – A Bolha)
- 1
0. Vem Quente Que Eu Estou Fervendo (Carlos Imperial – Eduardo Araújo)
- 1
1. Talão de Cheque (Massadas – A Bolha)

No mesmo ano, todos os integrantes de A Bolha, com exceção de Renato Ladeira, se associam ao Erasmo Carlos, para a faixa “A Terceira Força” (Erasmo Carlos – Roberto Carlos) do próximo álbum de sua carreira, “Pelas Esquinas de Ipanema”, lançado também pela Polydor em 1978. A banda nesta faixa sendo:

Erasmo Carlos – vocais

Rubinho Barra – piano

Pedro Lima – guitarra

Marcelo Sussekind – guitarra

Lincoln Bittencourt – baixo

Sérgio Herval – bateria

Em 1978, A Bolha encerra definitivamente suas atividades. Com quatorze anos de existência e dois discos de pouca vendagem, tornam-se um exemplo clássico de como era difícil sobreviver fazendo rock na era pré Rock ‘n’ Rio. Quase todos os seus integrantes tiveram carreiras significativas no meio da música, muitos conhecendo sucesso nacional em outras bandas.

Renato Ladeira – Herva Doce

Pedro Lima – Herva Doce

Marcelo Sussekind – Herva Doce, produtor

Sérgio Herval – Roupa Nova

Arnaldo Brandão – Doces Bárbaros,

Outra Banda da Terra, Brylho da Cidade e Hanoi Hanoi

Gustavo Shroeter – Veludo, Porque Sim e Cor do Som



Bibliografia

RODRIGUES, Nélío. Histórias Perdidas do Rock Brasileiro, vol. 1 – Editora Ampersand, 2009

RODRIGUES, Nélío. Histórias Secretas do Rock Brasileiro Editora 5W, 2014.



O Autor



Cesar Fronzi Ladeira, músico, publicitário, diretor de filmes e comerciais de TV, resolveu registrar suas memórias da década de 1960, após a morte de seu irmão Renato, companheiro de banda e amigo de todas as horas, recolhendo memórias e acontecimentos de sua jornada enquanto guitarrista do conjunto The Bubbles, durante sua permanência no grupo.

Relembra fatos que os levaram a criar o conjunto, suas experiências nos ensaios, shows e bailes daqueles anos. Com depoimentos de contemporâneos e músicos da época, revive fatos e curiosidades que aconteceram na Zona Sul do Rio de Janeiro. Conta suas influências e determinação durante aqueles anos, incluindo histórias familiares que os tornaram figuras conhecidas naquele circuito chamado de iê-iê-iê. As bases artísticas vieram da influência de seus pais e avós, artistas muito conhecidos e venerados naqueles tempos. Seus avós maternos, vindos da Itália, tinham uma companhia de operetas que viajava por todo o país; e seus pais Renata Fronzi e Cesar Ladeira trabalharam no rádio, teatro e televisão onde se destacaram.

Contemporâneos como Evandro Mesquita do grupo Blitz, Marcio Greyck, cantor e compositor, Sergio Magrão do grupo 14 Bis, Lilian Knapp, da dupla Leno & Lilian, ex-componentes do conjunto, antigos fãs, colegas de escola, além de outros músicos das bandas da época relatam suas interações e casos engraçados daqueles tempos.

Visite a nossa Livraria e conheça nossas obras.

Acesse Planeta Azul Editora



Julho de 2021